

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Uma Casa do Povo em Vila Viçosa:
Uma Praça Coberta entre Terreiros

Francisco Santos Batista Albuquerque

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador:
Arquiteto José Carlos Simões Neves, Professor Auxiliar
Convidado,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2025

iscte

TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Uma Casa do Povo em Vila Viçosa:
Uma Praça Coberta entre Terreiros

Francisco Santos Batista Albuquerque

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador:
Arquiteto José Carlos Simões Neves, Professor Auxiliar
Convidado,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2025

UMA CASA DO POVO EM VILA VIÇOSA: UMA PRAÇA COBERTA ENTRE TERREIROS

Francisco Albuquerque

5º ano PFA 2024/2025

UMA CASA DO POVO EM VILA VIÇOSA: UMA PRAÇA COBERTA ENTRE TERREIROS

Francisco Santos Batista Albuquerque

Mestrado Integrado em Arquitetura

Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Orientador:

José Carlos Simões Neves, Professor Auxiliar Convidado

Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Agradecimentos

À Mãe, ao Pai, à Avó, ao Avô, ao João, ao Rodrigo, à Margarida, ao João Henrique, ao Martim, à Beatriz, à Maria do Mar, ao João, à Vera, ao Rafael, à Rita, à Catarina, ao Diogo, ao Tomás, à Catarina, ao João, à Joana e a todos os outros amigos que estiveram presentes neste percurso, obrigado.

Resumo

A pretexto do tema “A Arquitetura Detalhada”, o presente trabalho desenvolve o projeto e o respetivo processo para uma Casa do Povo em Vila Viçosa, no qual é utilizado o mármore da região como material predominante.

A compreensão de Vila Viçosa, realizada em grupo, foi fundamental para o desenvolvimento do projeto. Esta análise local deu origem ao conceito principal do projeto: desenhar, para além do programa predefinido, uma praça pública coberta - Uma Praça Coberta entre Terreiros. A Pedra Mármore é estudada enquanto matéria e material e as visitas realizadas às pedreiras e fábricas de transformação de mármore de Vila Viçosa possibilitaram o entendimento desta matéria. Todo este processo de extração do mármore resulta em desperdício diário e estes resíduos, que regularmente terminam em escombreciras, são entendidos enquanto ferramentas de projeto que materializam a proposta.

O trabalho foi marcado pela atenção ao detalhe e pelo desenvolvimento do pensamento crítico. Em todas as suas fases, a prática do desenho à mão e das maquetes de trabalho explorou principalmente a relação com o sítio, a organização espacial e os principais detalhes construtivos.

Palavras-chaves: Arquitetura detalhada; Vila Viçosa; Mármore; Desperdício; Praça Coberta; Casa do Povo.

Abstract

Under the theme “Detailed Architecture”, this academic work develops the design and corresponding process for a Community House in Vila Viçosa, where local marble is used as the predominant material.

The group-based study of Vila Viçosa was essential to the project’s development. This site analysis led to the project’s central concept: to design, beyond the suggested program, a covered public square - Uma Praça Coberta entre Terreiros.

Marble Stone is examined both as matter and material, and visits to the quarries and marble processing factories in Vila Viçosa allowed for a deeper understanding of this substance. The entire Marble extraction process results in daily waste and these residues, which are regularly discarded in spoil heaps, are reinterpreted as design tools that give form to the project.

The work is characterized by the attention to detail and the development of critical thinking. Throughout all phases, the practice of hand drawing and working models explored the relationship with the place, spatial organization and key construction details.

Key-words: Detailed Architecture; Vila Viçosa; Marble; Waste; Covered Square; Community House.

Índice

| | |
|------------|------|
| Resumo | xi |
| Abstract | xiii |
| Introdução | 1 |

1. A Matéria e o Lugar

| | |
|---|-----------|
| 1.1. O Mármore | 3 |
| Uma Breve Introdução | 3 |
| O Triângulo do Mármore | 15 |
| 1.2. Vila Viçosa | 20 |
| Enquadramento Geral | 22 |
| Origem e Evolução Urbana | 24 |
| Obras Notáveis | 40 |
| Uma Breve Introdução ao Mármore em Vila Viçosa | 50 |
| O Local de Intervenção | 53 |

2. Uma Casa do Povo em Vila Viçosa: Uma Praça Coberta entre Terreiros

| | |
|----------------------------|------------|
| 2.1. Processo | 61 |
| 2.2. Proposta Final | 117 |
| Painéis Finais | 140 |

| | |
|--------------------|-----|
| Créditos de Imagem | 149 |
| Bibliografia | 157 |

| | |
|----------|--|
| Apêndice | |
| Anexo | |

Introdução

O presente trabalho é composto por duas partes: “A Matéria e o Lugar” e “A Casa do Povo e a Pedra: Uma Praça Coberta entre Terreiros”.

A primeira parte do trabalho foi realizada em grupo, a par com os discentes Beatriz Medina, Beatriz Rocha, Mafalda Melancia e Maria do Mar Rafael e apresenta uma breve introdução sobre a Pedra Mármore que passou por um estudo direto da forma como é extraída nas pedreiras às fábricas de transformação da matéria em material. É também apresentado um enquadramento geral e uma análise urbana de Vila Viçosa tendo em vista o desenvolvimento de cada projeto individual e a escolha do local de intervenção.

A segunda parte “A Casa do Povo em Vila Viçosa: Uma Praça Coberta entre Terreiros” foi desenvolvida individualmente e retrata o processo e o projeto para uma Casa do Povo em Vila Viçosa em que a Pedra Mármore é utilizada como material predominante e que tem como programa um café, um salão e oficinas de trabalho. A Casa do Povo desenha, para além do programa, uma praça coberta.

É repensado o sentido de Casa do Povo enquanto casa comum – um edifício coletivo ao serviço de uma comunidade.

O processo foi na sua totalidade desenvolvido através do desenho à mão e das maquetes de trabalho, o que permitiu um maior envolvimento e domínio do projeto. Este processo encontra-se organizado por ordem cronológica, descritiva e metódica, sendo todas as fases apresentadas por forma a demonstrar que o percurso de um projeto não é sempre linear. Ao longo do processo são apresentados pontos de situação que refletem o trabalho desenvolvido.

A propósito do tema “A Arquitetura Detalhada” a proposta final para uma Casa do Povo é apresentada como conclusão após o processo. Resume os temas abordados e explorados ao longo do ano sobretudo a relação com o sítio, a organização espacial, a estrutura portante, a materialidade e os principais detalhes construtivos.

No final, encontra-se em apêndice a entrevista realizada ao arquiteto Francisco Aires Mateus em setembro de 2025 e em anexo o enunciado relativo ao exercício proposto pelo professor José Neves no início do ano letivo.

Este trabalho de projeto encontra-se segundo o acordo ortográfico da Língua Nacional Portuguesa, em vigor desde 2012 e faz uso da Norma Portuguesa NP405, cumprindo com todas as normas de referência, seja nas imagens apresentadas ou no final do documento, em bibliografia.



1. A Matéria e o Lugar | O Mármore

Uma breve introdução

Desde o início da humanidade que a pedra desempenha um papel fundamental na formação das sociedades. Foi um dos primeiros materiais usados pelo ser humano, para garantir a sua sobrevivência, mas também nas primeiras formas de expressão. A resistência e durabilidade da pedra tornaram-na num recurso essencial na construção, nas ferramentas e na arte.

Durante a Idade da Pedra, ou paleolítico, a pedra começou a ser utilizada como matéria-prima para a produção de utensílios e armas. Nesse contexto, surgiu a indústria lítia, baseada no trabalho do sílex, que permitia criar instrumentos de corte ou percussão¹. Neste período surge a primeira forma de expressão artística: a arte rupestre. Nas paredes das grutas e cavernas onde as populações procuravam abrigo surgem pinturas e gravuras inscritas. Um exemplo emblemático são as gravuras de Foz Côa ou do Escoural, em Montemor-o-Novo².

< Figura 1- Blocos de pedra mármore nas escombreyras.

1 MOREIRAS, Paulo. Viagens da Nossa Pedra – mil e uma histórias sobre a pedra portuguesa. Leiria: Assimagra, 2018. ISBN: 978-989-99802-1-1. P. 28.

2 MOREIRAS, Paulo. Viagens da Nossa Pedra – mil e uma histórias sobre a pedra portuguesa. Leiria: Assimagra, 2018. ISBN: 978-989-99802-1-1. P. 28.



Com o início do neolítico, ou Idade da Pedra Polida, e a transição para as sociedades sedentárias, a pedra passou a ter também um papel simbólico. Este período é marcado pelo desenvolvimento da agricultura, pela domesticação de animais e pela criação de estruturas megalíticas, como dólmenes e antas, associadas a rituais funerários³.

Um exemplo significativo é o Cromleque dos Almendres, composto por noventa e cinco monólitos de pedra dispostos em círculo, que evidenciam a importância simbólica e social atribuída a este material. Trata-se de um dos mais relevantes monumentos megalíticos da Península Ibérica e da Europa.

Figura 2- Cromleque dos Almendres, Évora.

³ MOREIRAS, Paulo. Viagens da Nossa Pedra – mil e uma histórias sobre a pedra portuguesa. Leiria: Assimagra, 2018. ISBN: 978-989-99802-1-1. P. 28.



Durante a Idade do Bronze, as comunidades começaram a fixar-se em zonas mais elevadas e construíram povoados fortificados — os castros ou citânias — com torres e muralhas de pedra. Estas construções são indicativas de um domínio crescente da técnica construtiva e a importância da pedra como elemento de defesa⁴.

Na Idade do Ferro, em várias regiões, incluindo no norte de Portugal, tornou-se comum a construção de habitações feitas com blocos de granito devido à simplicidade da sua construção e resistência⁵.

Figuras 3 e 4- Pinturas rupestres, Foz Côa.

4 MOREIRAS, Paulo. Viagens da Nossa Pedra – mil e uma histórias sobre a pedra portuguesa. Leiria: Assimagra, 2018. ISBN: 978-989-99802-1-1. P. 30.

5 MOREIRAS, Paulo. Viagens da Nossa Pedra – mil e uma histórias sobre a pedra portuguesa. Leiria: Assimagra, 2018. ISBN: 978-989-99802-1-1. P. 32.



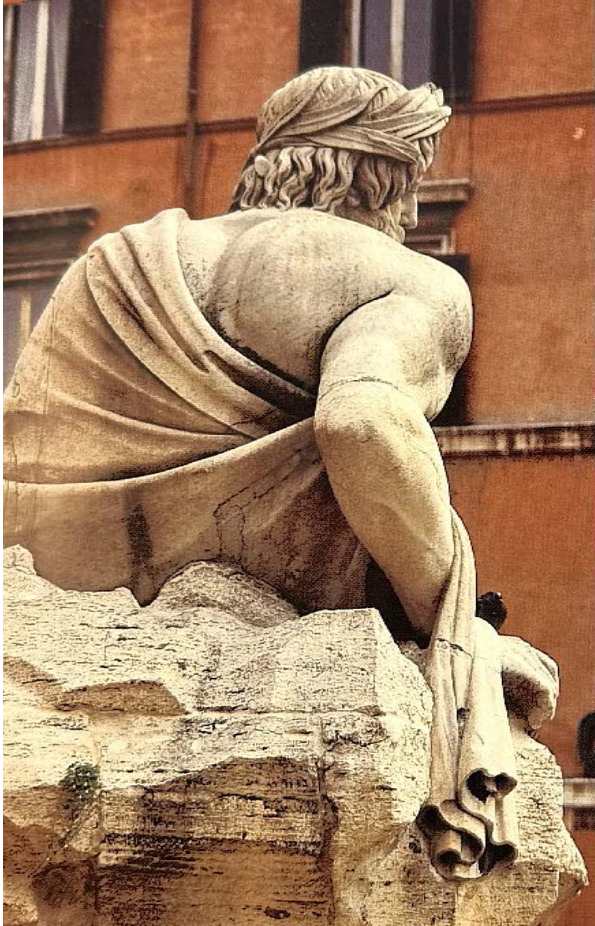
Enquanto na Europa predominavam estas construções de pequena escala, associadas à defesa e ao cotidiano das comunidades, no Antigo Egito a pedra começou a ser utilizada para erguer estruturas monumentais que chegam até aos dias de hoje. Por volta de 2700 a.C., a pirâmide de Djoser, em Sacará, marca o início da arquitetura em pedra trabalhada.⁶

Os egípcios desenvolveram métodos de extração e transporte, capazes de mover blocos com centenas de toneladas, e ajustar milimetricamente as juntas entre pedras. As pirâmides, revestidas com calcário e granito polido, permaneceram, durante mais de três mil anos, como as maiores estruturas construídas pelo ser humano, sendo superadas apenas por edifícios modernos no século XIX.⁷

Figura 5- Pirâmide de Djoser, Sacará, Egito.

6 WESTON, Richard - Materials, Form and Architecture. Londres: Laurence King Publishing Ltd, 2008. ISBN: 978-1-85669-555-8. P.23.

7 WESTON, Richard - Materials, Form and Architecture. Londres: Laurence King Publishing Ltd, 2008. ISBN: 978-1-85669-555-8. P.23.



Na Grécia, o mármore tornou-se o material mais utilizado em templos e esculturas. O mármore pentélico, extraído do Monte Pentélico, era muito apreciado pela sua cor e pureza. As peças eram moldadas nas pedreiras e acabadas no local da obra, o que exigia grande conhecimento técnico.⁸

Durante o Império Romano, o uso da pedra, principalmente o mármore e o granito, aumentou consideravelmente: era utilizado em templos, termas, teatros e infraestruturas urbanas. Simultaneamente, o comércio da pedra iniciava-se em grande escala, permitindo o transporte de materiais de várias regiões do império — Itália, Grécia, França e Península Ibérica — para outros territórios.

Figura 6 - Mármore de Carrara na Fontana di Trevi, Roma, Itália.

⁸ WESTON, Richard - Materials, Form and Architecture. Londres: Laurence King Publishing Ltd, 2008. ISBN: 978-1-85669-555-8. P.23.



Além do prestígio associado às obras públicas, a ornamentação concedia um valor acrescido às construções. As pedras decorativas assumiram uma grande importância económica e simbólica, que exigiu a importação de mármore de um extremo do Mediterrâneo ao outro. A pedra era utilizada em encomendas para estátuas, elementos decorativos e monumentos utilizados em dedicatórias funerárias, inscrições ou mausoléus, evidenciando o estatuto privilegiado do mármore no mundo antigo, especialmente na cultura greco-romana.⁹

Figura 7- Pormenor da obra "Madonna of the Cave", de Leonardo da Vinci, onde surge o trabalho em pedra.

9 CARNEIRO, André [et al.] . Vila ducal renascentista – Vol. III: Estudos históricos [em linha]. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2020. [Consult. 2025] Disponível em: «https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2020/12/VOLUME-III-%E2%80%93-VILA-VICOSA-VILA-DUCAL-RENASCENTISTA-%E2%80%93-Estudos-Historicos_Portugues_compressed.pdf». P. 30.

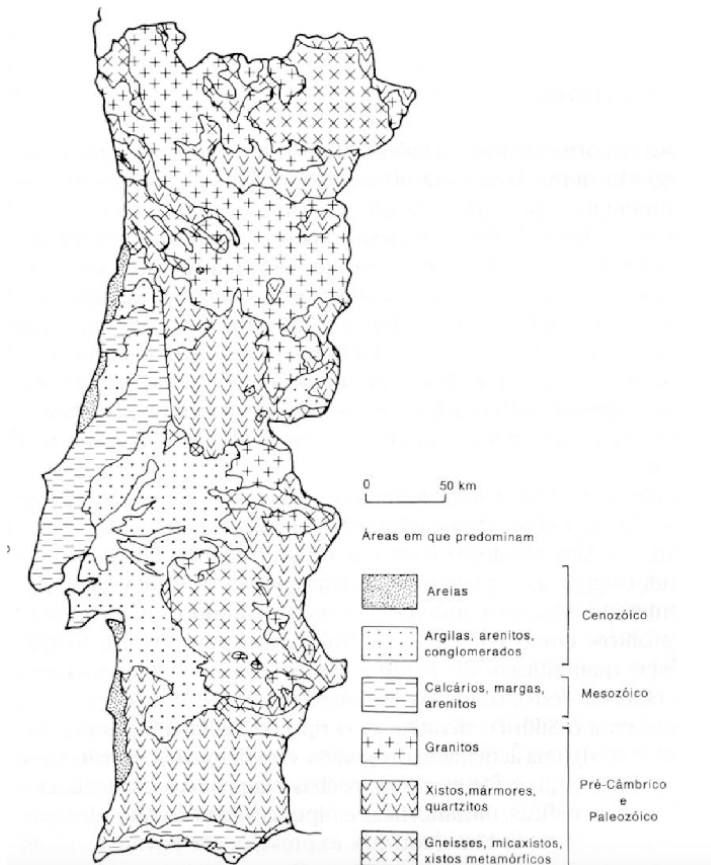


Em Portugal, durante o império romano, um exemplo concreto do comércio e transporte da pedra é a utilização do mármore das regiões de Estremoz e Vila Viçosa no Teatro de Mérida (15 a.C.) ou no Templo de Diana (século I d.C.), em Évora, onde os capitéis de mármore se destacam sobre as colunas graníticas¹⁰. Estes casos evidenciam não apenas a qualidade da pedra portuguesa, mas também a sua importância estratégica dentro da rede de produção e comércio de materiais no Império Romano.

Figura 8- Teatro Romano, Mérida, Espanha.

Figura 9- Templo Diana, Évora, Portugal.

¹⁰ MOURA, A. Casal [et al.]. Mármore e calcários ornamentais de Portugal. A. Casal Moura(INETI), 2007. ISBN: 978-972-676-204-1. P. 15.



A partir do século XV, durante a expansão marítima, o uso da pedra nacional intensificou-se e ganhou relevância internacional. O mármore e o calcário de Estremoz e Vila Viçosa passaram a ser exportados para diversas regiões do império, incluindo África, Brasil e Índia.¹¹

Nos séculos seguintes, o mármore manteve-se como material de destaque em obras de referência nacional, como o Mosteiro dos Jerónimos — cujo altar é rodeado por um semicírculo de 32 colunas de mármore de Borba e Estremoz — e o Convento de Mafra, e continuou a integrar construções de prestígio no contexto europeu e internacional, como o Mosteiro do Escorial, o Vaticano, o Louvre e Versalhes.

Figura 10- Carta geológica simplificada de Portugal Continental.

11 MOURA, A. Casal [et al.]. **Mármore e calcários ornamentais de Portugal**. A. Casal Moura(INETI), 2007. ISBN: 978-972-676-204-1. P. 15.

A pedra sempre teve um papel central na construção da paisagem e na cultura portuguesa, sendo a sua exploração profundamente influenciada pela geologia do território¹².

Ao longo da história, as técnicas de extração e construção evoluíram de forma gradual, refletindo o progresso técnico e as necessidades sociais. Inicialmente, o trabalho era inteiramente manual, aproveitando as fraturas naturais das rochas, e mais tarde incorporou instrumentos metálicos e explosivos. No final do século XIX, o corte começou a ser realizado com cabos móveis e abrasivos, posteriormente substituídos por fios diamantados que permitem cortes de grande precisão¹³.

12 MOREIRAS, Paulo. Viagens da Nossa Pedra – mil e uma histórias sobre a pedra portuguesa. Leiria: Assimagra, 2018. ISBN: 978-989-99802-1-1. P. 28.

13 WESTON, Richard - Materials, Form and Architecture. Londres: Laurence King Publishing Ltd, 2008. ISBN: 978-1-85669-555-8. P.23.

Em Portugal, as pedreiras mantiveram o trabalho manual até ao início do século XX. Até 1929, a extração utilizava ferramentas simples, e os resíduos eram transportados em cestos de vime, os chamados “cabanejos”¹⁴. Foram várias as experiências feitas para tentar modernizar o setor da extração da pedra, contudo sem sucesso. Posteriormente, a Sociedade Luso-Belga de Mármore cria uma escola que adapta métodos estrangeiros, sobretudo belgas e franceses, e são introduzidas técnicas de corte e movimentação até então desconhecidas em Portugal.¹⁵

>Figura 11- Corte da pedra na fábrica.

14 VIEIRA, E.; CORDEIRO, José M. L. Património, Museus e Turismo Industrial: uma oportunidade para o século XXI [em linha]. CITAR, Escola das Artes, UCP, APPI, 2017. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://www.marmore-cechap.pt/uploads/media/data_items/0001/05/4f82707d1bef81424bf74d479ac2b0c6fc5cbf9a.pdf». ISBN: 978-989-20-7252-4. P. 593.

15 VIEIRA, E.; CORDEIRO, José M. L. Património, Museus e Turismo Industrial: uma oportunidade para o século XXI [em linha]. CITAR, Escola das Artes, UCP, APPI, 2017. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://www.marmore-cechap.pt/uploads/media/data_items/0001/05/4f82707d1bef81424bf74d479ac2b0c6fc5cbf9a.pdf». ISBN: 978-989-20-7252-4. P. 593.





1. A Matéria e o Lugar | O Mármore

O Triângulo do Mármore

< Figura 12- Pedreira em Vila Viçosa.

O triângulo do mármore é o principal centro nacional de exploração de mármore e um dos mais importantes a nível internacional cujos principais núcleos de exploração são: Cruz dos Meninos/Glória, no concelho de Estremoz; Carrascal/Encostinha, no concelho de Borba; Vigária/Monte d'El Rei, Pardais, Lagoa e Nora, no concelho de Vila Viçosa.¹⁶

O Triângulo do Mármore fica localizado no que usualmente se designa de anticlinal de Estremoz, caracterizado por uma formação originada por um conjunto de pressões tectónicas. Esta estrutura atua como um elemento estruturante do relevo local, originando um território definido por curvas de nível muito acentuadas e situações de vale, contrapondo a ideia de planície normalmente associada ao Alentejo.¹⁷

¹⁶ MOURA, A. Casal [et al.]. Mármore e calcários ornamentais de Portugal. A. Casal Moura(INETI), 2007. ISBN: 978-972-676-204-1. P. 26.

¹⁷ CARNEIRO, André. Um primeiro olhar sobre o povoamento romano no concelho de Vila Viçosa [em linha]. Vila Viçosa: Calipolle, nº21, 2014. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/13119/1/ACarneiro_Callipole.pdf». P. 212.



O Anticlinal de Estremoz define uma área de cerca de 42 km de comprimento e 8 km de largura, onde o mármore existe em abundância, constituindo um local de forte extração e de grande concentração de pedreiras. Origina um impacto ambiental inevitável, onde as grandes pedreiras e escombrelas contrastam com a planície alentejana.¹⁸

Todos os mármore de Borba Estremoz e Vila Viçosa são popularmente conhecidos como Mármore de Estremoz uma vez que, até à extensão da linha de caminho de ferro integrada na Linha de Estremoz, todos os mármore da região eram exportados a partir da estação ferroviária de Estremoz.

Figura 13- Ortofotomapa representativo do Triângulo do Mármore.

¹⁸ MARTINS, Rúben. Rota do Património Industrial do Anticlinal de Estremoz [em linha]. Évora. Paper. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/7941/1/Paper%20106-Patrim%C3%B3nio%20Estremoz.pdf>».

A exploração no Triângulo do Mármore ocorre, desde a antiguidade, num dos mais importantes polos extrativos de rochas ornamentais de Portugal. Os Mármore de Estremoz destacam-se pela sua elevada qualidade e características únicas, resultantes da diversidade cromática, texturas e propriedades físico-químicas.¹⁹

A região dos concelhos do Triângulo do Mármore (Estremoz, Borba e Vila Viçosa) tornou-se também um local estratégico do ponto de vista defensivo, simultaneamente abundante em recursos naturais, sejam eles agrícolas, hídricos ou geológicos, o que levou ao interesse pela ocupação e desenvolvimento do território. A abundância de recursos hídricos são necessários não só para a subsistência das comunidades, mas também para a exploração deste recurso geológico.²⁰

19 MOURINHA, Nuno; MOREIRA, Noel. Arqueologia 3.0 – II. Comunicação, Divulgação e Socialização da Arqueologia [em linha]. Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança, 2019. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/31521/1/Mourinha%20%26%20Moreira%20%282019%29.pdf>». ISBN: 978-972-9195-53-2. P. 173.

20 MOURINHA, Nuno; MOREIRA, Noel. Arqueologia 3.0 – II. Comunicação, Divulgação e Socialização da Arqueologia [em linha]. Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança, 2019. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/31521/1/Mourinha%20%26%20Moreira%20%282019%29.pdf>». ISBN: 978-972-9195-53-2. P.172.

«Quatro cousas se exigem, para que um lugar ou paisagem se torne saudável e atraente. A primeira é a própria situação topográfica em paragem lavada pelos ventos, para que se renove constantemente o ar, que respiramos. A segunda são as águas puras e abundantes, correndo espontâneas, e deslizando-se por sobre as campinas, para alimentarem e vivificarem as árvores, as plantas e as ervas. A terceira é a abundância de arvoredos, que, além de constituírem as galas de uma paisagem qualquer, contribuem poderosamente para se retemperar o ambiente, absorvendo-lhe os gases deletérios, que o fazem nocivo à saúde. E a quarta finalmente é a flora natural, que alastra no solo virentes relvas, matizadas por infinitas rosas, tão lindas à vista, como agradáveis ao olfacto, dando-lhe uma alfombra surpreendente e fascinadora.»²¹

21 ESPANCA, Joaquim José da Rocha. Memórias de Vila Viçosa: Cadernos Culturais de Vila Viçosa Nº1 [em linha]. Vila Viçosa: Gráfica Calipolense, 1983. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2022/06/Memorias-de-Vila-Vicoso_N-1.pdf». P. 35.

Uma Casa do Povo em Vila Viçosa: Uma rua entre ruas

O Triângulo do Mármore

*Ó minha terra na planície rasa,
Branca de sol e cal e de luar,
Minha terra que nunca viu o mar
Onde tenho o meu pão e a minha casa...*

Florabela Espanca (Vila Viçosa, 1894-1930)

> Figura 14- Vista aérea com a igreja de Nossa Sra. da Conceição, Castelo, Muralha e Torre de Menagem ao fundo, 1950.



1. A Matéria e o Lugar | Vila Viçosa

Enquadramento geral



Vila Viçosa é uma vila pertencente ao distrito de Évora, situada no concelho de Vila Viçosa, na União de Freguesias de Nossa Senhora da Conceição e São Bartolomeu. Ao mesmo concelho pertencem, ainda, as freguesias de Bencatel, Ciladas e Pardais, totalizando uma área de 194,62 km² e 7388 habitantes, à data de 2021.²²

O município de Vila Viçosa é delimitado a norte e a nascente pelo município de Elvas, a Sul pelo Alandroal, e a Poente pelo Redondo e Borba.

Vila Viçosa assume-se como um importante centro histórico, cultural e arquitectónico. Com vestígios de ocupação humana com especial relevância desde a época romana, período em que terá começado a exploração de mármore, o que marcou a economia da região e da paisagem.²³

Figura 15- Vila Viçosa, ao fundo o Terreiro do Paço, à direita o Mosteiro de Santo Agostinho, autor desconhecido, 1942.

²² Censos, 2021.

²³ CARNEIRO, André. Um primeiro olhar sobre o povoamento romano no concelho de Vila Viçosa [em linha]. Vila Viçosa: Calipolle, nº21, 2014. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/13119/1/ACarneiro_Callipole.pdf». P. 211.



«Em todo o concelho são encontrados vários aquíferos, formando uma rede hidrográfica orientada para a bacia do Guadiana “em Vila Viçosa só não tem poço em casa, quem não quer abri-lo ou lhe falta o terreno para isso; e raríssimos são os poços acusados de mal saborosos... E porque o são esses mesmos? - Porque os Calipolenses estão acostumados a beber sempre água pura e fina, como poucos a bebem!»²⁴

A abundância de água em par com os declives no terreno tornaram os solos de Vila Viçosa muito férteis. «Desde os campos de Borba (...) vem uma rede imensa de pequenos prédios de vinha e olival com hortas, quintas e mui raros farrageais de permeio; e esta rede prossegue até o Alandroal, mais de 2 léguas abaixo, sem se interromper na mesma serra, onde, à vista da povoação, não se antolha um pedaço, que não esteja coberto de oliveiras»²⁵

A sua localização estratégica e os solos férteis associados à presença de aquíferos abundantes, tornou Vila Viçosa um local de grande interesse económico e político.

Figura 16- Aqueduto do Convento de Nossa Senhora da Esperança, 1953.

24 ESPANCA, Joaquim José da Rocha. Memórias de Vila Viçosa. Cadernos Culturais de Vila Viçosa Nº1 [em linha]. Vila Viçosa: Gráfica Calipolense, 1983. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2022/06/Memorias-de-Vila-Vicoso_N-1.pdf». P.39.

25 ESPANCA, Joaquim José da Rocha. Memórias de Vila Viçosa. Cadernos Culturais de Vila Viçosa Nº1 [em linha]. Vila Viçosa: Gráfica Calipolense, 1983. [Consult. 2025] Disponível em: «https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2022/06/Memorias-de-Vila-Vicoso_N-1.pdf». P.39.

1. A Matéria e o Lugar | Vila Viçosa

Origem e Evolução Urbana

Não é certo o início da ocupação humana no território, apesar de os vestígios arqueológicos no concelho remeterem ao período romano.²⁶

A exploração de mármore terá tido início durante a ocupação romana, e terão sido, provavelmente, os primeiros a sistematizar a extração deste recurso. O mármore é assim utilizado por toda a Hispânia em larga escala como uma matéria-prima de excelência, na ornamentação e decoração.²⁷

Com o declínio do Império Romano e o avanço do Cristianismo, durante o século V, o luxo a que o mármore estaria associado até então, passa a ser condenado e o mármore deixa de ser utilizado amplamente. Passando a surgir no âmbito religioso, em construções cristãs, mantendo os seus valores de excelência e requinte.²⁸

²⁶ CARNEIRO, André. Um primeiro olhar sobre o povoamento romano no concelho de Vila Viçosa [em linha]. Vila Viçosa: Calipolle, nº21, 2014. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/13119/1/ACarneiro_Callipole.pdf». P. 211.

²⁷ CARNEIRO, André. A exploração romana do mármore no anticlinal de Estremoz: extração, consumo e organização [em linha]. Vila Viçosa: Calipolle, nº21, 2014. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://www.marmore-cechap.pt/uploads/media/data_items/0001/05/e8ee895f2a83726245f8499f294dd6a41ed417b8.pdf». P.113-114.

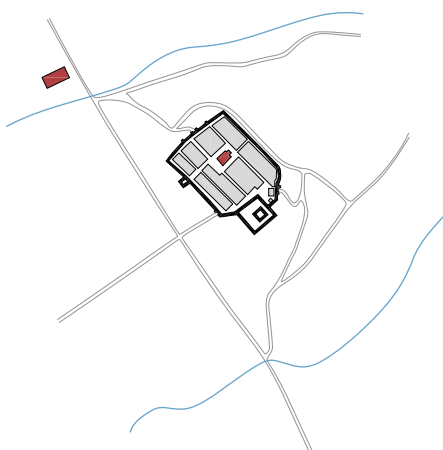
²⁸ CARNEIRO, André. A exploração romana do mármore no anticlinal de Estremoz: extração, consumo e organização [em linha]. Vila Viçosa: Calipolle, nº21, 2014. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://www.marmore-cechap.pt/uploads/media/data_items/0001/05/e8ee895f2a83726245f8499f294dd6a41ed417b8.pdf». P.115.

Após o domínio romano, sobreveio a presença muçulmana entre 715 e 1217, ano em que Vila Viçosa é tomada pelos cavaleiros de Avis, durante o reinado de D. Sancho II.²⁹

Em 1267 é assinado o tratado de Badajoz, onde foram definidas “as fronteiras do Alentejo, frente a Leão e Castela, e tornava-se indispensável que o Vale Viçoso fosse povoado, como forma de defesa de eventuais futuros ataques”³⁰

29 CARNEIRO, André [et al.] . Vila ducal renascentista – Vol. III: Estudos históricos [em linha]. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2020. [Consult. 2025] Disponível em: «https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2020/12/VOLUME-III-%E2%80%93-VILA-VICOSA-VILA-DUCAL-RENASCENTISTA-%E2%80%93-Estudios-Historicos_Portugues_compressed.pdf». P. 44.

30 CARNEIRO, André [et al.] . Vila ducal renascentista – Vol. III: Estudos históricos [em linha]. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2020. [Consult. 2025] Disponível em: https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2020/12/VOLUME-III-%E2%80%93-VILA-VICOSA-VILA-DUCAL-RENASCENTISTA-%E2%80%93-Estudios-Historicos_Portugues_compressed.pdf». P. 44.



Núcleo medieval intramuros

Em 1270, D. Afonso III concede a primeira carta de foral a Vila Viçosa, o que permitiu organizar e regulamentar o território³¹. É formado um aglomerado urbano no ponto mais elevado do “Vale Viçoso”, um local intramuros estratégico na fronteira de Portugal com Castela.³²

Assim, torna-se fundamental o seu desenvolvimento, de forma a atrair moradores, fortalecendo a defesa e prevenindo possíveis ataques de Leão e Castela ao Condado Português.³³

O novo núcleo urbano organizado dentro da muralha do castelo, tem uma malha ortogonal de oito quarteirões, estando o castelo localizado no seu extremo. No cruzamento da rua principal com a sua transversal é formada uma praça central com a igreja de Nossa Senhora da Conceição.³⁴

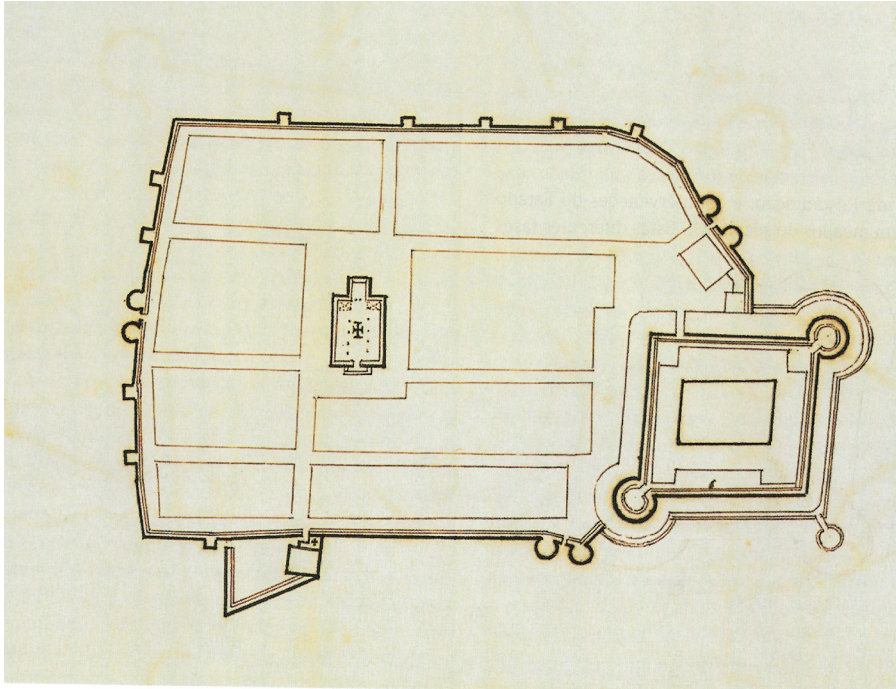
Figura 17- Vila Viçosa, intramuros, final do século XIV.

31 ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA (Org.); MENDONÇA, Manuela (Coord.). Primeiras Jornadas de História de Vila Viçosa: Actas. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2005. P.57-58.

32 Casa Florbela Espanca. Da história e do património de Vila Viçosa [em linha]. [s.l.]: [s.d.]. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://www.casaforbelaespanca.com/historia-e-patrimonio>».

33 ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA (Org.); MENDONÇA, Manuela (Coord.). Primeiras Jornadas de História de Vila Viçosa: Actas. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2005. P.57.

34 Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.16.



Após a vitória Portuguesa na Batalha de Aljubarrota, em 1385, Vila Viçosa é doada a D. Nuno Álvares Pereira, um dos principais líderes das forças portuguesas na batalha.³⁵

D. Beatriz Pereira de Alvim, filha de D. Nuno Álvares Pereira, casa-se em 1401 com D. Afonso,³⁶ futuro primeiro duque de Bragança, casamento que dará origem à Casa de Bragança.³⁷

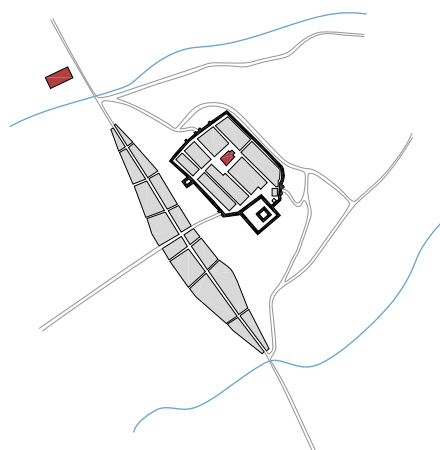
Figura 18- Vila Viçosa, Nicolau de Langres, 1661

É possível, então, compreender que a conjuntura político-militar foi um dos fatores com

35 CARNEIRO, André [et al.] . Vila ducal renascentista – Vol. III: Estudos históricos [em linha]. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2020. [Consult. 2025] Disponível em: «https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2020/12/VOLUME-III-%E2%80%93-VILA-VICOSA-VILA-DUCAL-RENASCENTISTA-%E2%80%93-Estudos-Historicos_Portugues_compressed.pdf». P. 46.

36 CARNEIRO, André [et al.] . Vila ducal renascentista – Vol. III: Estudos históricos [em linha]. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2020. [Consult. 2025] Disponível em: «https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2020/12/VOLUME-III-%E2%80%93-VILA-VICOSA-VILA-DUCAL-RENASCENTISTA-%E2%80%93-Estudos-Historicos_Portugues_compressed.pdf». P. 71.

37 ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA (Org.); MENDONÇA, Manuela (Coord.). Primeiras Jornadas de História de Vila Viçosa: Actas. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2005. P.35.



maior impacto na definição do traçado urbano de Vila Viçosa, por um lado pela sua localização estratégica próxima à fronteira, e por outro, por ser um território elevado, favorecendo a sua capacidade de defesa, o que exigiu consolidar o centro urbano existente, caracterizando-se por um traçado regular e uma organização ortogonal, demonstrando, também, a afirmação de poder e eficácia no planeamento.³⁸

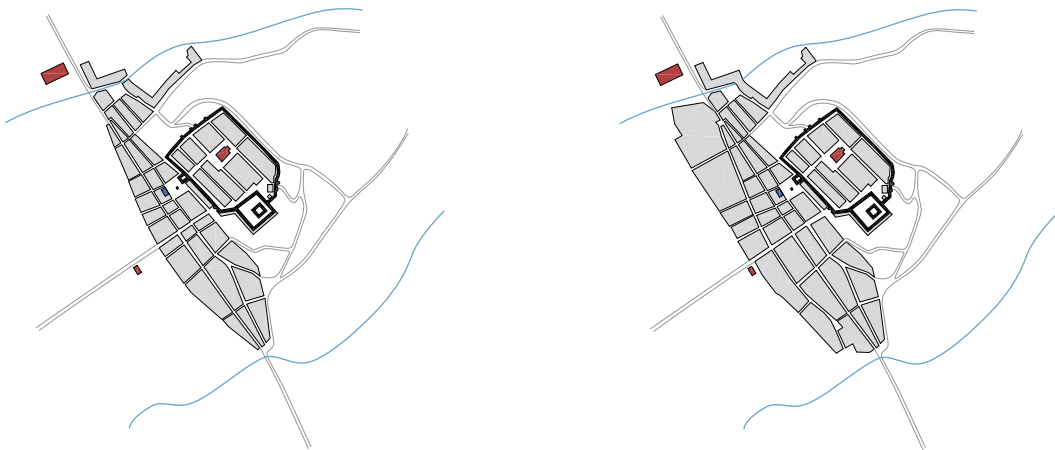
«Plano, poder, regularidade, ortogonalidade e teoria são assim conceitos que nos surgem intimamente associados na fundação destas cidades novas medievais. As cidades planeadas do século XIII e XIV em Portugal são resultado da plena expressão destes conceitos. Promovidas por D. Afonso III e por D. Dinis, elas correspondem a um período de afirmação do poder real e à necessidade de consolidar política e economicamente o território nacional.»³⁹.

Figura 19- Vila Viçosa, início da expansão extramuros, primeira metade do século XV.

Expansão extramuros de origem medieval

38 TEIXEIRA, Manuel C.- Vila Viçosa, Cidade Erudita. In: Câmara Municipal de Vila Viçosa. Callipole. Revista de Cultura, n.º 12. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2004. P. 210-211.

39 TEIXEIRA, Manuel C.- Vila Viçosa, Cidade Erudita. In: Câmara Municipal de Vila Viçosa. Callipole. Revista de Cultura, n.º 12. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2004. P. 211.



No séc. XIV, ou no início do séc. XV, dá-se a primeira expansão da vila para além do aglomerado intramuros na direção da Igreja de São Bartolomeu que remete a 1472. A expansão terá sido ao longo da estrada de Estremoz-Alandroal, com construção dos dois lados. Surge, também, uma outra rua transversal de maior importância ao longo da estrada Montes Claros-Elvas, formando outra direção de desenvolvimento.⁴⁰

No final do séc. XV e ao longo do séc. XVI, verificou-se em Portugal um movimento de renovação urbana em todo o território, que procurava modernizar e reestruturar as cidades. Este processo manifestou-se pela reforma, alteração ou expansão dos tecidos urbanos consolidados de origem medieval. As principais causas que exigiam novos edifícios estariam entre o crescimento da população, problemas relacionados com o saneamento, alterações na administração pública e o crescimento do poder real.⁴¹

Figura 20 Vila Viçosa, início da expansão extramuros, primeira metade do século XV.

Figura 21- Vila Viçosa, continuação da expansão extramuros, século XV.

Expansão urbana quinhentista

40 Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P. 17-18.

41 TEIXEIRA, Manuel C. Vila Viçosa, Cidade Erudita. In: Câmara Municipal de Vila Viçosa. Callipole. Revista de Cultura, n.º 12. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2004. P. 215-216.

Em 1501 é iniciada a construção do Paço Ducal de Vila Viçosa e do seu terreiro⁴². Em simultâneo com a construção do novo Paço e Terreiro, a expansão quinhentista de Vila Viçosa inclui o planeamento de um novo arruamento regular, composto por quarteirões ordenados, que estrutura a expansão extramuros e quase duplica a sua área urbana existente.⁴³ É em 1512, 242 anos após a carta foral concedida por D. Afonso III, que o Rei D. Manuel I, assina o novo foral de Vila Viçosa, onde era possível compreender a organização económica e social da vila.⁴⁴

Em 1520, começou a ser feita uma nova cerca em forma de Estrela em volta do castelo, bem como uma outra em volta de todo o aglomerado urbano extramuros existente.⁴⁵

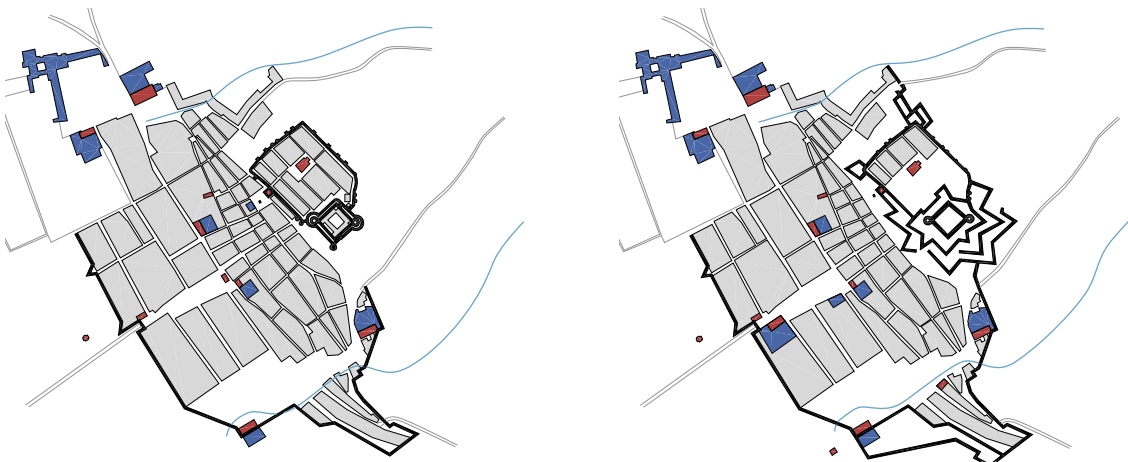
Fortificações seiscentista

42 TEIXEIRA, Manuel C.. Vila Viçosa, Temas de Ordenamento da Forma Urbana. In: Câmara Municipal de Vila Viçosa. Callipole. Revista de Cultura, n.º 12. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2004. P. 219.

43 OLIVEIRA, Marta Maria Peters Arriscado de. Vila Viçosa, Temas de Ordenamento da Forma Urbana. In: Câmara Municipal de Vila Viçosa. Callipole. Revista de Cultura, n.º 12. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2004. P. 233.

44 ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA (Org.); MENDONÇA, Manuela (Coord.). Primeiras Jornadas de História de Vila Viçosa: Actas. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2005. P.57.

45 Manuel C.. Vila Viçosa, Temas de Ordenamento da Forma Urbana. In: Câmara Municipal de Vila Viçosa. Callipole. Revista de Cultura, n.º 12. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2004. P. 219.



Em 1630, a atual Rua Florbela Espanca torna-se um dos principais eixos de Vila Viçosa, passando pelo lado nascente do Terreiro do Paço, em frente à Igreja dos Agostinhos, mantendo a direção do eixo central anterior mas tornando-se mais larga, reestruturando o traçado urbano. O antigo Rossio passa a definir-se como praça, e surge um novo Rossio no atual Largo D. João IV. Esta intervenção procurava equilibrar o desenho urbano de Vila Viçosa na sua relação com o terreiro, passando a utilizar a estrada Juromenha- Montes Claros como o principal eixo de simetria na estrutura urbana.⁴⁶

Figura 22 - Vila Viçosa, desenvolvimento urbano quinhentista. Figura 23- Vila Viçosa, as obras de fortificação seiscentistas.

⁴⁶ Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P. 22-23.

1. A Matéria e o Lugar | Vila Viçosa | Origem e Evolução Urbana



Em 1640, D. João, 8º duque de Bragança, é aclamado Rei de Portugal, restaurando a independência após sessenta anos de política espanhola⁴⁷. «A terra ganhou em importância senhorial e artística, pela circunstância de os titulares da casa Ducal serem, ao mesmo tempo, os reis e sucessores da coroa.»⁴⁸

Figura 24- Vila Viçosa, Nicolau de Langres, 1661.

Figura 25- Desenho de Vila Viçosa, 1668-1669.

47 ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA (Org.); MENDONÇA, Manuela (Coord.). Primeiras Jornadas de História de Vila Viçosa: Actas. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2005. P.20.

48 ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA (Org.); MENDONÇA, Manuela (Coord.). Primeiras Jornadas de História de Vila Viçosa: Actas. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2005. P.15.



os 72, 73, 74,
das páginas dos
e cada linha.

Impacto da Residência Real e da Ferrovia

A Casa de Bragança continuou a governar Portugal até à implantação da república em 1910⁴⁹, tendo Vila Viçosa e o Paço Ducal sido, não só a residência dos Duques de Bragança mas também a residência Real.

No século XX, em 1905, destaca-se a chegada do caminho de ferro, com a construção da estação ferroviária integrada na Linha de Estremoz. Esta infraestrutura revelou-se crucial para a exportação do mármore e para a mobilidade da população.⁵⁰ A ferrovia contribuiu para o progresso económico de Vila Viçosa, mantendo-se em funcionamento até ao final do século XX.

Figura 26- Mapa do caminho de ferro, 1913.

49 CARNEIRO, André [et al.] . Vila ducal renascentista – Vol. III: Estudos históricos [em linha]. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2020. [Consult. 2025] Disponível em: «https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2020/12/VOLUME-III-%E2%80%93-VILA-VICOSA-VILA-DUCAL-RENASCENTISTA-%E2%80%93-Estudios-Historicos_Portugues_compressed.pdf». P. 220.

50 Gazeta dos Caminhos de Ferro. 364, 4^a do 16^o ano [em linha]. Lisboa: 16 de Fevereiro de 1903. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/GazetaCF/1903/N364/N364_master/GazetaCFN364.pdf». P. 53.

1. A Matéria e o Lugar | Vila Viçosa | Origem e Evolução Urbana



Intervenções do estado novo

Ao longo da década de 1940 Vila Viçosa sofreu uma grande intervenção urbanística com o rompimento do conjunto de quarteirões situados entre a Praça da República e o castelo, transformando a antiga Praça numa Alameda. É, assim, definido um novo eixo central de Vila Viçosa, contrariando as direções dominantes até então.⁵¹

Durante o Estado Novo, Vila Viçosa foi uma das primeiras terras Portuguesas a receber o título de “estância de turismo”⁵², visando, em termos de propaganda, a sua importância histórica e a pertinência da sua localização no Alto Alentejo, perto da fronteira de Elvas/Badajoz, podendo assim “considerar-se, além de um das portas de entradas de Portugal, possuidora de atrativos para dar a conhecer a história e a arte, a gastronomia e as tradições de uma das mais belas províncias do nosso País.”⁵³.

< Figura 27- Praça da República ,1930-1940

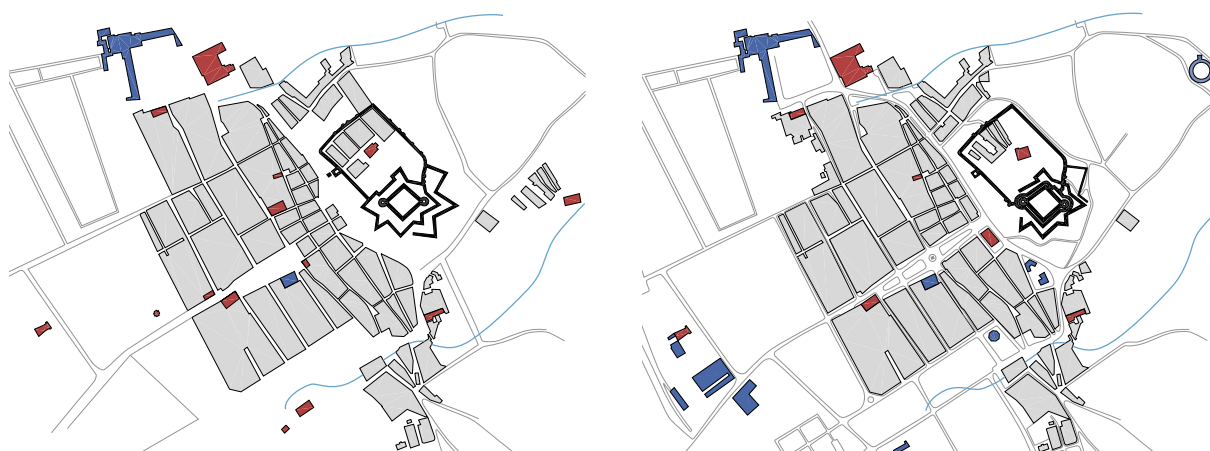
< Figura 28- Praça da República ,1953

«Temos assim que Vila Viçosa foi sendo objecto de sucessivos planos baseados todos eles

51 Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P. 25.

52 Decreto n.º 22808, Diário do Governo, 1ª Série, n.º 152, 8 de Julho de 1933, p. 1367.

53 ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA (Org.); MENDONÇA, Manuela (Coord.). Primeiras Jornadas de História de Vila Viçosa: Actas. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2005. P.20.



no rigor e na geometria, em que a simetria parece ser sempre uma preocupação fundamental. Simetria na povoação da alcáçova, simetria no arrabalde medieval, simetria na expansão quinhentista, simetria que é ainda reforçada na intervenção do Estado Novo.»⁵⁴

Figura 29- Vila Viçosa, final do século XIX.

Figura 30- Vila Viçosa, século XX.

54 TEIXEIRA, Manuel C.. Vila Viçosa, Cidade Erudita. In: Câmara Municipal de Vila Viçosa. Callipole. Revista de Cultura, n.º 12. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2004. P. 215.

Uma Casa do Povo em Vila Viçosa: Uma rua entre ruas

Origem e Evolução Urbana

1. A Matéria e o Lugar | Vila Viçosa

Uma breve introdução ao Mármore em Vila Viçosa



O facto de Vila Viçosa se encontrar sobre o Anticlinal de Estremoz traduz-se como estando sobre “uma grande pedra”. São visíveis pelas ruas afloramentos de mármore que são resultado de eventos geológicos que trazem o mármore para a superfície. A opção pela preservação desses elementos resulta num diálogo entre o mármore no seu estado mais puro e a construção humana, tirando partido dessa base estável e sólida nas fundações dos edifícios.

A sua utilização também é visível por toda a vila em pequenos ornamentos, cunhais, soleiras, ombreiras, pavimentos, como revestimento, entre outros.

«Os mestres canteiros deixaram uma obra inigualável na arte portuguesa de esculpir o mármore, hoje visível na arquitetura e escultura das igrejas, conventos, fontanários, palácios, casas senhoriais e noutras utilizações públicas.»¹

Figura 46- Afloramento de mármore em Vila Viçosa.

Figura 47- Soleira em mármore na Casa de Francisco Barata dos Santos.

1 VIEIRA, Eduarda; CORDEIRO, José Manuel Lopes. Património, Museus e Turismo Industrial: uma oportunidade para o século XXI [em linha]. CITAR, Escola das Artes, UCP, APPI, 2017. P. 590. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://www.marmore-cechap.pt/uploads/media/data_items/0001/05/4f82707d1bef81424bf74d479ac2b0c6fc5cbf9a.pdf». ISBN: 978-989-20-7252-4



O mármore é utilizado «como [um] elemento de excepcionalidade (...) símbolo de requinte e de prestígio, é também identificado com a pureza, e o brilho que dele emana, ou a luz por ele refletida(...)»².

Foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho as várias visitas às pedreiras, às escombreiras e às fábricas. Entendemos o processo desde a extração, ao corte e ao tratamento de cada peça de mármore. Através do diálogo com os vários trabalhadores da indústria fomos percebendo como enquadrar a pedra nos nossos projetos, qual seria a sua melhor utilização e como tirar partido deste material.

Figura 48- Adro da igreja de Nossa Sra. da Conceição revestido a mármore.

2 CARNEIRO, André. A exploração romana do mármore no anticlinal de Estremoz: extração, consumo e organização [em linha]. Vila Viçosa: Calipolle, nº21, 2014. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://www.marmore-cechap.pt/uploads/media/data_items/0001/05/e8ee895f2a83726245f8499f294dd6a41ed417b8.pdf». P.115.



*Poucos nomes haverá tão adequados aos lugares,
como o desta vila; porquanto - viçoso,
aprazível, fértil, saudável, fresco de águas e
arvoredos, é todo o vale em que tem assento.
E geralmente bem edificada, com alguns edifícios nobres. . .
(Panorama, vol. IX)*

< Figura 31- Vila Viçosa, Paço Ducal, fachada principal em mármore.

1. A Matéria e o Lugar | Vila Viçosa

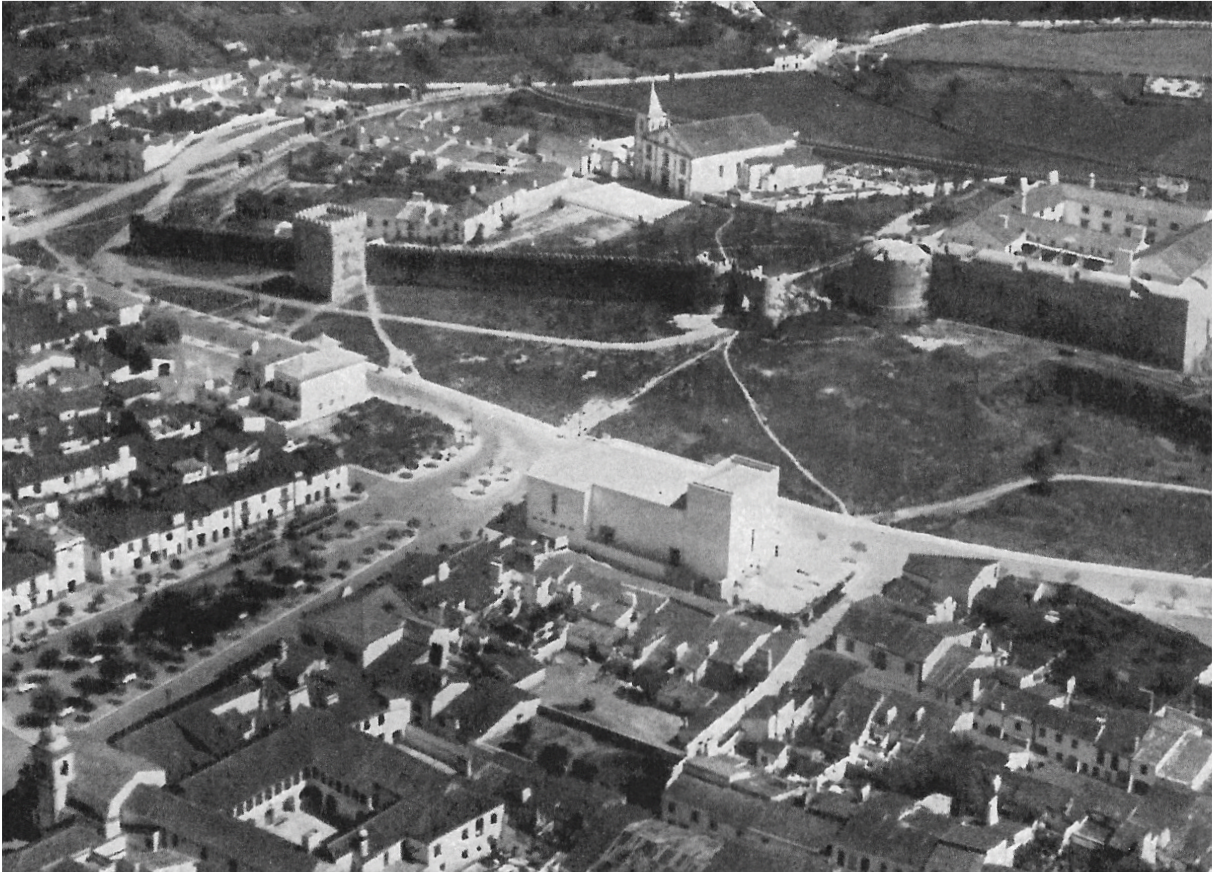
Obras Notáveis



Para compreender a predominância da utilização da pedra em Vila Viçosa é importante referir alguns edifícios e espaços notáveis.

- | | |
|---|---|
| 1. Paço Ducal | 7. Castelo |
| 2. Terreiro do Paço | 8. Igreja de Nossa Senhora da Conceição |
| 3. Igreja e Claustro do Convento das Chagas | 9. Torre de Menagem |
| 4. Igreja dos Agostinhos | 10. Rossio |
| 5. Praça da República | 11. Casa de Francisco Barata dos Santos |
| 6. Igreja de São Bartolomeu | |

Figura 32- Ortofotomapa de Vila Viçosa, 2025.



Castelo Medieval: a Muralha e a Torre de Menagem

No centro da Vila ergue-se, na última década do século XIII o Castelo Medieval, o espaço que abrigou a família Bragança até 1501.⁵⁵

O sistema defensivo de Vila Viçosa incluía quatro acessos principais: Porta de Estremoz, a Porta de Évora e Porta do Sol, no extremo oposto à Porta de Estremoz.

Por fim, a Porta da Torre, distinta das outras, era uma pequena porta que se encontrava protegida e escondida por uma torre, a Torre Albarrã de Vila Viçosa. A designação de Torre Albarrã refere-se a uma torre construída fora do recinto das muralhas, a sua principal função era criar uma plataforma de defesa com o propósito de reforçar o controlo sobre a aproximação de eventuais atacantes.⁵⁶

A muralha existente hoje em dia obedece a uma transformação e a um arranjo paisagístico no âmbito das operações realizadas pelos Monumentos Nacionais nos anos quarenta do século XX.⁵⁷

Figura 33- O castelo, a Muralha e a Torre de Menagem avistados de cima, 1961.

⁵⁵ NUNES, Castro; NOÉ, Paula. Castelo de Vila Viçosa / Castelo e cerca urbana de Vila Viçosa, IPA.3927 [em linha]. SIPA- Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. [Consult. 2025] Disponível em: «http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=3927».

⁵⁶ CARNEIRO, André [et al.] . Vila ducal renascentista – Vol. III: Estudos históricos [em linha]. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2020. [Consult. 2025] Disponível em: «https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2020/12/VOLUME-III-%E2%80%93-VILA-VICOSA-VILA-DUCAL-RENASCENTISTA-%E2%80%93-Estudios-Historicos_Portugues_compressed.pdf». P. 67.

⁵⁷ Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.36.



Paço Ducal

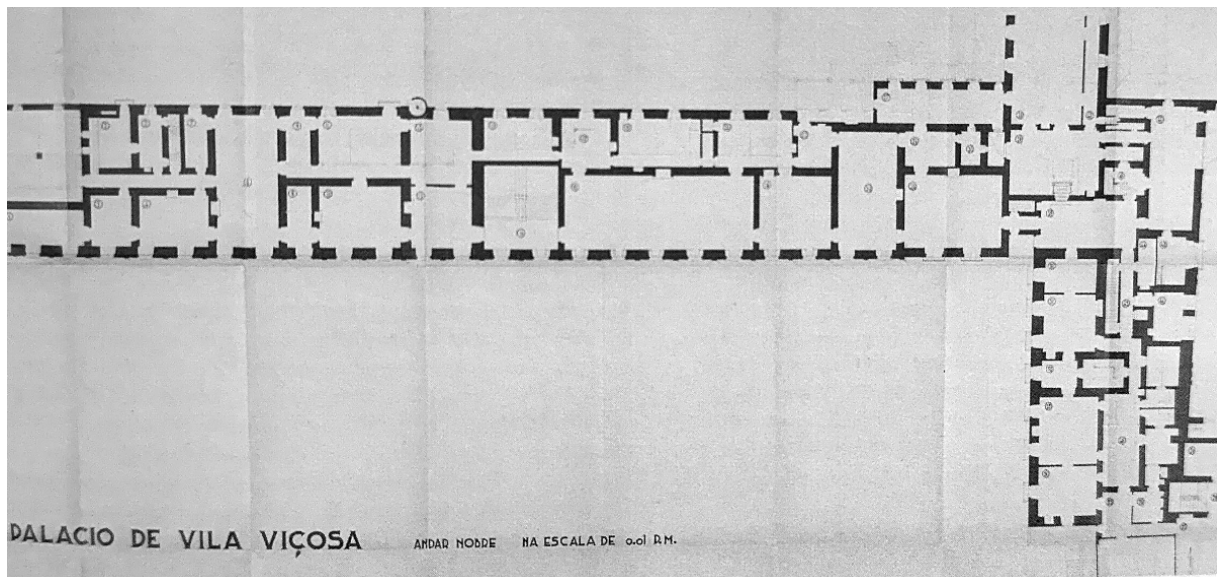
Com a progressiva deslocação das principais atividades cívicas para fora das muralhas, foi-se perdendo a relevância urbanística das antigas muralhas medievais.

Esta fuga da cidade para lá dos muros foi acompanhada pelo restauro da Casa de Bragança, com a restituição dos respectivos bens a D. Jaime, permitindo que se levasse a cabo, em 1502, a alteração da residência da alcáçova medieval para a sua casa de campo, também esta localizada fora das muralhas.

Esta casa de campo será o núcleo inicial do novo palácio - atual Paço Ducal -, cuja construção foi concluída em 1602.⁵⁸

Figura 34- Fachada principal do Paço Ducal.

⁵⁸ Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.20.



Neste palácio há que realçar a fachada - principal, com 110 metros de comprimento e inteiramente revestida a mármore - e a composição das paredes em taipa.

Com a Implantação da República, em 1910, o Paço deixou de servir como residência da Casa de Bragança, voltando a abrir ao público em 1940, após a criação da Fundação que hoje preserva este património.⁵⁹

Figura 35- Planta do Paço Ducal.

59 CARNEIRO, André [et al.] . Vila ducal renascentista – Vol. III: Estudos históricos [em linha]. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2020. P. 67. [Consult. 2025] Disponível em: «https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2020/12/VOLUME-III-%E2%80%93-VILA-VICOSA-VILA-DUCAL-RENASCENTISTA-%E2%80%93-Estudos-Historicos_Portugues_compressed.pdf».



Igreja de São Bartolomeu

A igreja de São Bartolomeu, erguida em 1636 como parte integrante do antigo Colégio Jesuíta de São João Evangelista, apresenta uma longa história de interrupções construtivas, tendo-se concluído a construção em 1698.⁶⁰

Esta igreja, preexistindo à expansão da Vila, foi determinante na definição do traçado das ruas, condicionando a malha urbana - que se queria, nesse momento expansionista, regular e geométrica. Por um lado, impede a continuação do arruamento denominado “Corredoura” (forçando a sua bifurcação), por outro, foi determinante para o alargamento da “Estrada de Évora” para sul, inaugurando a “Praça Nova” (hoje, Praça da República).⁶¹

Destaca-se o uso do mármore nos pavimentos e na fachada orientada para a atual Praça da República.

Figura 36 - Vista para a Praça da República com ênfase na fachada principal da Igreja de S. Bartolomeu.

⁶⁰ NUNES, Castro; NOÉ, Paula. Casa Professa de São João Evangelista / Igreja Paroquial de São Bartolomeu de Vila Viçosa / Igreja de São Bartolomeu, IPA.4372 [em linha]. SIPA- Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. [Consult. 2025] Disponível em: «http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4372».

⁶¹ Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 6. Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1997. ISSN: 0872-8747. P.56.



Igreja e Convento dos Agostinhos

Situado em frente ao Paço Ducal, o Convento dos Agostinhos foi fundado em 1267, durante o reinado de D. Afonso III, e entregue à Ordem dos Eremitas Calçados foi o primeiro convento em Vila Viçosa.

Com a construção do Paço Ducal em 1501, os edifícios foram reorganizados para relacionar a fachada principal com o Terreiro do Paço.⁶²

Posteriormente, em 1861, foram levadas a cabo múltiplas obras de reconstrução da igreja, patrocinadas pela Casa de Bragança.⁶³

Em termos construtivos, a Igreja é composta por estruturas autoportantes de alvenarias mistas⁶⁴, assim como o pavimento, composto por pedra mármore.

Figura 37 - Fachada principal da Igreja dos Agostinhos.

62 Município de Vila Viçosa. Igreja e Convento dos Agostinhos [em linha]. 2020. [Consult. 2025] Disponível em: «<https://www.cm-vilavicoso.pt/locais/igreja-e-convento-dos-agostinhos/>».

63 Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.94.

64 NUNES, Castro; NOÉ, Paula. Convento dos Agostinhoa, IPA.2775 [em linha]. SIPA- Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. [Consult. 2025] Disponível em: «http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2775».



Igreja de Nossa Senhora da Conceição

Localizado no interior das muralhas medievais, o Santuário da Nossa Senhora da Conceição é a igreja matriz de Vila Viçosa. A sua origem remonta à Idade Média, embora a atual construção resulte da reforma levada a cabo em 1569, durante o reinado de D. Sebastião.⁶⁵

O templo, de três naves, destaca-se pela utilização abundante do mármore local, tanto na fachada, como no pavimento interior.

Figura 38- Adro da Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

⁶⁵ Município de Vila Viçosa. Santuário de Nossa Sra. da Conceição [em linha]. 2020. [Consult. 2025] Disponível em: «<https://www.cm-vilavicoso.pt/locais/santuario-de-nossa-sra-da-conceicao/>».



Igreja e Claustro do Convento das Chagas

O Convento das Chagas foi mandado construir por D.Jaime em 1514, com o propósito de servir como Panteão das duquesas da casa.

A 1535, o espaço acolheu as clarissas vindas do Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de Beja.

Desde 1905, o edifício foi convertido na Pousada D. João IV, mantendo a estrutura original.⁶⁶

A estrutura é em alvenaria mista e é utilizado a pedra mármore de Vila Viçosa em cantarias e pavimentos.

Figura 39 - Fachada do Convento voltado para o Terreiro do Paço.

⁶⁶ Município de Vila Viçosa. Igreja e Convento das Chagas [em linha]. 2020. [Consult. 2025] Disponível em: «<https://www.cm-vilavicoso.pt/locais/%E2%80%8B%E2%80%8Bigreja-e-convento-das-chagas/>».



Casa de Francisco Barata dos Santos

A Casa de Francisco Barata dos Santos, é uma moradia projetada pelos arquitetos Nuno Portas e Nuno Teotónio Pereira. Como referido por Manuel Graça Dias na revista *Monumentos* nº6: «O desenho foi surgindo e, na raiva dos esquadros que se viravam coniventes, escreveram ambientes, vistas, incrível espessura de paredes, lugares para o mármore (...) A casa é, ainda hoje (1997), Vila Viçosa, o que fazia os arquitetos modernos visitarem o Alentejo em busca de experiências ou outros argumentos construídos.»⁶⁷.

Figura 40- Vista aérea da Casa de Francisco Barata dos Santos.

67 *Monumentos*. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 6. Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1997. ISSN: 0872-8747. P.67.

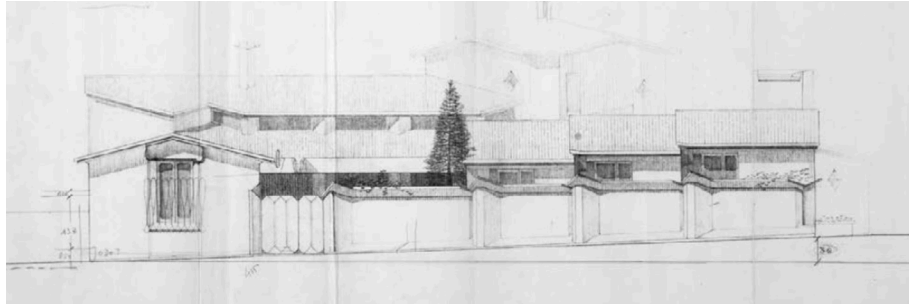


Figura 41- Alçado Sudeste

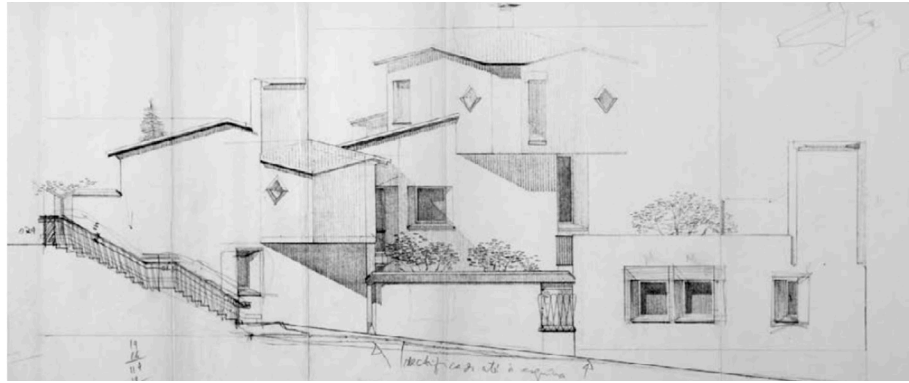


Figura 42- Alçado Nordeste

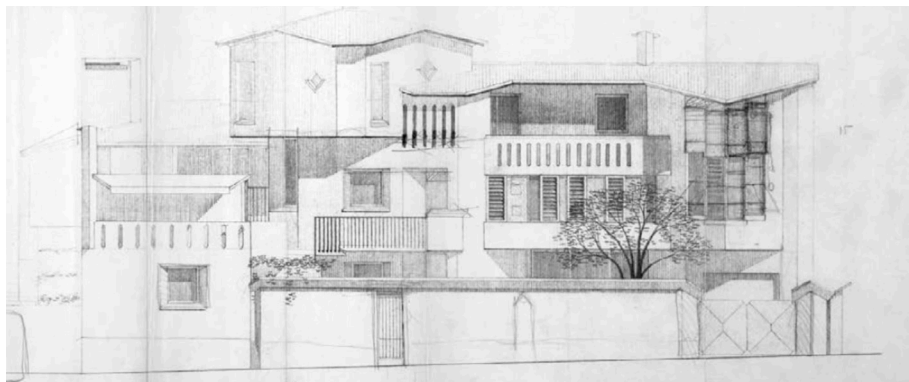


Figura 43- Alçado Noroeste



Figura 44- Alçado Sudoeste

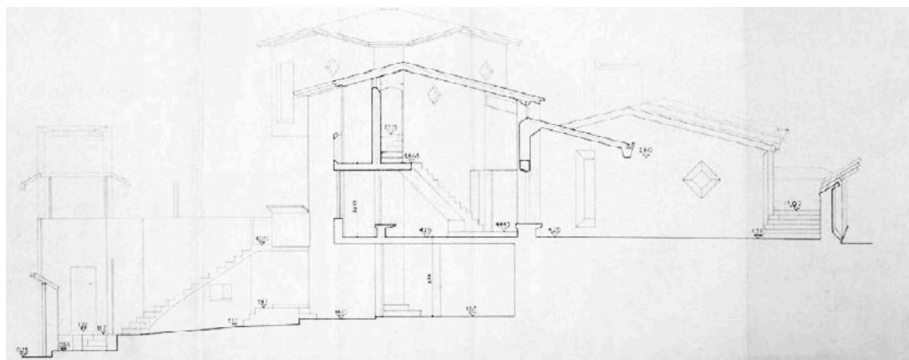


Figura 45- Corte



1. A Matéria e o Lugar | Vila Viçosa

O Local de Intervenção

A escolha do local considera o âmbito programático de uma Casa do Povo - que inclui um Salão, um café e oficinas - num espaço que se manteve desocupado ao longo da evolução urbana de Vila Viçosa. O local de intervenção está inserido no limite da malha urbana de Vila Viçosa, estabelecendo simultaneamente uma relação de proximidade visual com o Castelo, a Torre de Menagem e a Muralha, o que revelou uma oportunidade para o exercício de projeto de uma casa para a comunidade.

O lote, de forma trapezoidal, situa-se entre a Rua da Torre, a norte; a Avenida dos Duques de Bragança, a nascente; a Rua Puebla Hortênsia de Castro, a sul; e a Rua dos Combatentes da Grande Guerra, a poente.

As cotas altimétricas do local de intervenção variam até 4 metros entre o ponto mais alto (594.00m) e o mais baixo (590.00m), nos dois extremos opostos do lote, com dois pontos intermédios à cota 592.50m. Atualmente o lote é definido por uma terraplenagem à cota intermédia de 592.50m.

É do conhecimento comum uma intervenção no lote, onde foi iniciada uma construção para um particular. No entanto, a obra foi abandonada ainda numa fase inicial, tendo o processo sido revertido, e deixando o terreno com a atual terraplenagem e desocupado desde então.

Ao longo do tempo, o espaço foi utilizado esporadicamente para feiras e eventos e atualmente é um espaço sobrando e não qualificado que serve, de forma provisória, como estacionamento.

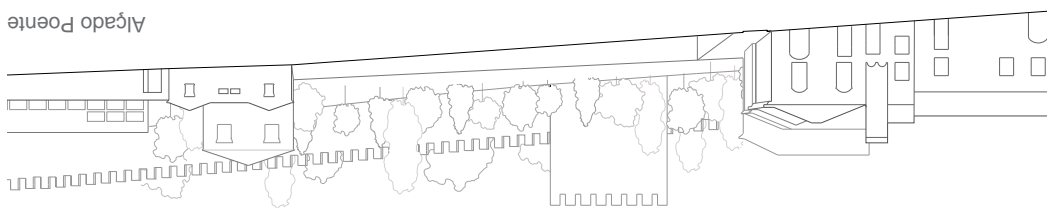
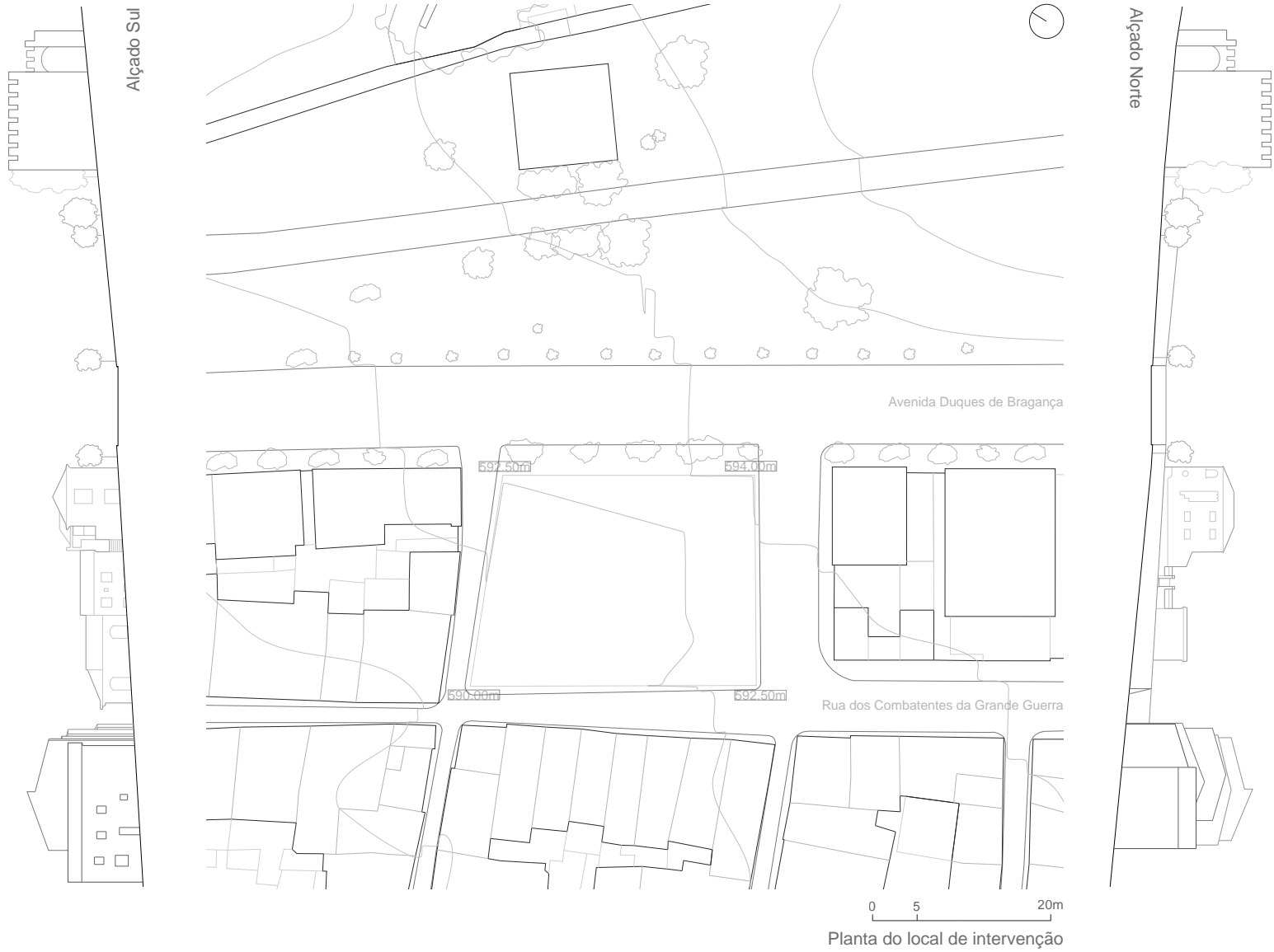
< Figura 49- Fotografia vista da muralha para o local de intervenção.





1. A Matéria e o Lugar | Vila Viçosa | O Local de Intervenção

< Figura 50- Ortofotomapa de Vila Viçosa com indicação do local de intervenção.



1. A Matéria e o Lugar | Vila Viçosa | O Local de Intervenção



Figura 51 - Alçado Norte
Figura 52- Alçado Poente



Figura 53- Alçado Sul

Figura 54- Alçado Nascente

Uma Casa do Povo em Vila Viçosa: Uma Praça Coberta entre Terreiros

2.1. Processo

Casos de estudo - Referências de pedra

Figuras 55 e 56 - Estádio Municipal de Braga, Eduardo Souto de Moura

Figuras 57 e 58 - Pavilhão de Barcelona, Mies Van Der Rohe

Figuras 59 e 60 - Villa Müller, Adolf Loos





A Casa do Povo desenha uma praça pública coberta.

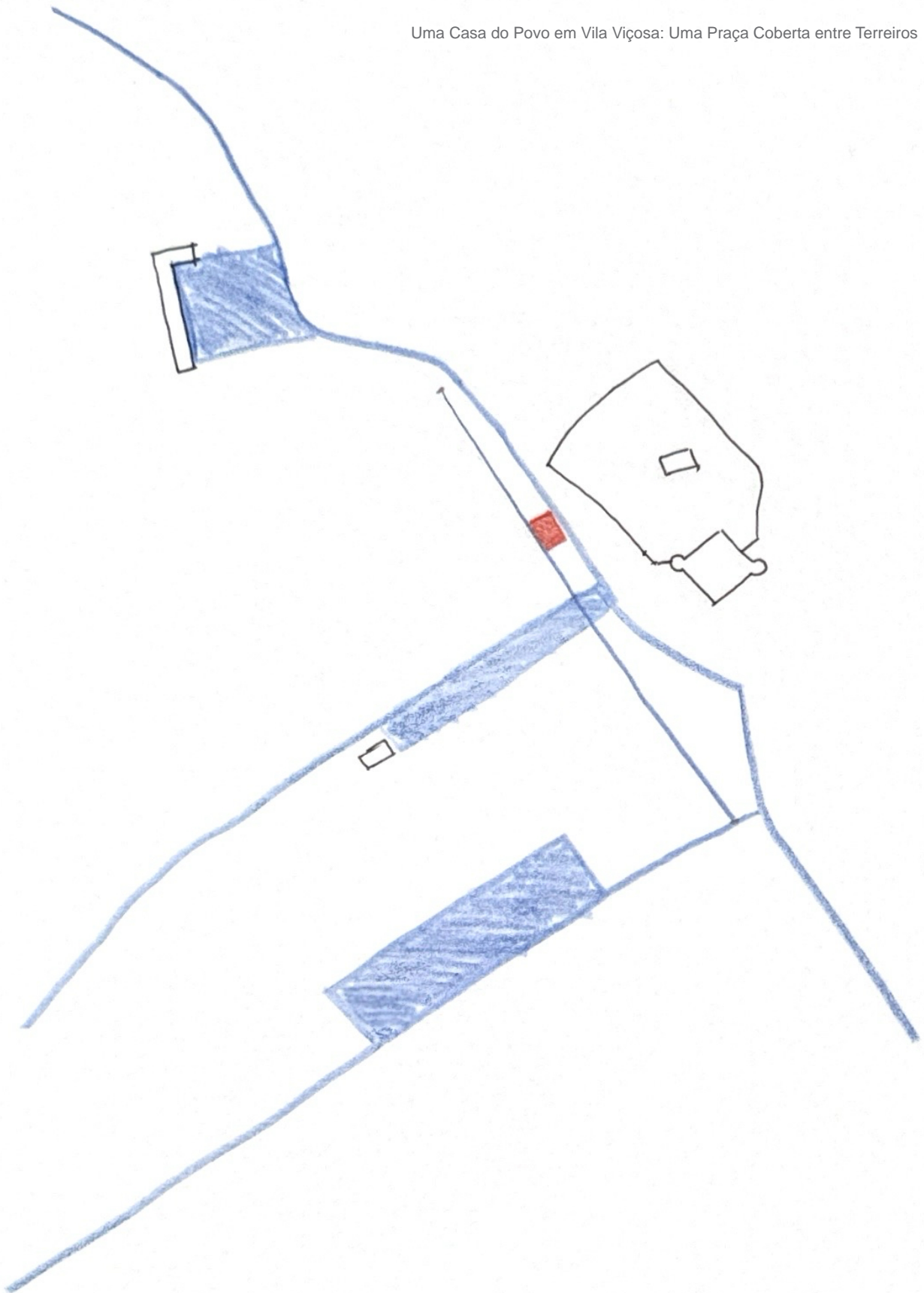
Esta hipótese surgiu logo após a primeira visita a Vila Viçosa em que percorremos os quatro grandes espaços públicos existentes: o Terreiro do Paço Ducal (A), a Praça da República (B), o Rossio (C) e o adro da Igreja de Nossa Sra. Da Conceição, no interior da muralha (D). Todos estes espaços são amplos que permitem inúmeras utilizações. A nova praça, à sombra pretende-se como um novo espaço público, mais recolhido e com uma outra escala humana.

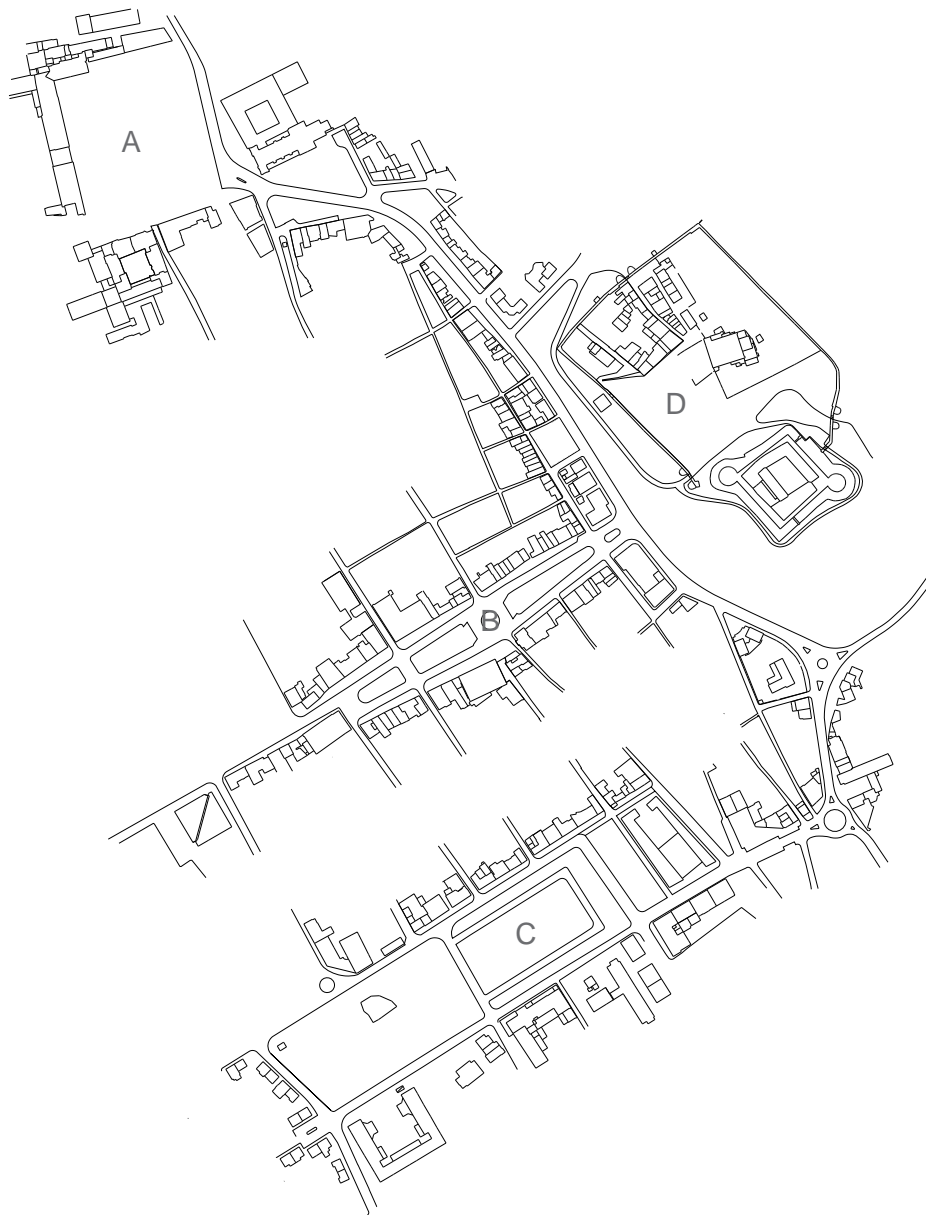
Um lugar de reunião.

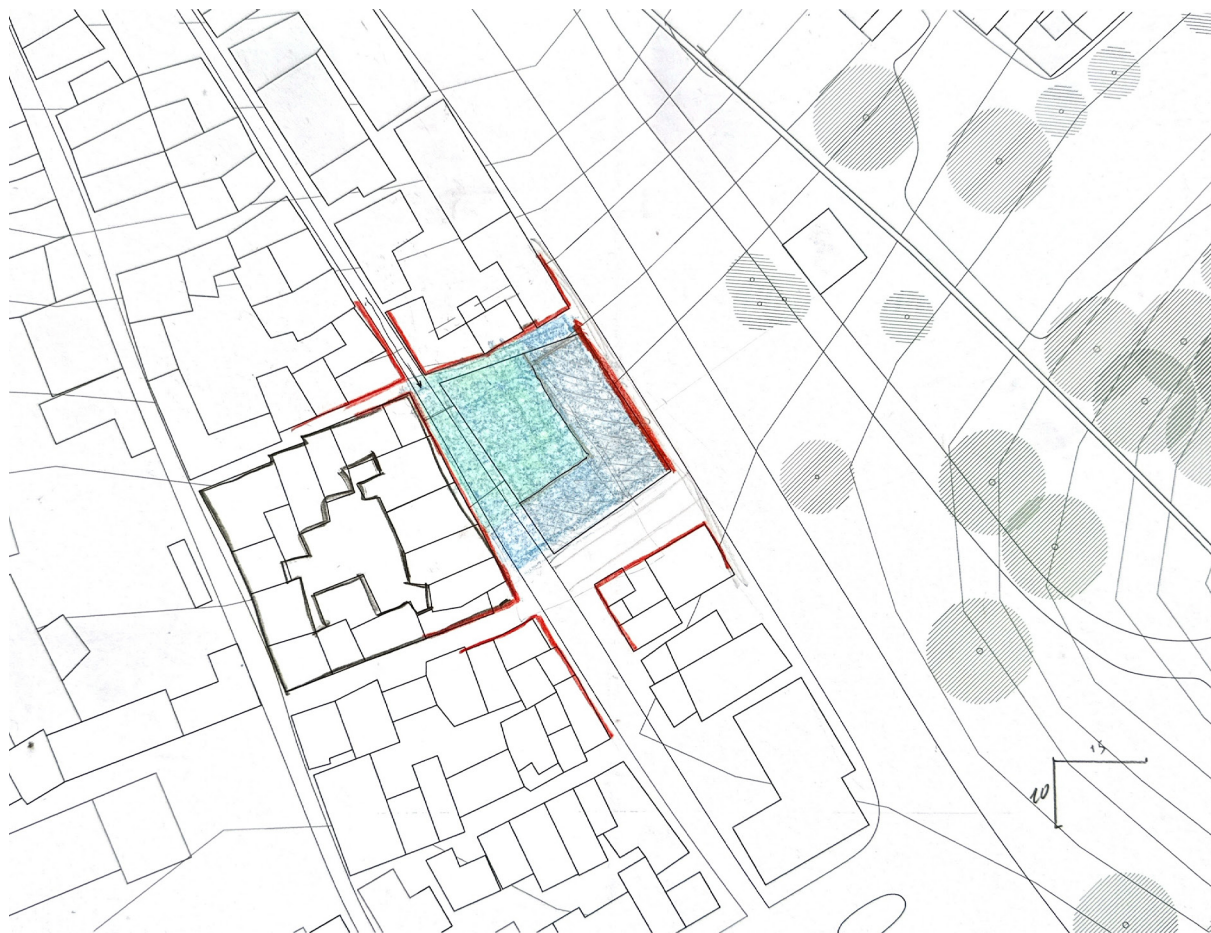
Figura 61 - Primeiro esquisso de análise de Vila Viçosa, planta de localização - diagrama

Figura 62 - Mercado na Praça da República, anos 20

Figura 63 - Planta com identificação de alguns espaços públicos







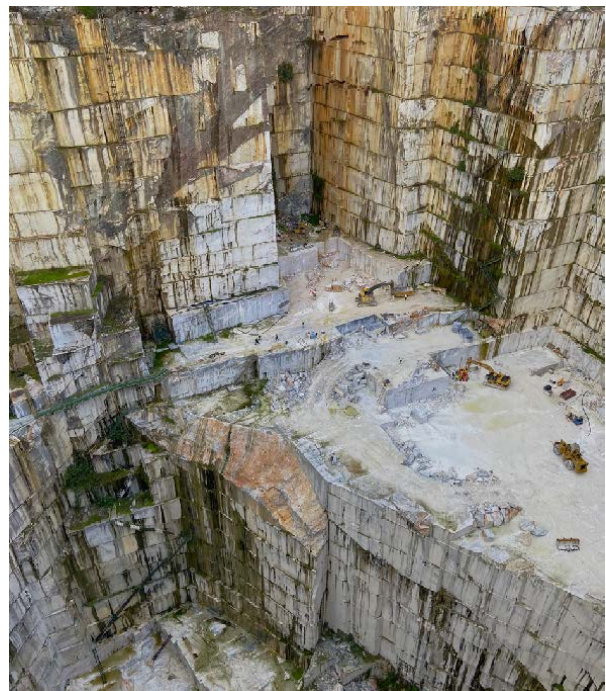
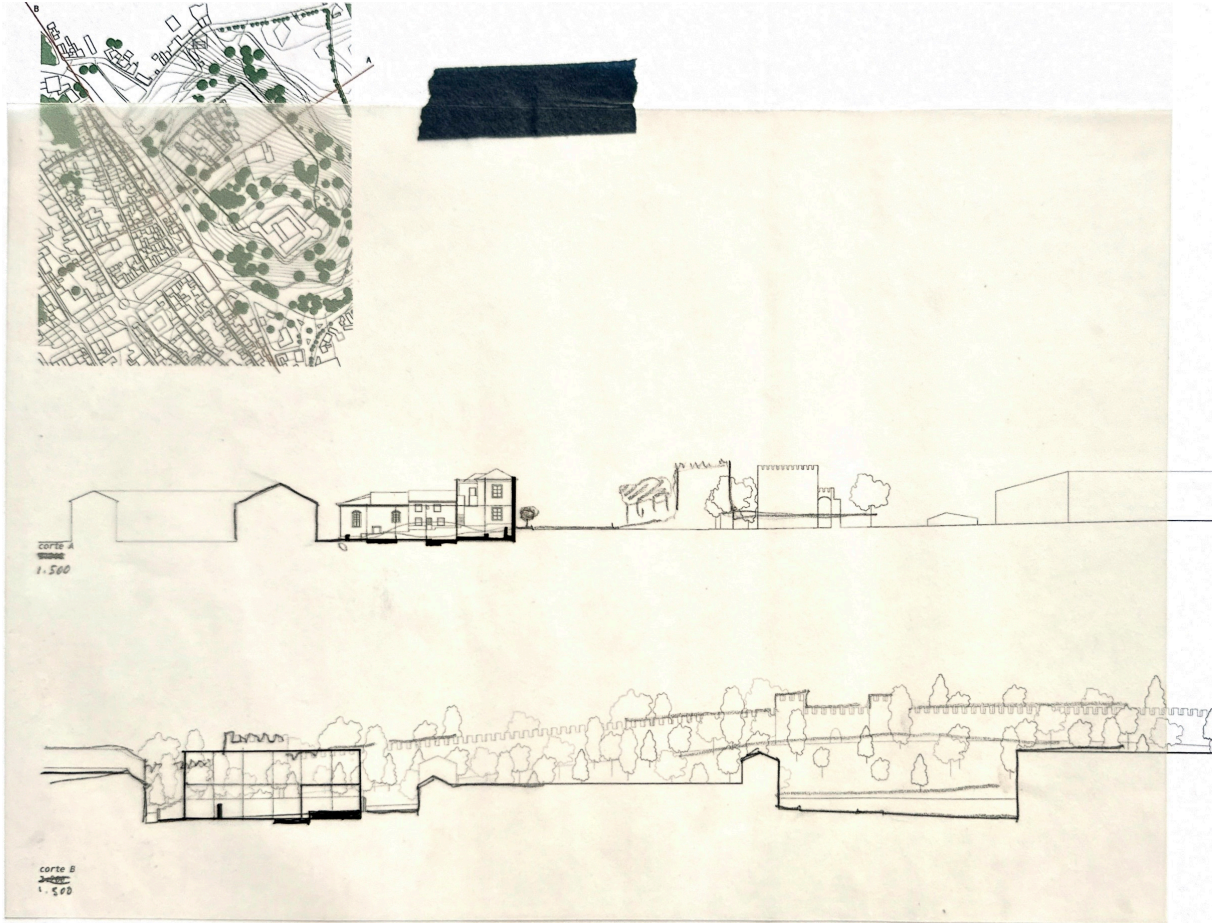
O local de intervenção localiza-se junto a uma das principais vias de acesso a Vila Viçosa, a Av. Duques de Bragança. A praça vira-se para o interior da malha urbana e é protegida relativamente ao movimento viário da avenida.

Como ponto de partida, o chão da nova praça é esculpido em pedra mármore, configurando diferentes ambientes terminando num muro que a protege. Sobre esta “pedreira” pouso um edifício mais leve e transparente que resolve o programa.

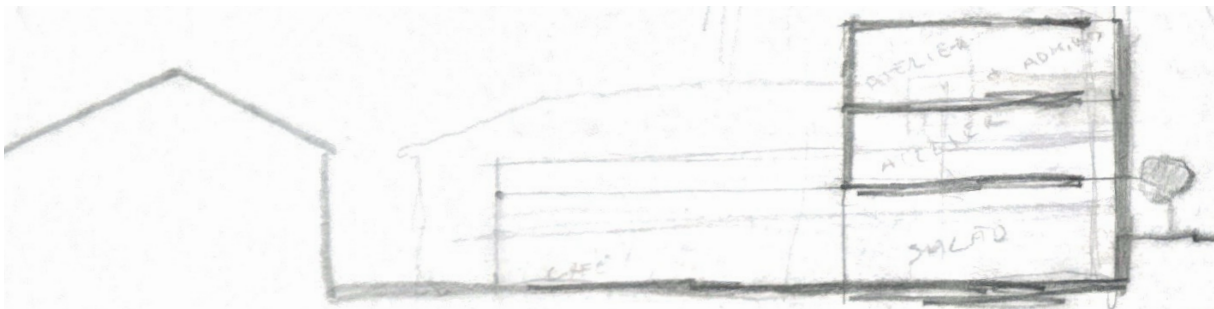
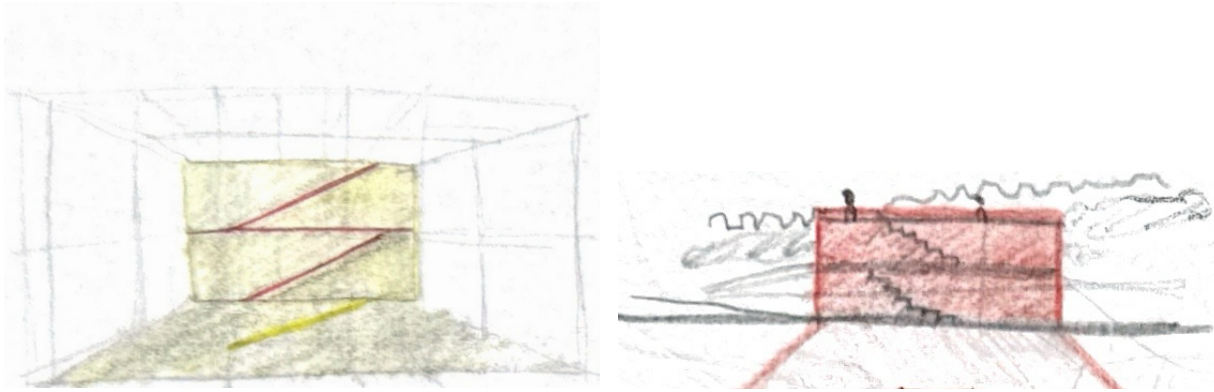
Figura 64 - Esquisso - relação do lote com a envolvente

Figura 65 - Esquisso - a praça esculpida em pedra mármore

Figura 66 - Visita à pedreira, Vila Viçosa







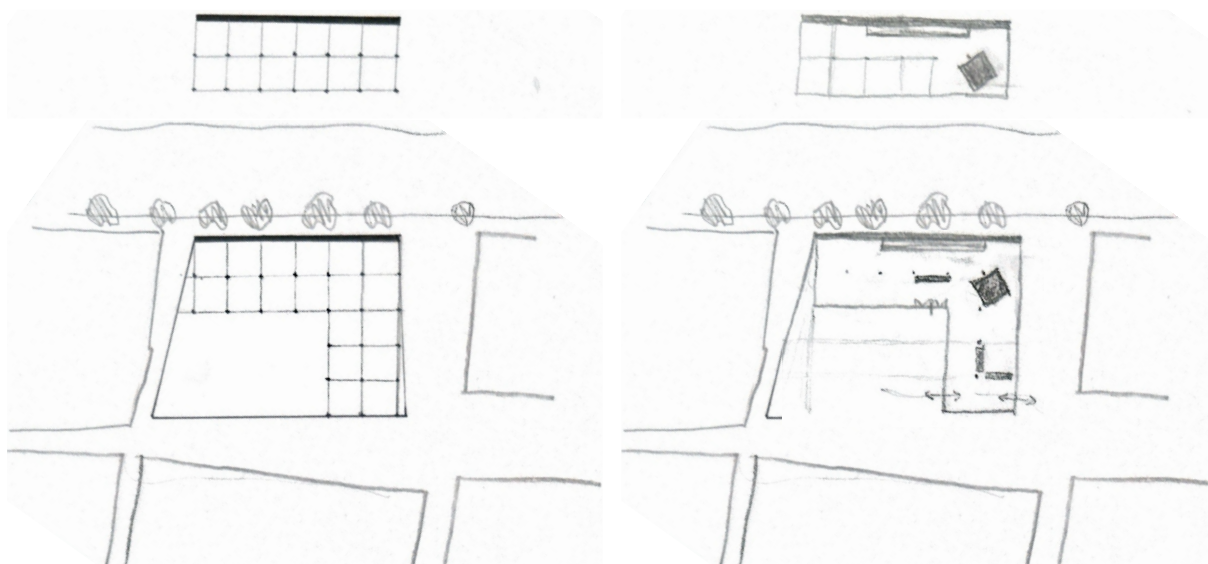
Tal como a muralha do castelo, que está em constante relação com as construções no seu interior, este corpo projetado tem também uma relação de contemplação com o novo muro de pedra mármore.

Nos acessos existe uma aproximação onde é possível tocar no material. No salão, nas oficinas e no café a materialidade é diferente.

Figura 67 - Relação da muralha com um edifício habitacional, Vila Viçosa

Figura 68 - Esquisso - relação do muro com os acessos

Figura 69 - Esquisso - relação do muro com o edifício



A organização do programa começa pelo desenho do salão que se relaciona diretamente com a praça. Já o café é perpendicular ao muro e liga a praça à Rua Puebla Hortênsia de Castro. No segundo piso localizam-se as oficinas.

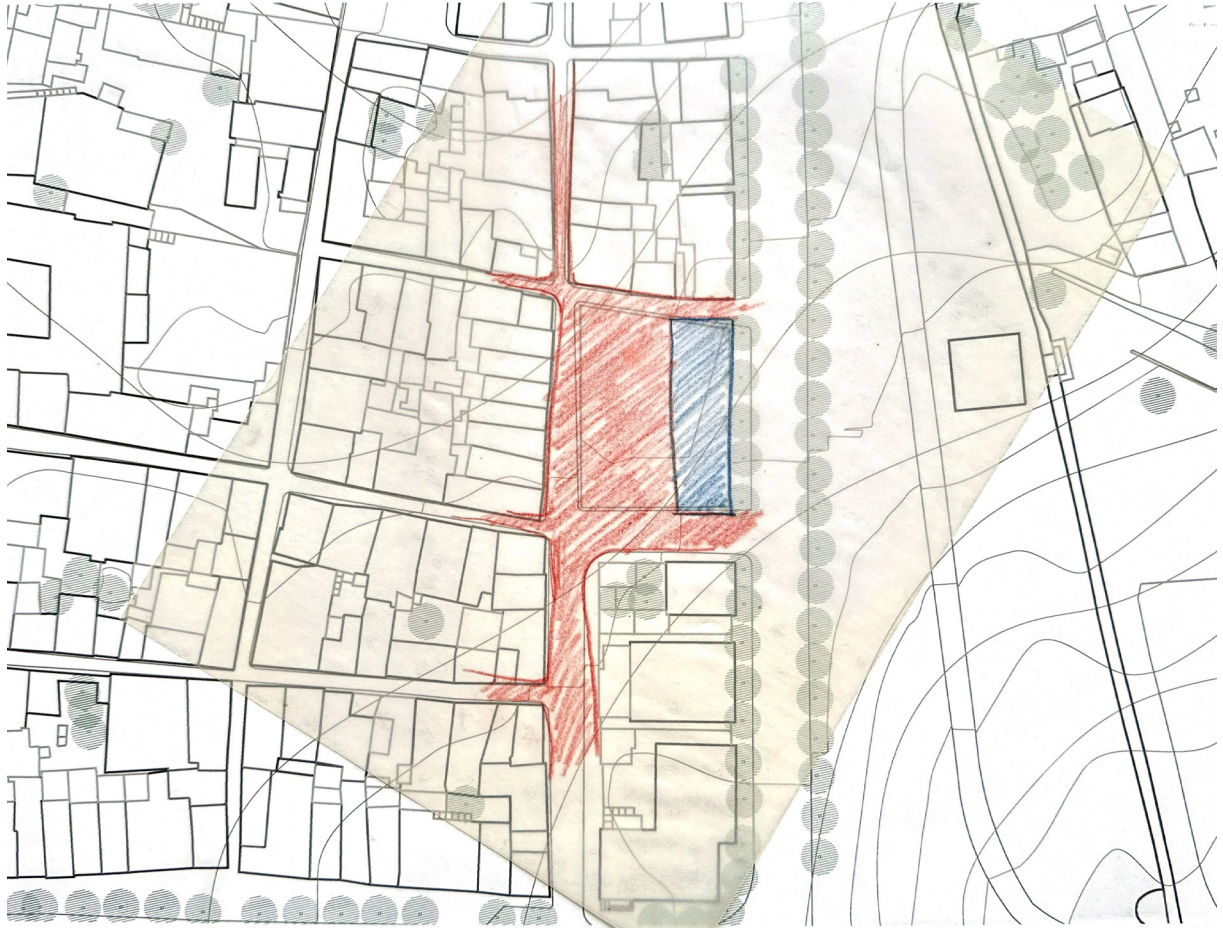
Na Av. Duques de Bragança é anunciado o carácter público do edifício através de uma fachada em mármore. O último piso é uma fachada cega ou olha sobre o muro e tem uma relação com a encosta do castelo e a muralha.

Figura 70 - Esquisso - grelha de organização de projeto

Figura 71 - Esquisso - primeira organização formal do programa

Figuras 72 e 73 - Desenho de fachada sobre fotografia, vista da muralha do castelo

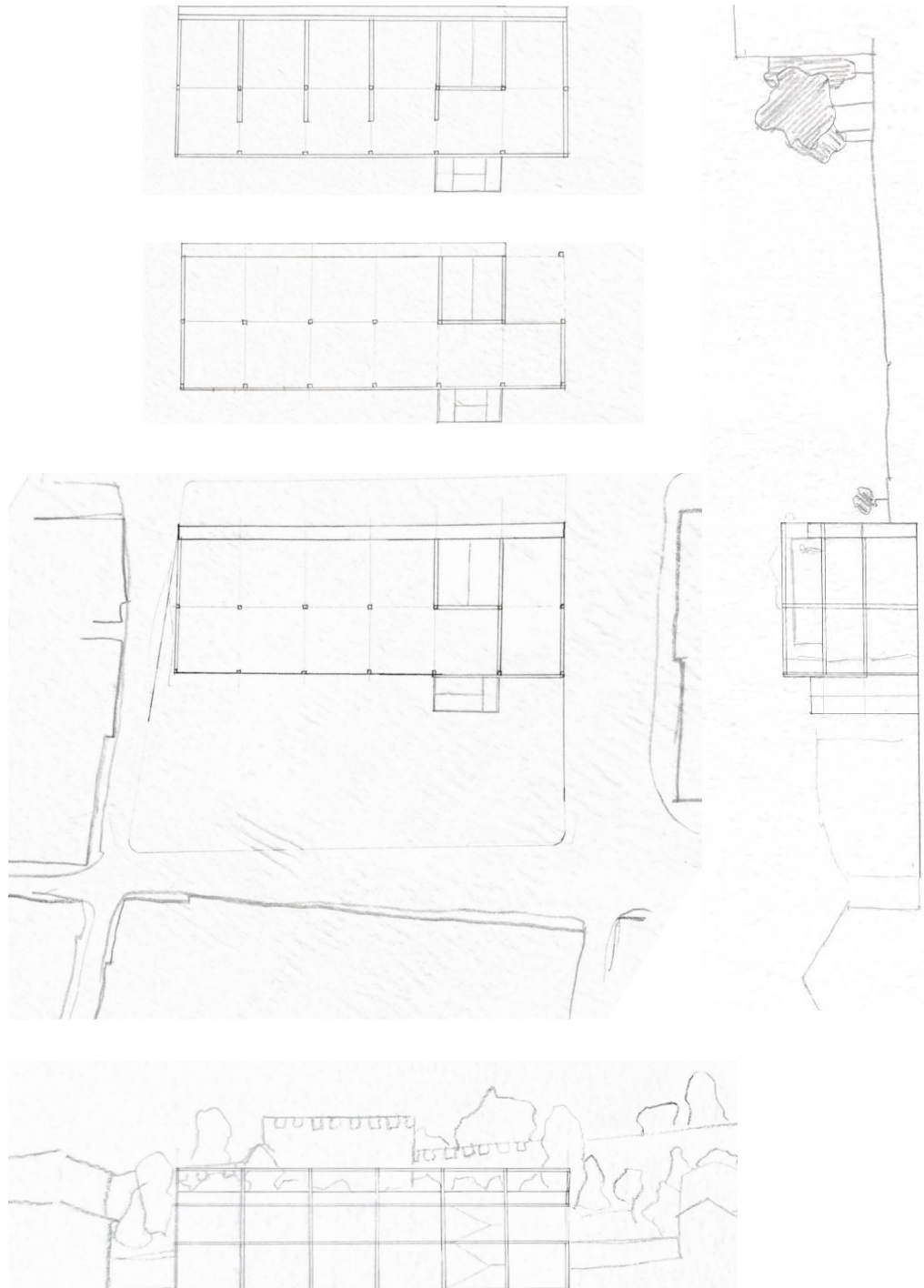


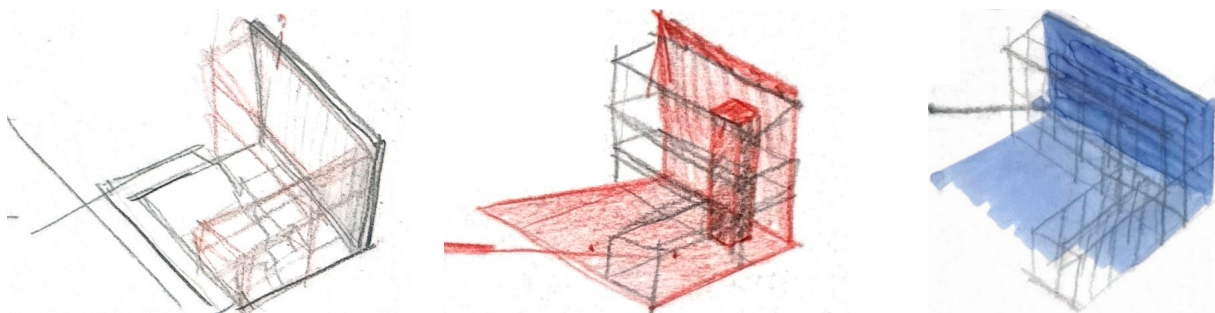


Na tentativa de a praça ter a maior área possível, o programa desenvolve-se num único edifício. O café no piso térreo está relacionado diretamente com a praça, o salão é acessível pela cota da Av. Duques de Bragança e as oficinas no último piso mantêm a relação visual com a encosta do castelo e a praça.

Figura 74 - Esquisso - implantação do projeto com vias de acesso à praça

Figura 75 - Desenhos rigorosos da proposta

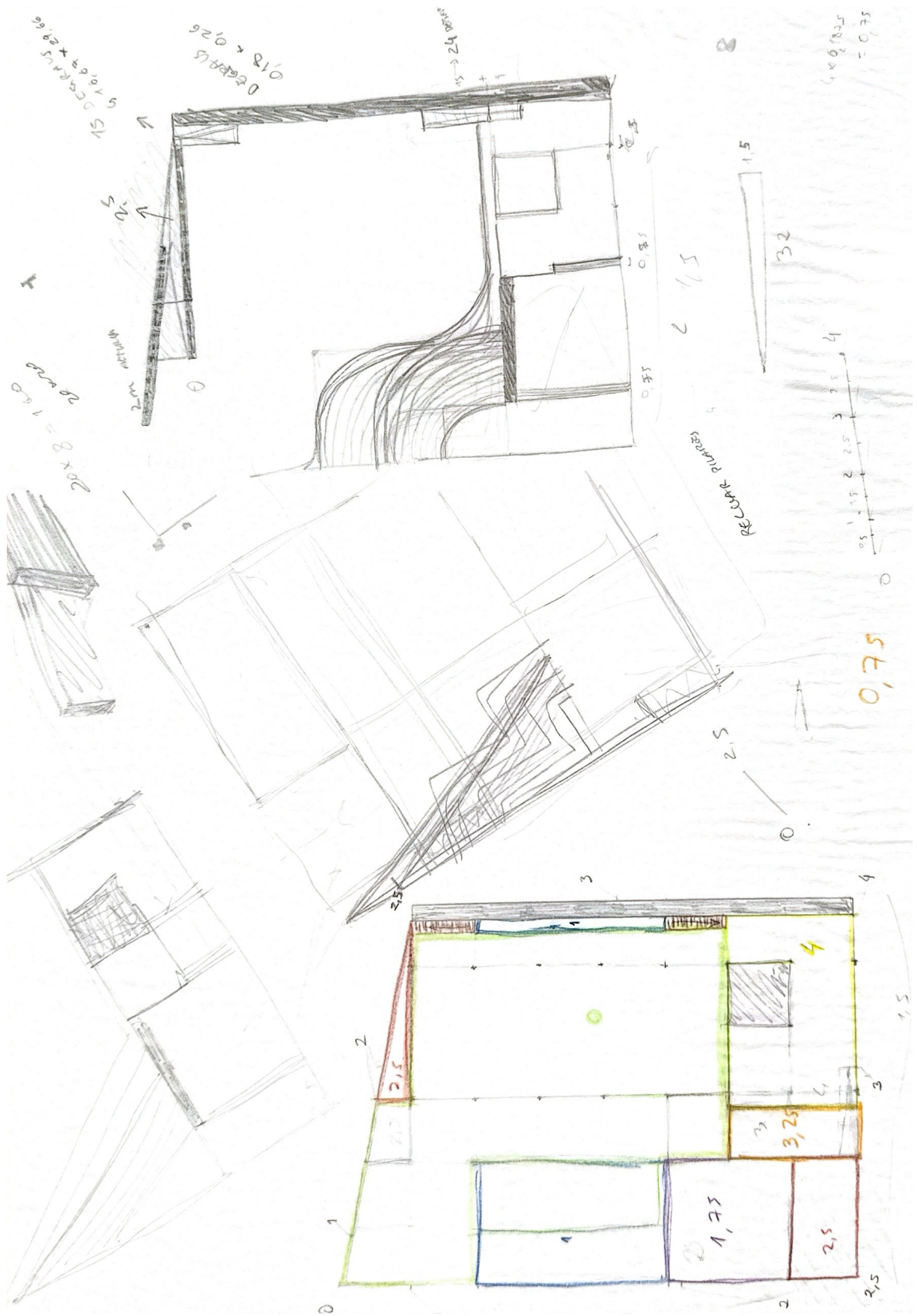


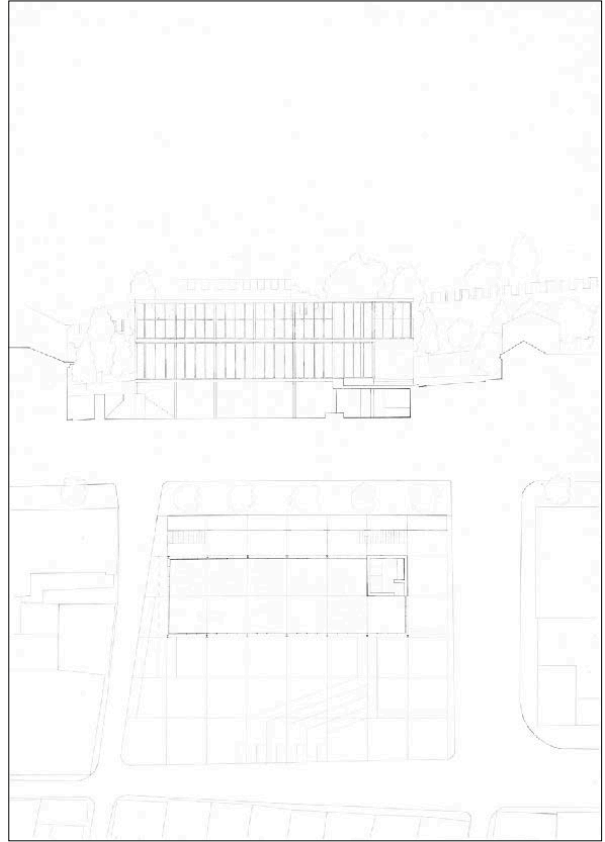
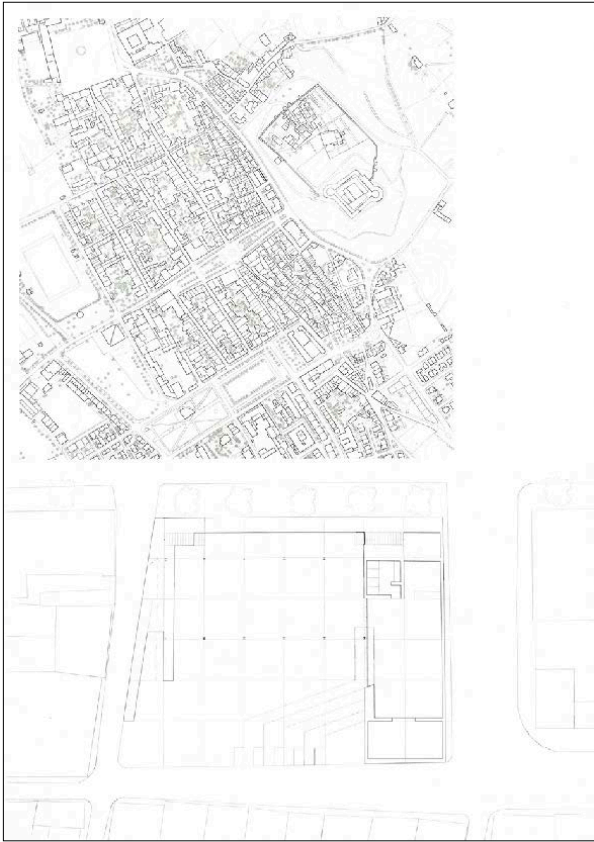


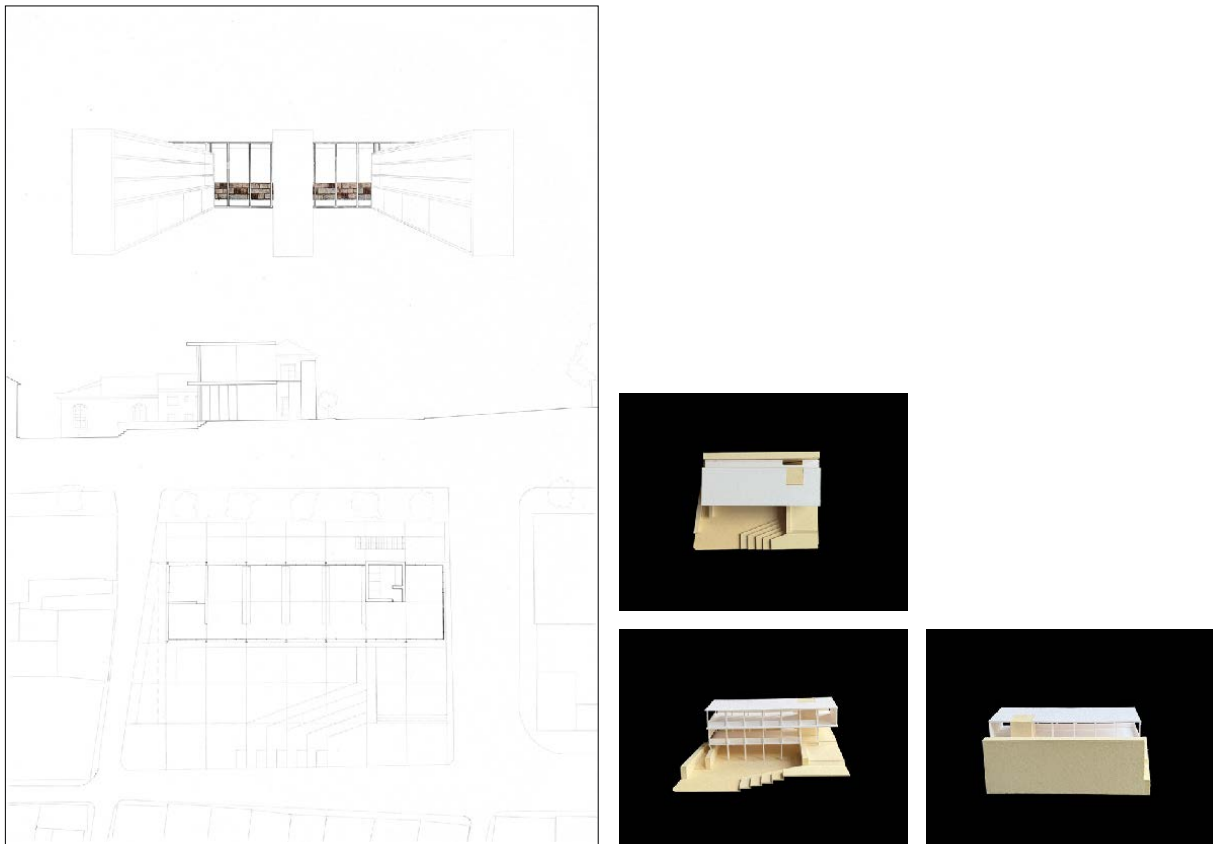
O local de intervenção apresenta uma diferença de cotas elevada - quatro metros do ponto mais baixo ao mais alto. A base em pedra mármore faz a relação entre cotas enquanto resolve parte do programa.

Figura 76 - Esquisso - relação entre a pedra mármore e o edifício

Figura 77 - Esquisso - estudo para resolver a diferença de cotas







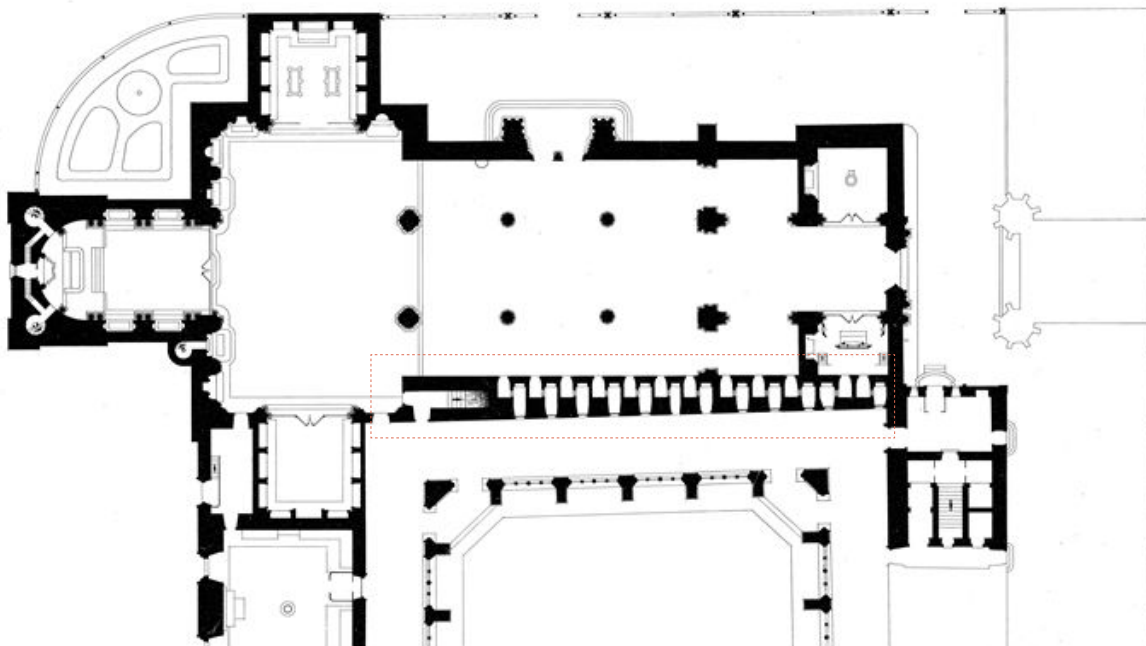
A diferença de cotas é resolvida através do café e uma bancada exterior que pertencem à praça, na cota zero do terreno, e estão diretamente relacionados. Sobre a base de pedra é desenhado um edifício suspenso, com estrutura metálica e as paredes envolventes em vidro, que oferece um espaço de sombra à praça. Os acessos entre pisos criam um afastamento entre o muro e o edifício.

A entrada para o salão é feita à cota da Av. Duques de Bragança. As oficinas localizam-se no último piso e possibilitam a relação transversal entre a praça e a encosta do castelo.

Figura 78 - Painéis - Ponto de situação, 20 de janeiro de 2025

Figura 79 - Maquete de trabalho, 1:200

MOSTEIRO DE BELEM
ESCALA DE 0.01 P.M.

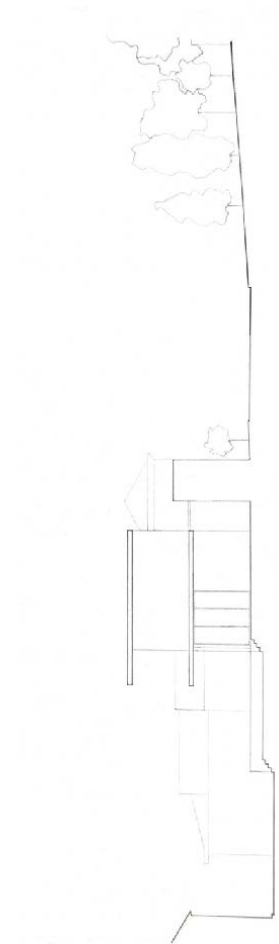
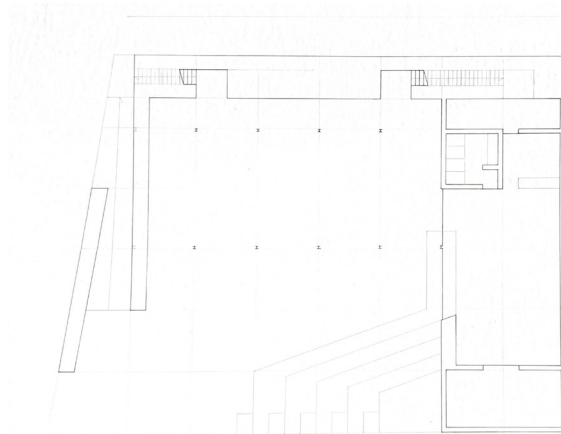
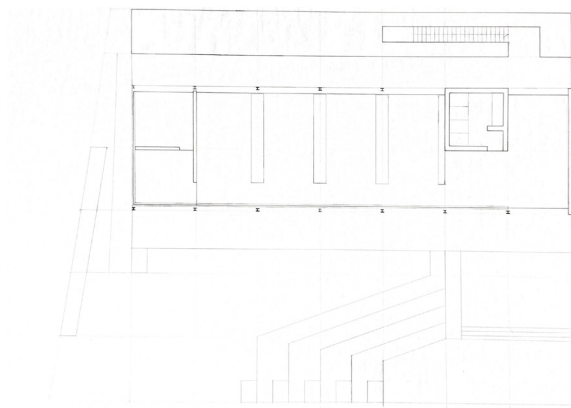
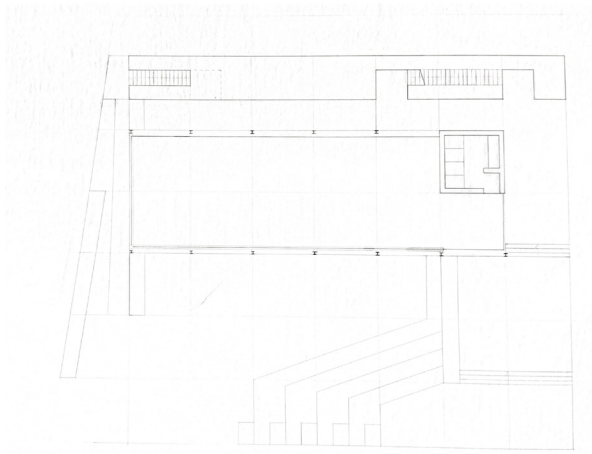
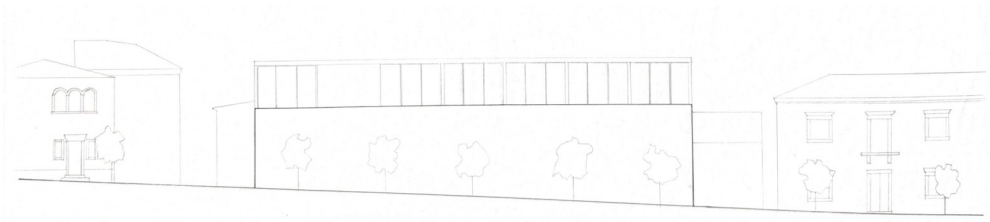


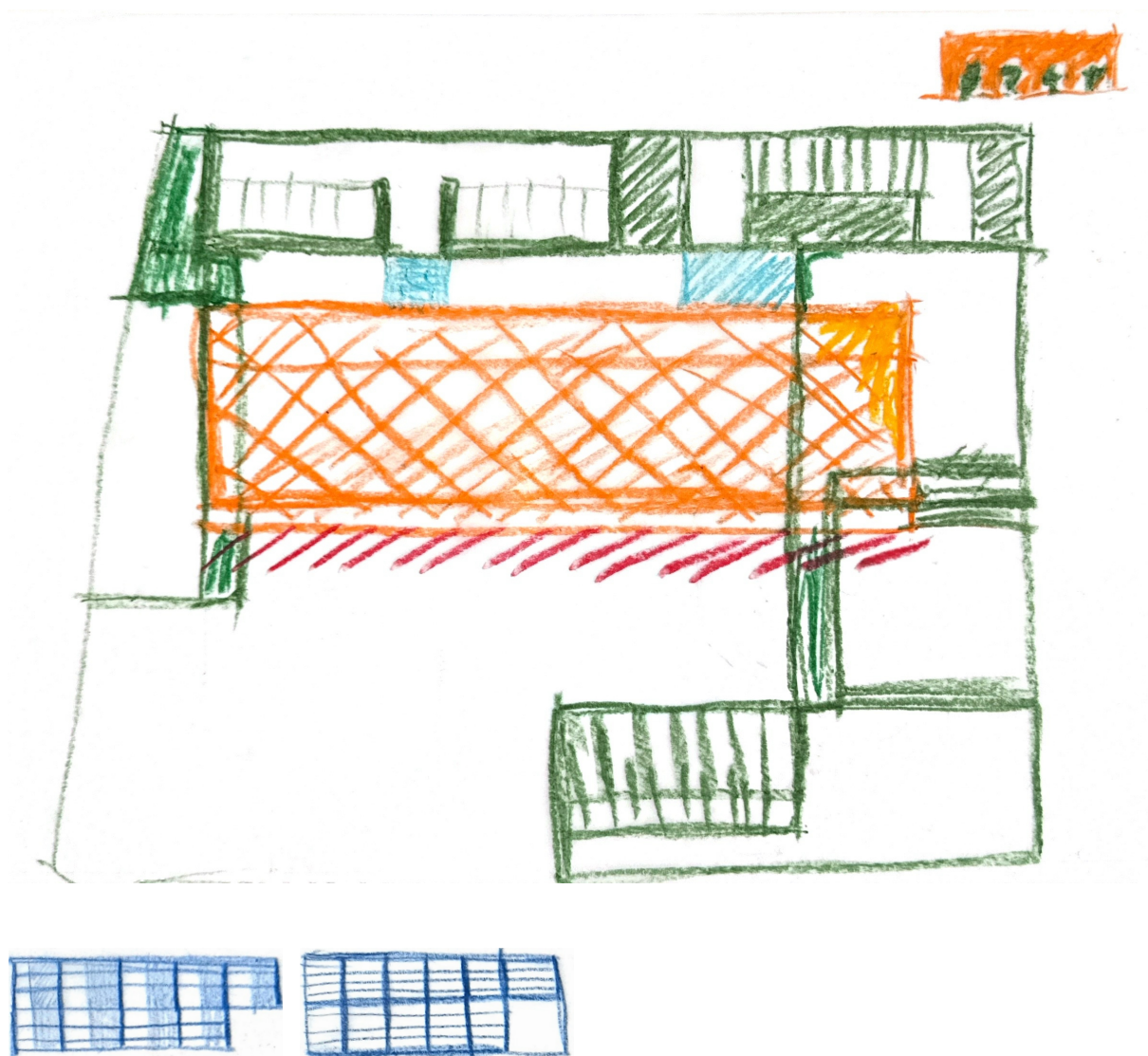
Uma parede habitada.

O muro que antes tinha a função de proteger a praça passa também a desenhar os acessos entre os diferentes pisos.

Figura 80 - Planta parcial do Mosteiro dos jerónimos onde está assinalada a parede habitada pelas escadas e pelos confesionários

Figura 81 - Desenhos rigorosos da proposta



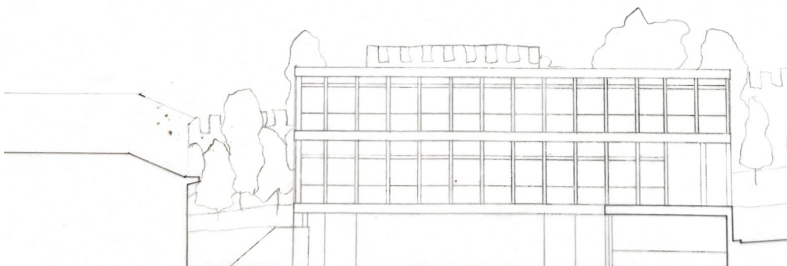
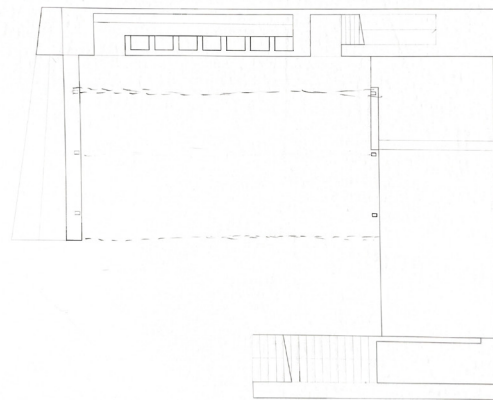
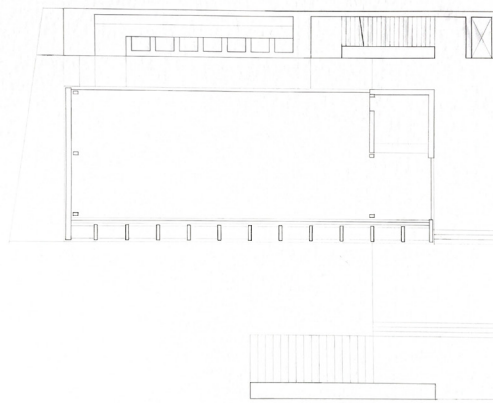
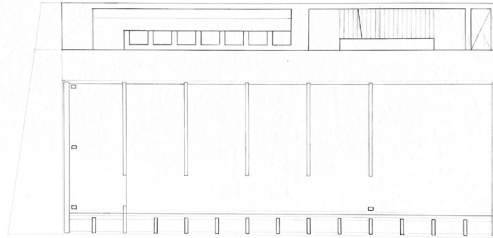
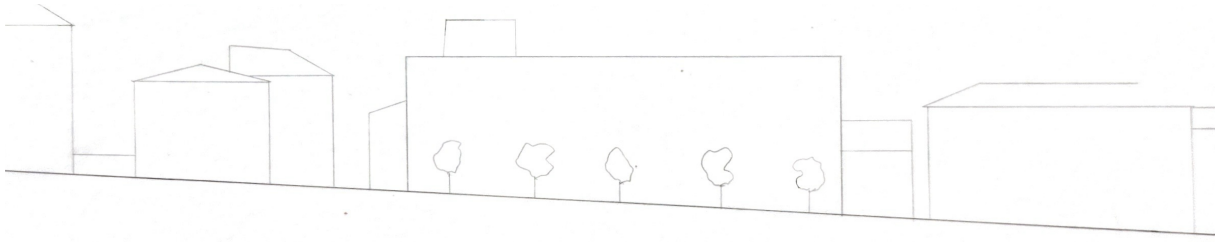


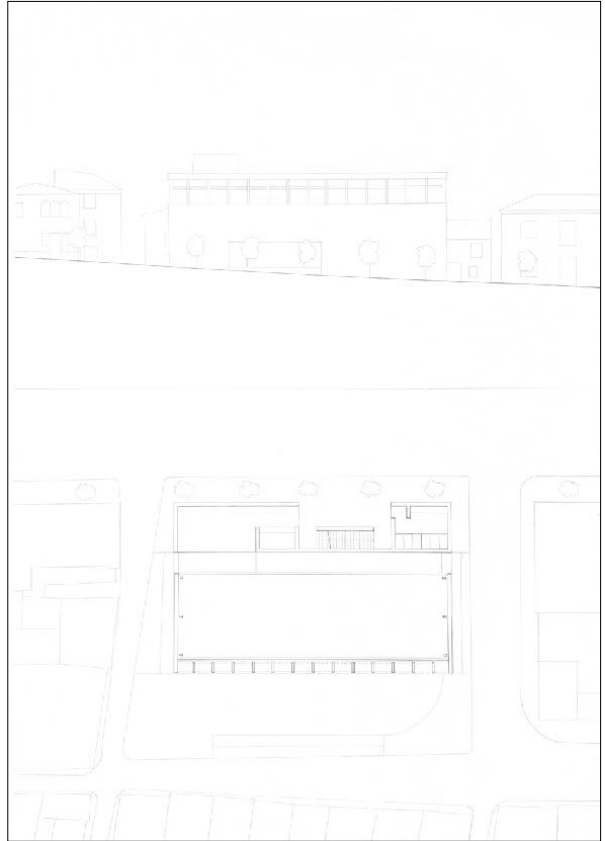
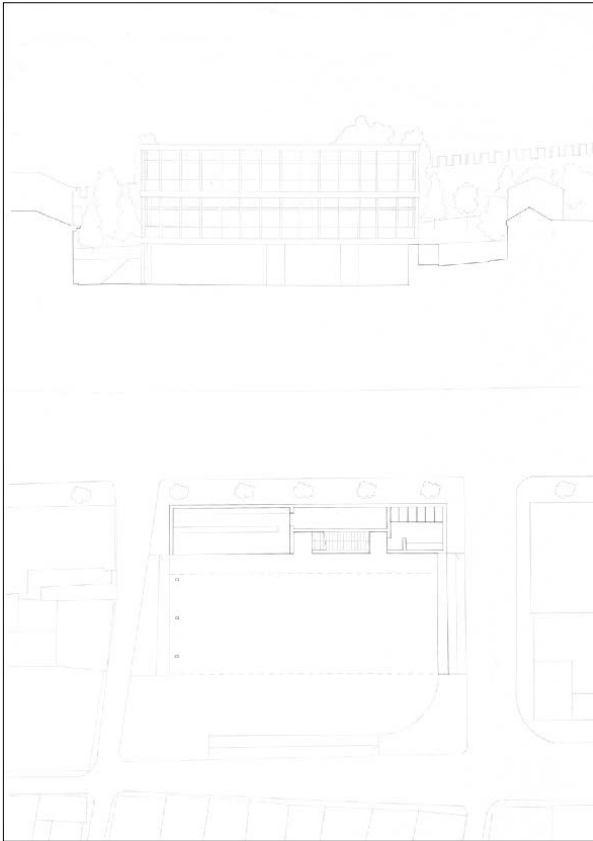
Para além dos acessos, o muro passa também a incorporar as instalações sanitárias. Os apoios do edifício estão localizados nas laterais para não segmentar a praça. A métrica dos vãos é marcada por planos verticais e horizontais na fachada poente por forma a controlar a entrada de luz no interior do edifício, direta e indireta. A fachada virada para a Av. Duques de Bragança volta a ser cega.

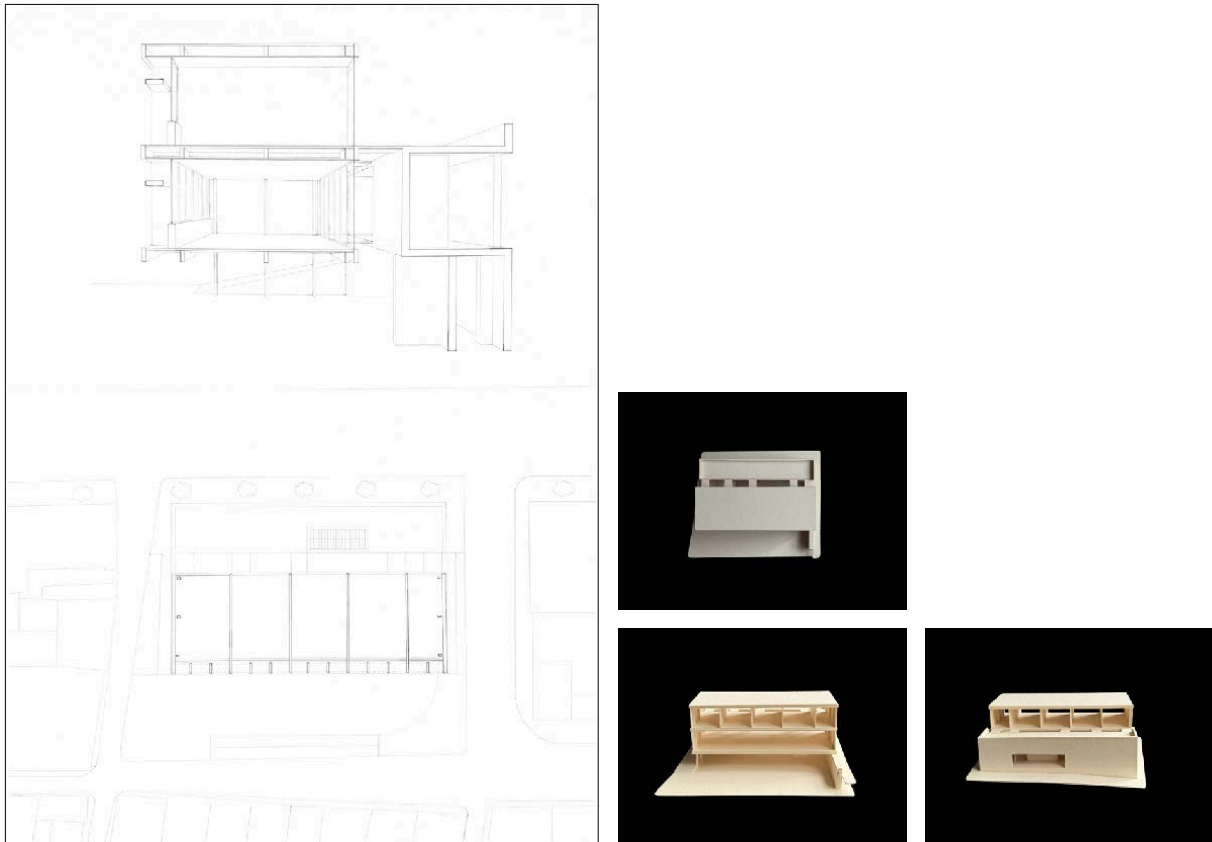
Figura 82 - Esquisso de trabalho

Figura 83 - Desenhos rigorosos da proposta

Figura 84 - Maquete de estudo da fachada







O café passa a integrar o muro e a praça fica mais ampla.
Uma rampa resolve a diferença de cotas e une a praça à Av. Duques de Bragança, cotas 0.00 e 4.00, respetivamente.
O muro contém as entradas, a totalidade dos serviços e os acessos verticais.
Na fachada virada para a avenida é aberto um vão que cria uma entrada direta para o salão e um átrio.

Figura 85 - Painéis - Ponto de situação, 21 de março de 2025

Figura 86 - Maquete de trabalho, 1:200

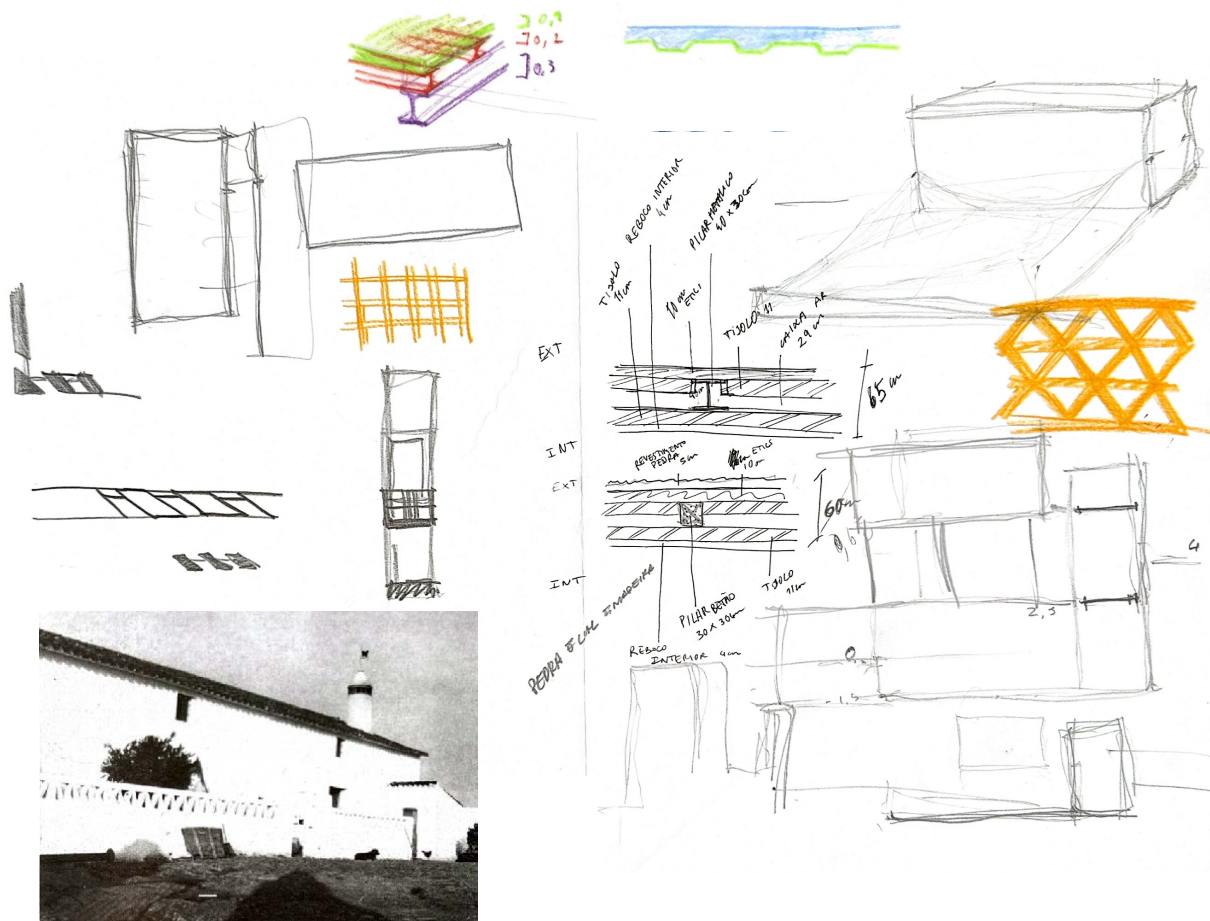
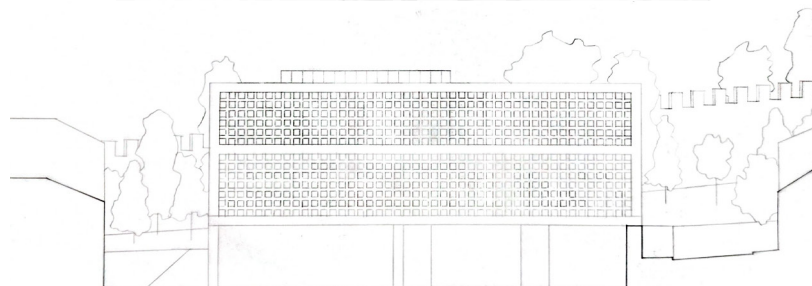
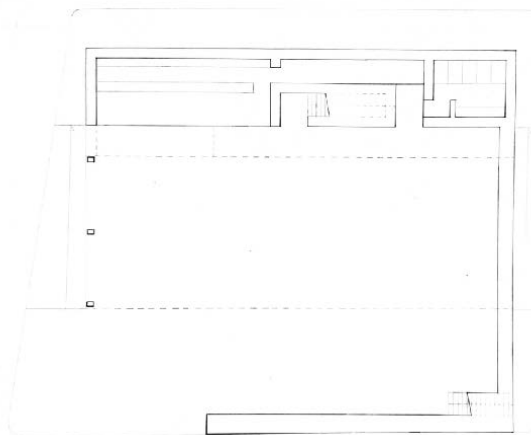
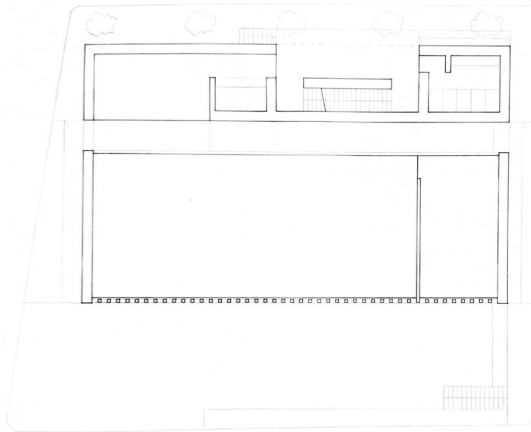
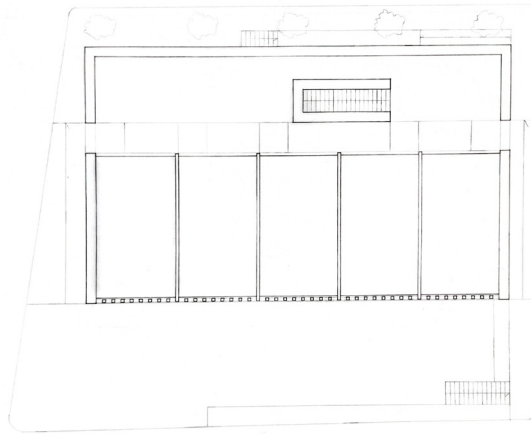
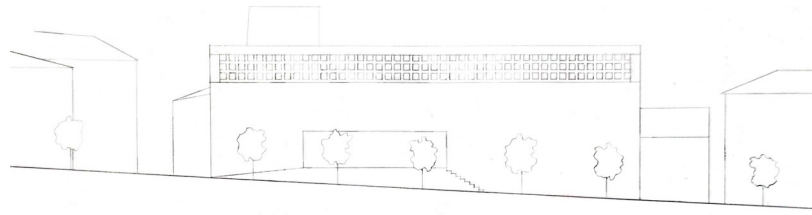


Figura 87 - Esquisso - estudo do sombreamento e detalhes construtivos

Figura 88 - Muro tipicamente Alentejano

Figura 89 - Desenhos rigorosos da proposta - aplicação de cobogó na fachada



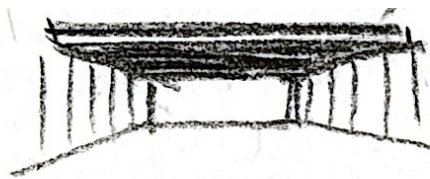
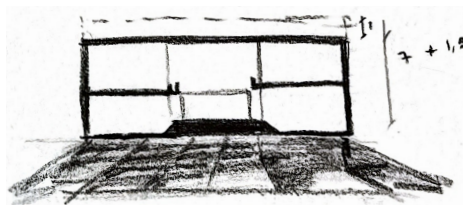
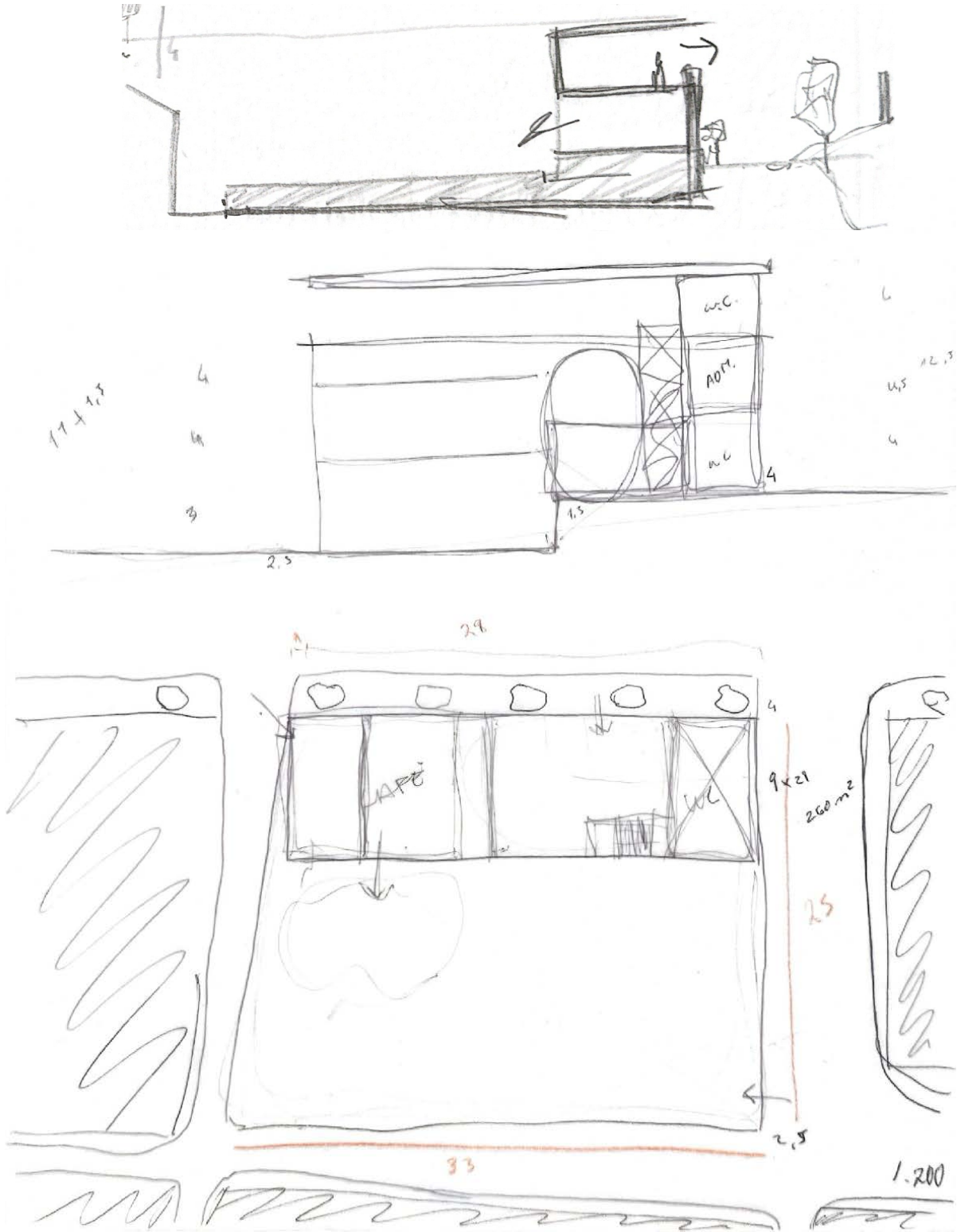
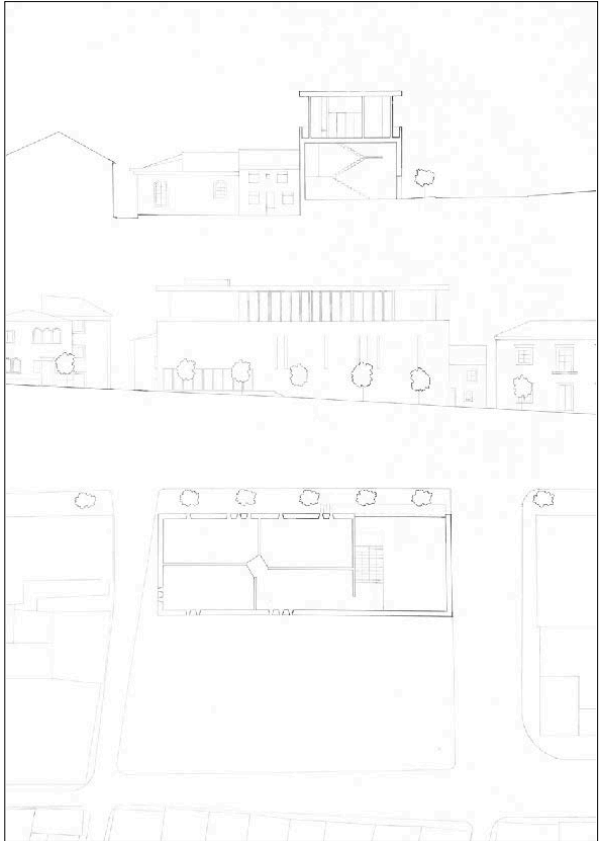
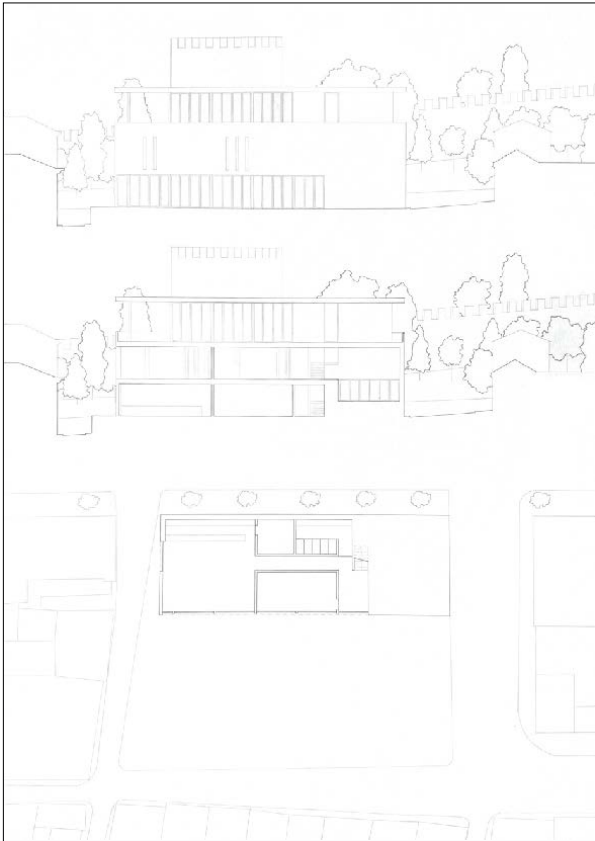


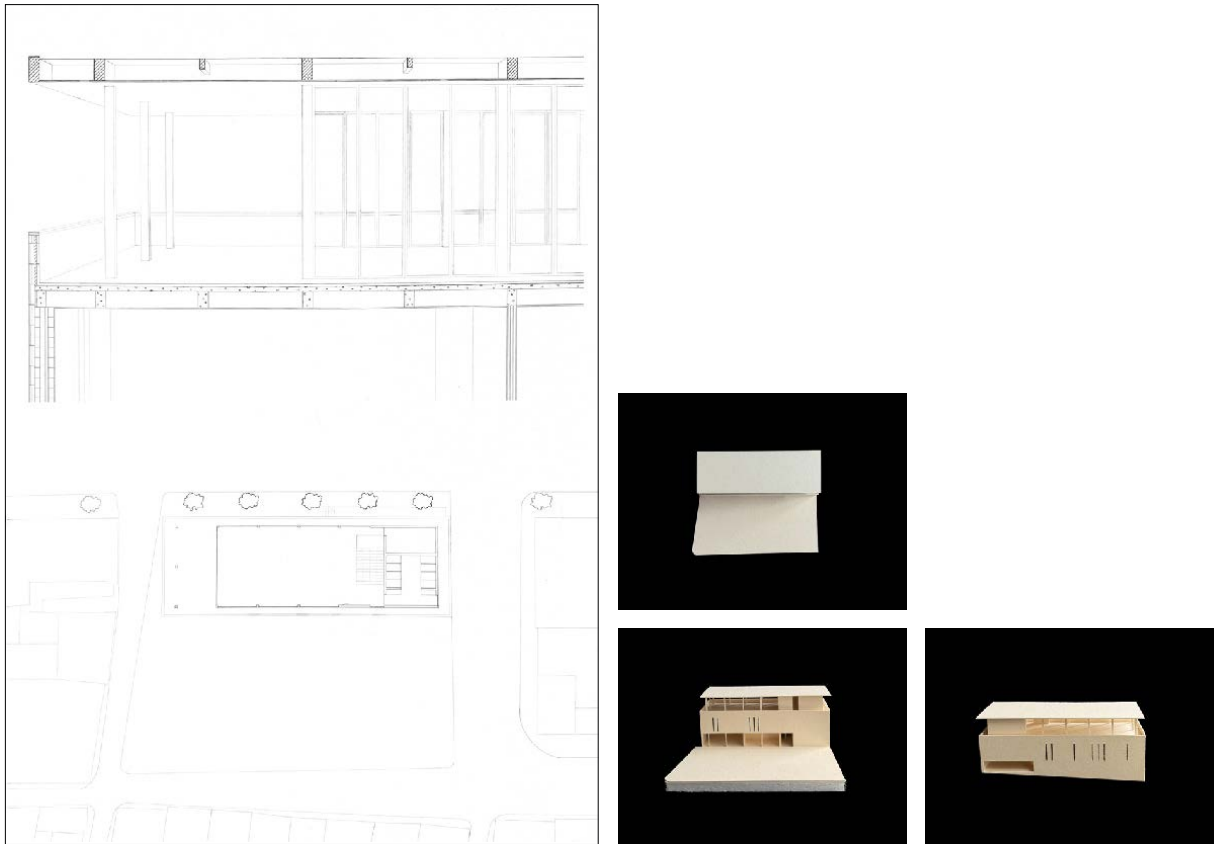
Figura 90 - Esquisso - relação entre espaços em corte | salão no último piso

Figuras 91 e 92 - Escombeira, Vila Viçosa | Desenho sobre fotografia - estrutura metálica sobre "muro" de mármore

Figura 93 - Esquisso - tentativa de levar ao extremo a ideia de um "muro" em pedra mármore que resolve todo o programa





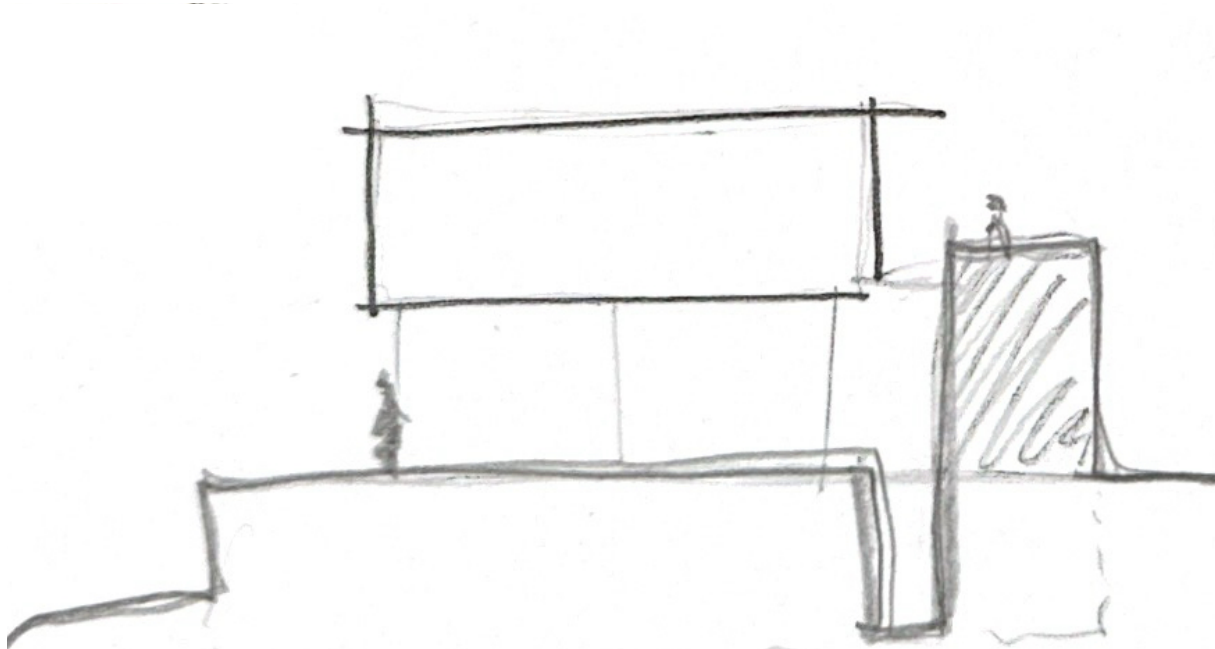


A praça começa a ser desenhada à cota original do local de intervenção (2,50).

Na Av. Duques de Bragança é feita a entrada do edifício através de um átrio que faz a distribuição entre pisos. O café relaciona-se diretamente com a praça e as oficinas no piso intermédio contam com entradas de luz pontuais. No último piso localiza-se o salão que olha sobre a encosta do castelo, a praça e a malha urbana de Vila Viçosa.

Figura 94 - Painéis - Ponto de situação, 16 de maio de 2025

Figura 95 - Maquete de trabalho, 1:200



Foi necessário voltar atrás no projeto. Um esquisso desenhado numa fase anterior foi o ponto de partida.

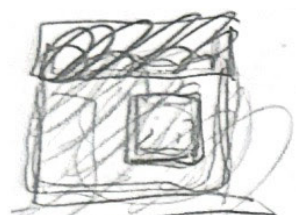
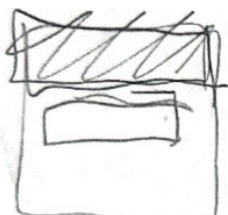
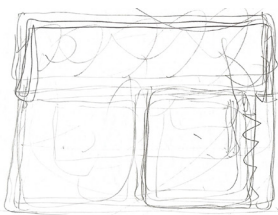
É simplificada a ideia.

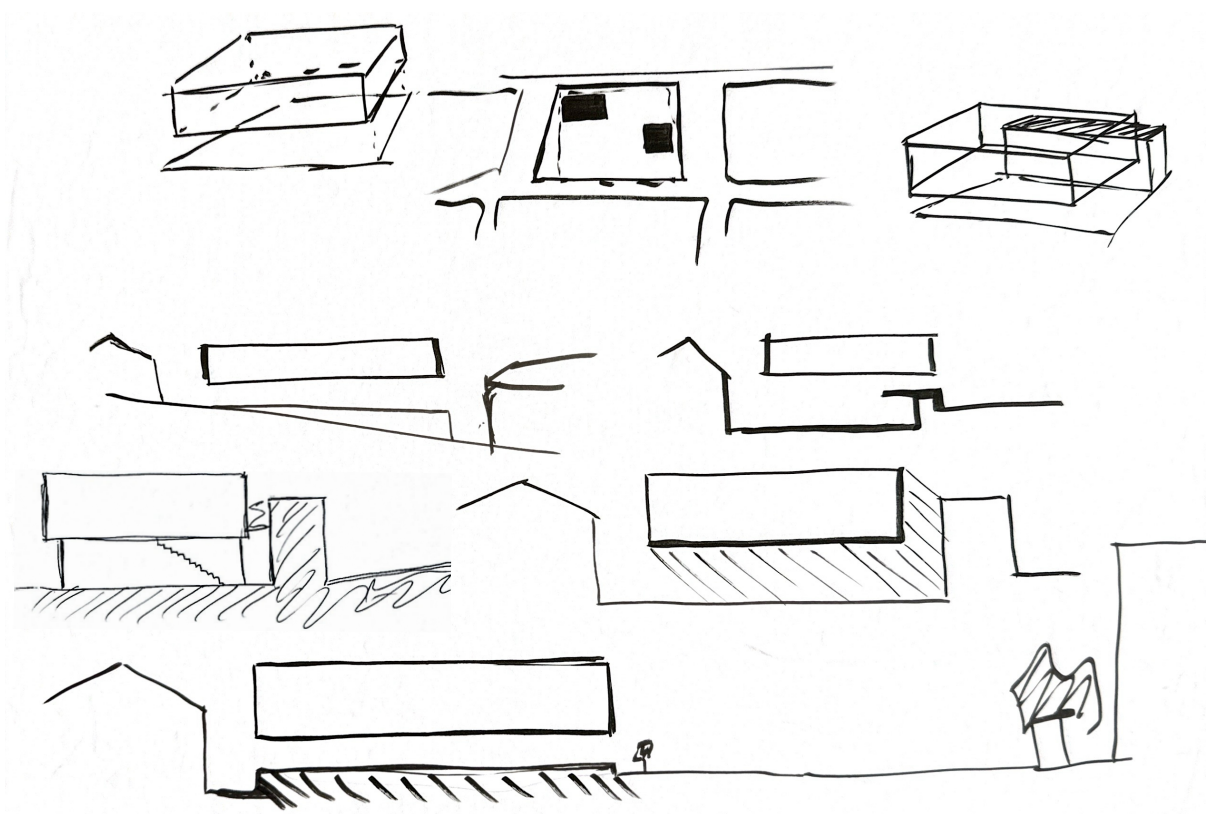
O resultado é uma praça coberta por um volume e um outro edifício que faz a ligação entre ambos.

Figura 96 - Esquisso - praça coberta, relações entre espaços

Figura 97 - Maquetes de estudo da volumetria

Figura 98 - Esquisso - discussão em turma do estudo da volumetria



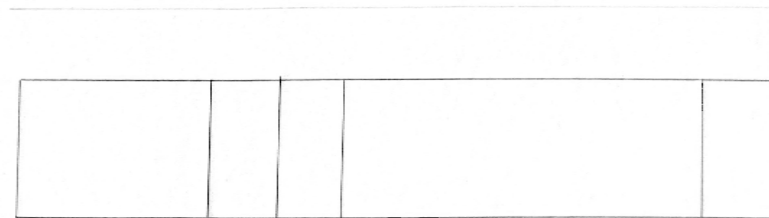
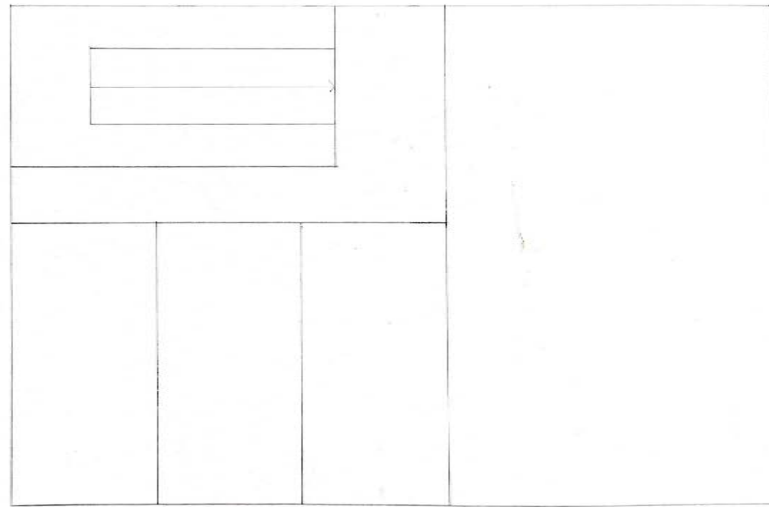


Como levantar o volume sem ocupar a praça?

O acesso ao volume elevado que contém o salão e das oficinas é feito através de umas escadas na praça por forma a relacioná-los.

Figura 99 - Esquisso - uma praça ampla em sombra

Figura 100 - Desenhos da proposta



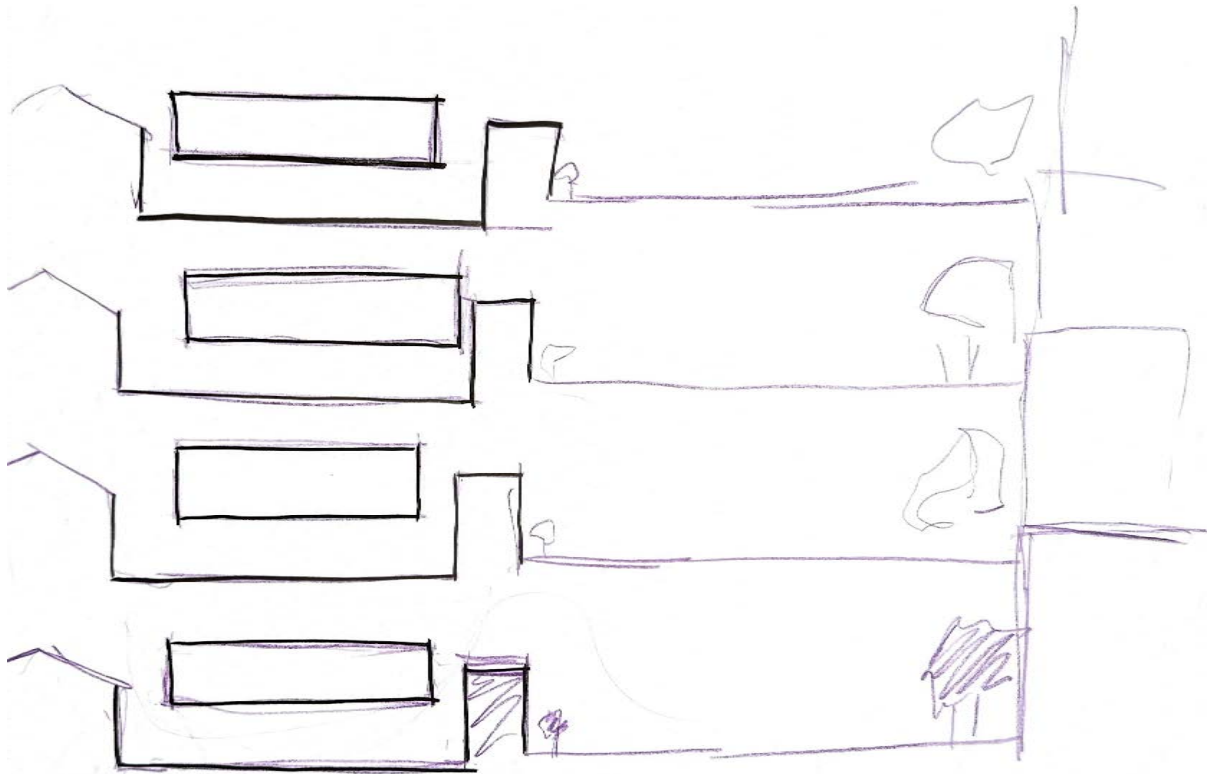
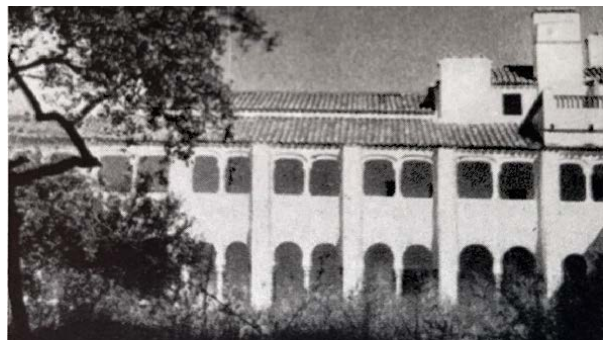
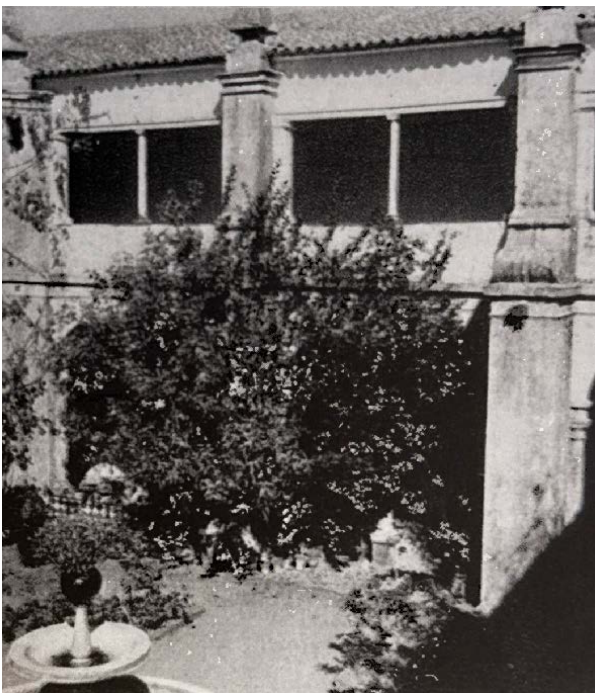
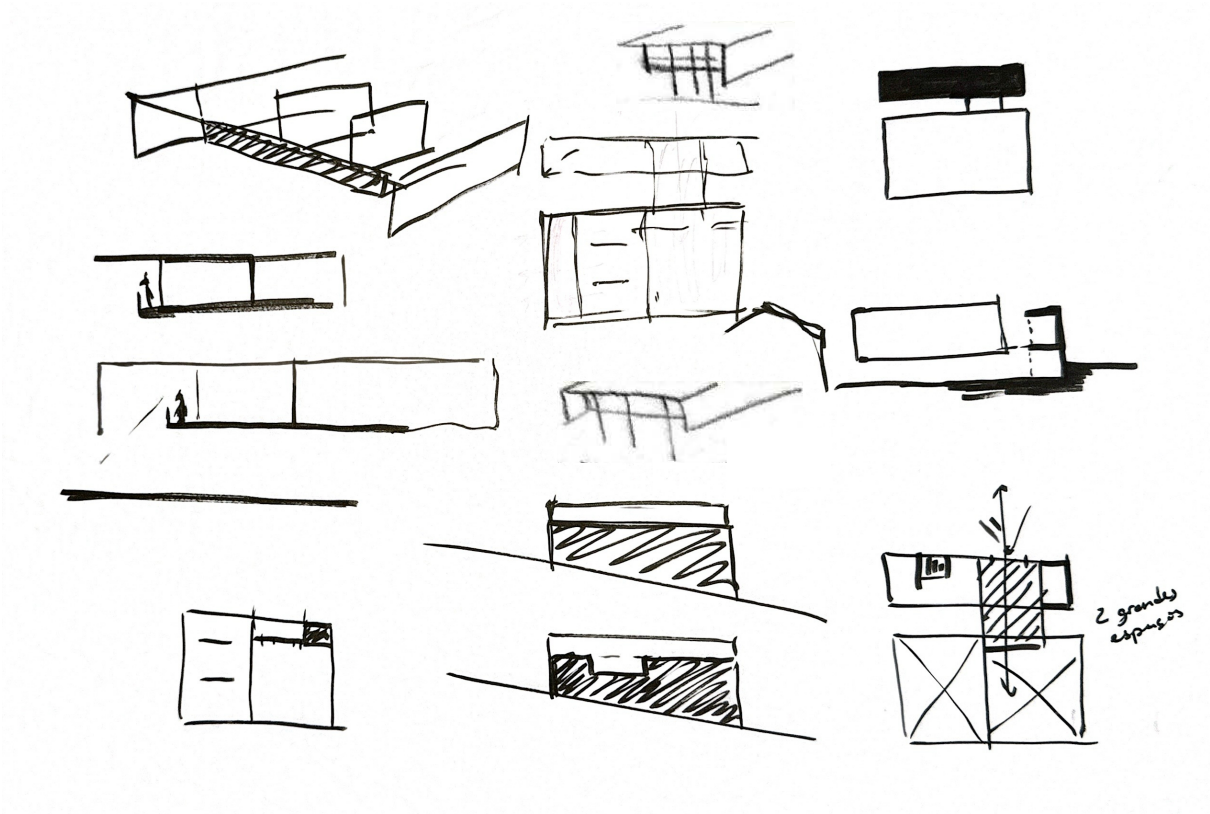
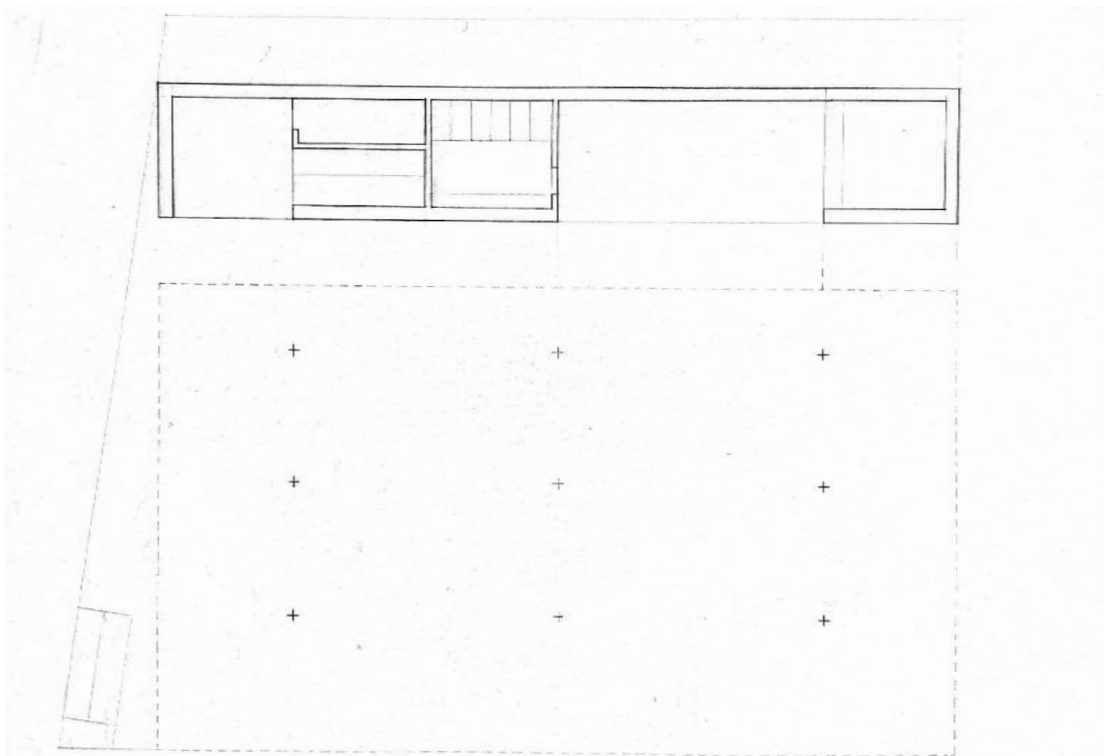
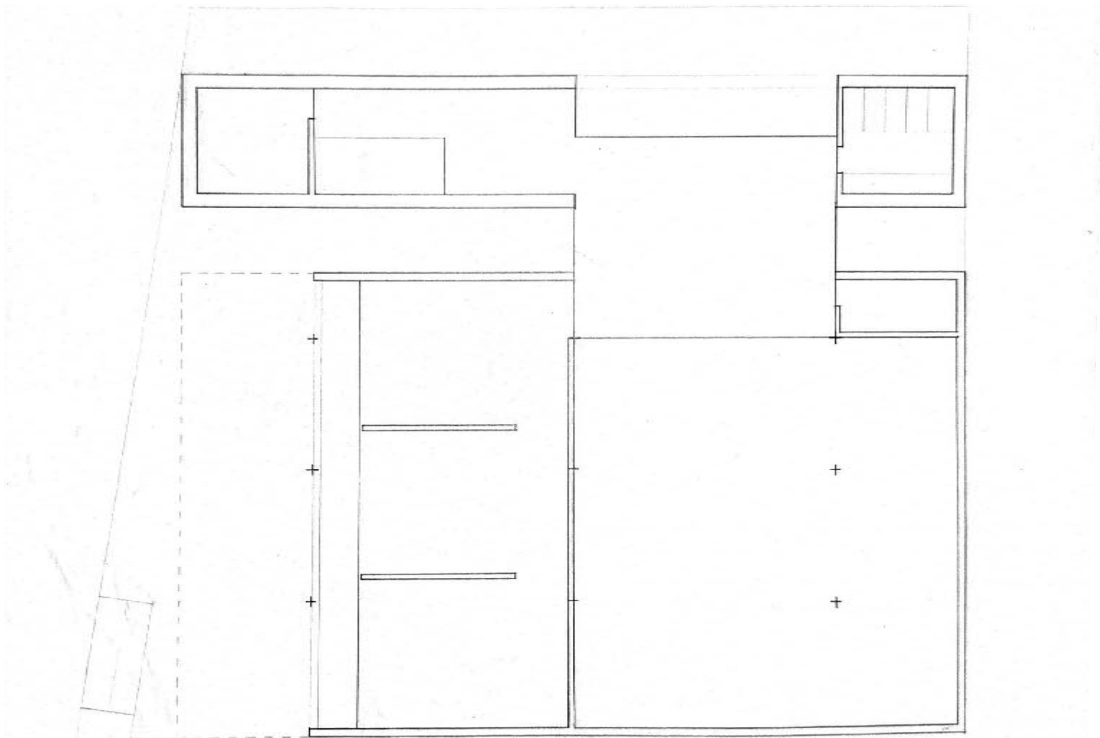


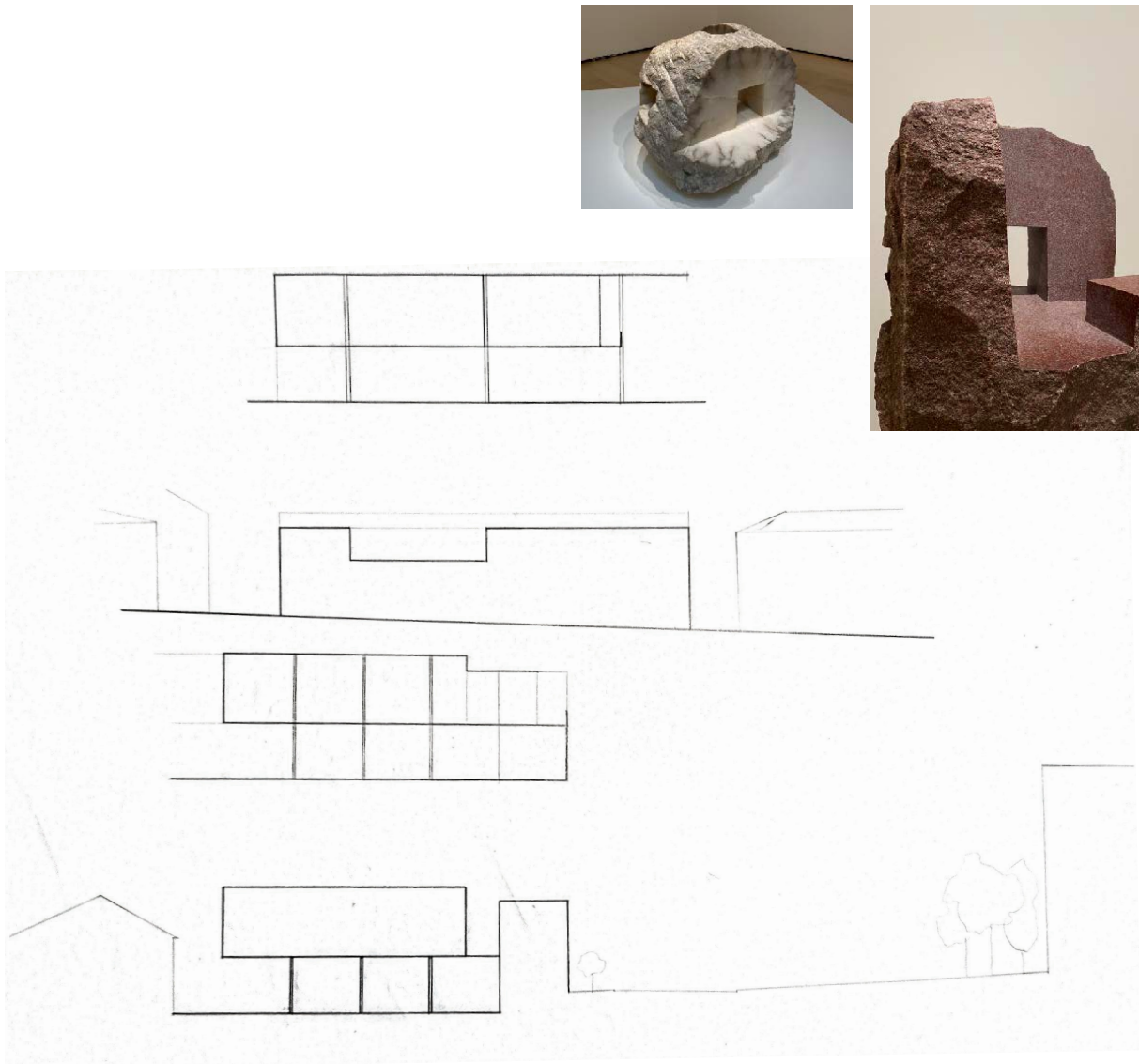
Figura 101 - Esquisso - estudo do afastamento do volume superior relativamente ao edifício e à envolvente urbana

Figura 102 - Esquisso - relação visual através de uma varanda entre as oficinas e a envolvente

Figura 103 - Convento do Loios e Convento de S. Bento de Castres, Évora







O café e a recepção são os dois únicos espaços interiores que estão em relação direta com a praça coberta.

As escadas, que antes estavam na praça, transitam para o interior do edifício e relacionam a recepção com o àtrio de distribuição.

É “escavada” uma abertura no edifício revestido em pedra mármore por forma a oferecer uma relação visual entre o salão e a encosta do castelo.

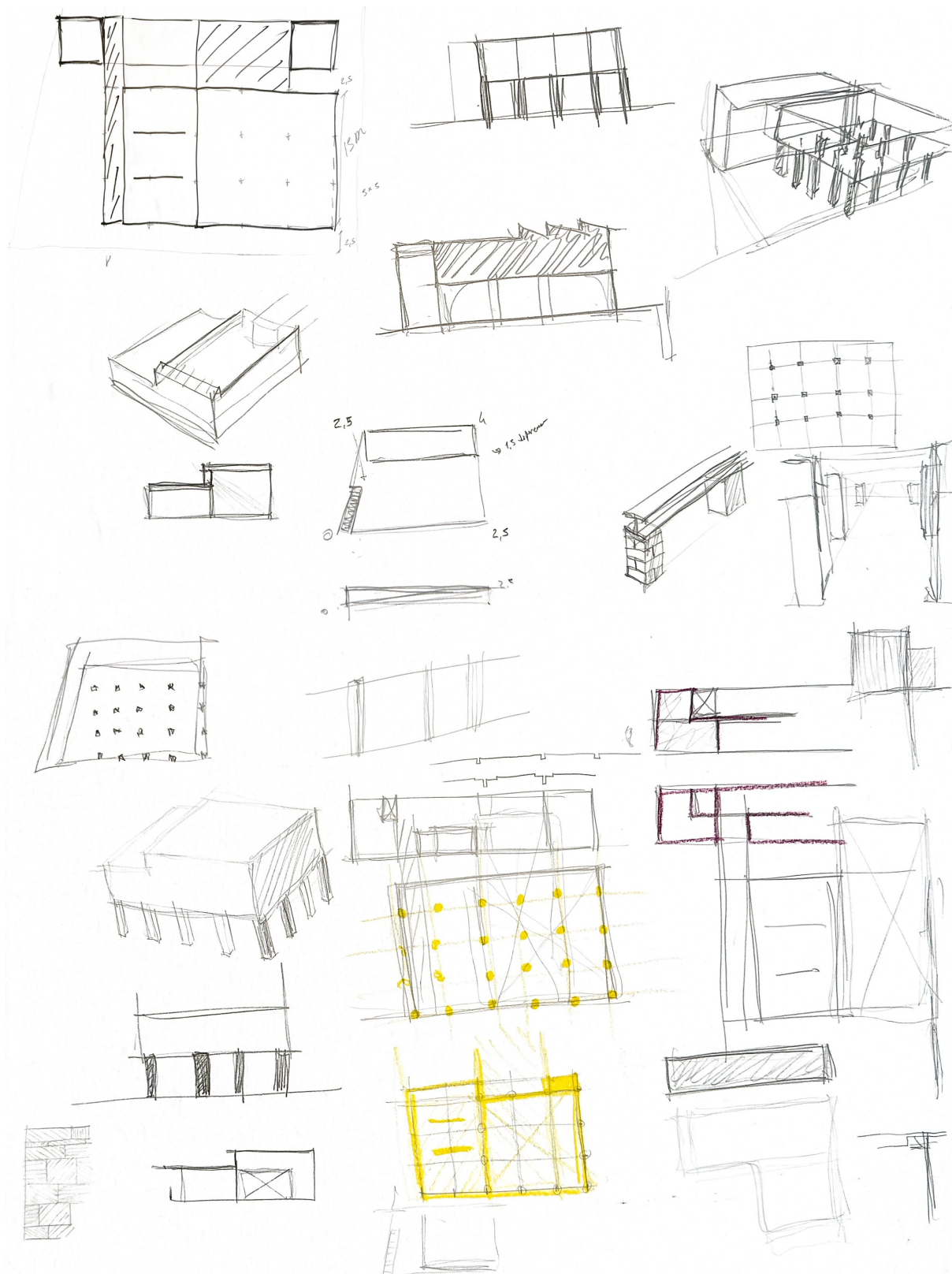
Sobre a praça apoiam os pilares metálicos que suportam o volume.

Figura 104 - Plantas da proposta

Figura 105 - Maquete de trabalho, 1:200

Figura 106 - Lo profundo es el aire, 1996, Eduardo Chillida | Espacio para el espíritu, 1995, Eduardo Chillida

Figura 107 - Cortes e alçados da proposta

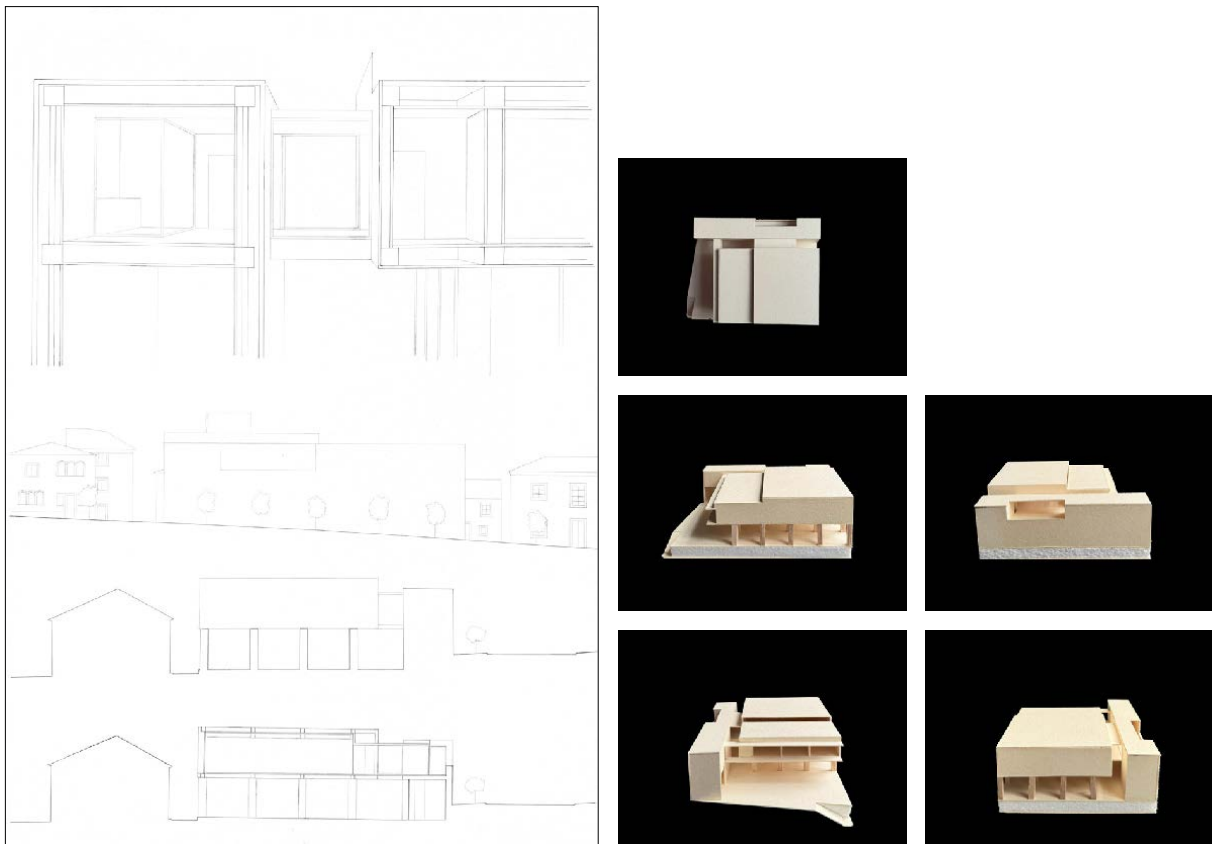


Os pilares são assumidos em pedra mármore na praça.
 O corpo do salão e das oficinas tem variações na volumetria para contrastar com a estrutura regrada, que o suporta.

Figura 108 - Esquisso - estudo da expressão dos pilares na praça e da volumetria do corpo que a cobre
 Figura 109 - Stones Venue, Associates Architecture





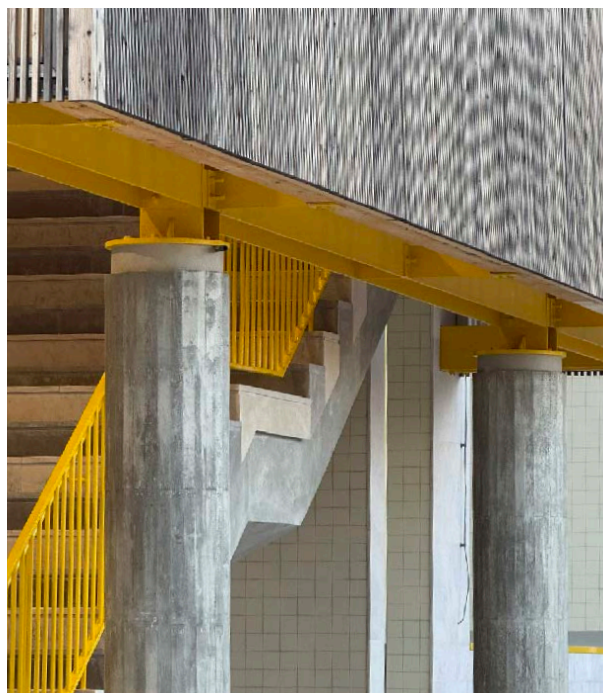
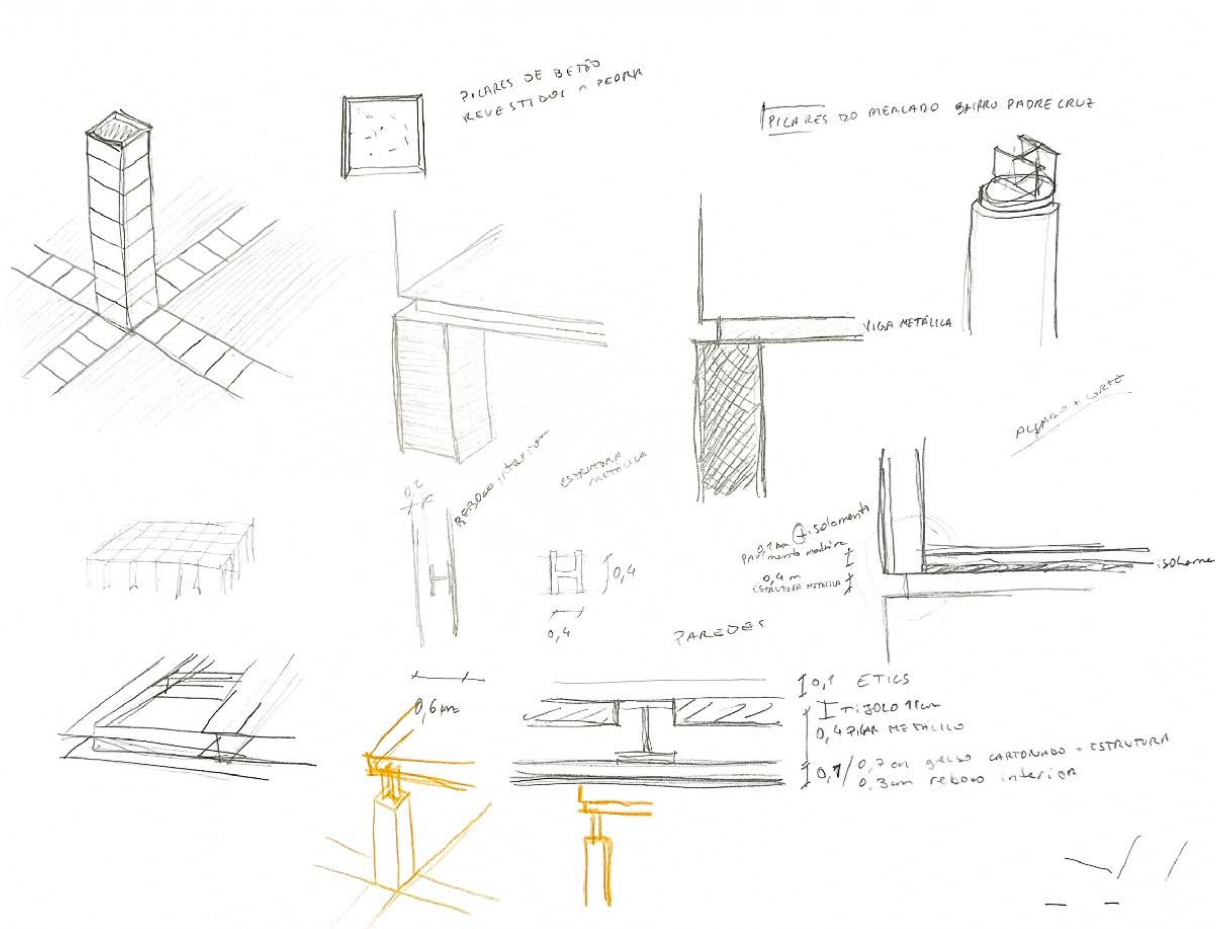


No piso superior, a distribuição é dividida entre um átrio para o salão e uma galeria para as oficinas.

O pé direito do salão é mais alto relativamente ao das oficinas, permitindo a abertura de um vão para entrada de luz indireta, orientada a norte.

Figura 110 - Painéis - Ponto de situação, 20 de junho de 2025

Figura 111 - Maquete de trabalho, 1:200



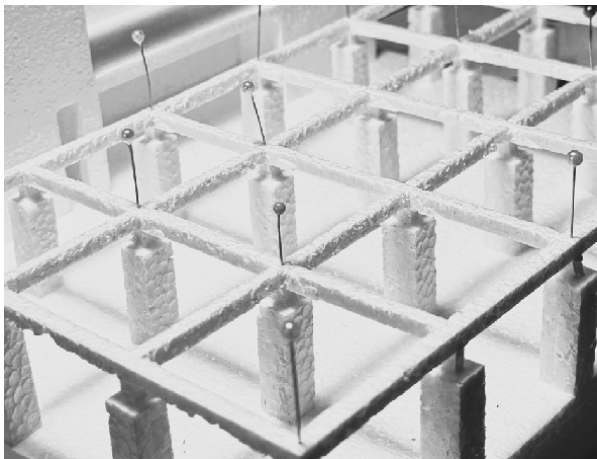


Figura 112 - Esquisso - estudo para a transição através da estrutura metálica, entre os pilares e o volume de caráter abstrato

Figura 113 - Pilares do Mercado do Bairro Padre Cruz, REDO Architects

Figura 114 - Maquete de estudo da estrutura metálica sobre os pilares

Figura 115 - Pilares sobredimensionados que sustentam elemento natural, Barbacena



Desde o início, o corpo virado para a Av. Duques de Bragança é pensado como uma massa em pedra mármore.

Após o contacto com a indústria e com o desperdício resultante da extração e transformação do mármore foi evidente o caminho a seguir.

“A imperfeição da pedra transforma-se em possibilidade e não em defeito, levando-nos a questionar a noção de beleza e dando não só uma segunda possibilidade a formas e materiais que de outro modo seriam praticamente entulho.” Francisco Aires Mateus, "Scarti", Galeria Appleton, 2022

Os resíduos das pedreiras são caracterizados por essa imperfeição ou irregularidade, em todos os aspetos – dimensionais, formais, geométricos. Como se poderá tirar partido das características únicas de cada um dos fragmentos que constituem esse “entulho”, num projeto de arquitetura, que, por definição, tenderá sempre para uma síntese?

Figura 116 - Exposição "Scarti" sobre o desperdício da pedra, Francisco Aires Mateus, Galeria Appleton

Figura 117 - Desperdício de mármore em fábrica, Vila Viçosa



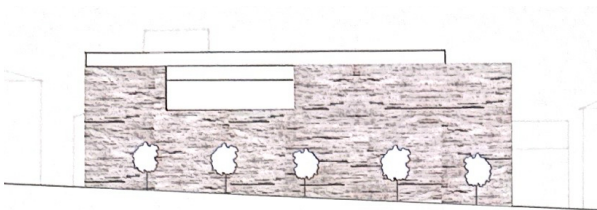


Figura 118 - Chapas de mármore partidas e com imperfeições

Figura 119 - Pavimento de rua com desperdício de mármore | Mint Street, Londres, Michael Anastassiades

Figura 120 - Colagem sobre fotografia do Paço Ducal, marcação da métrica dos pilares na praça

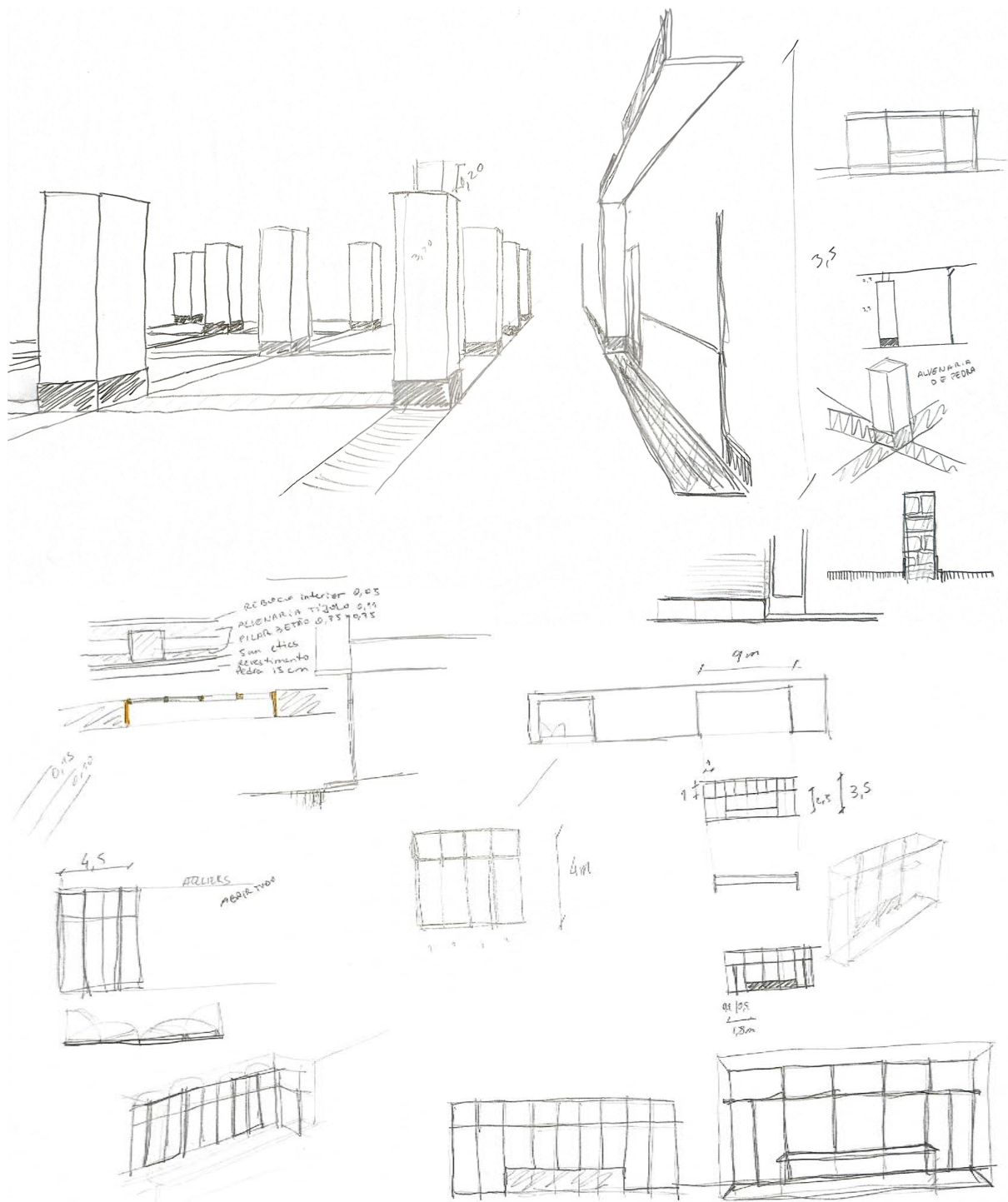
Figura 121 - Alçado revestido a mármore



A imperfeição e a dimensão de cada fragmento de mármore são assumidas. São utilizados os resíduos de todos os tipos de mármore de Vila Viçosa, nomeadamente: Azul-Lagoa, Branco Vigária, Branco Anilado, Branco com Veios Castanhos, Creme Rosado, Pele de Tigre, Rosa Aurora, Rosa Portugal e Ruivina de Fonte da Moura.

O edifício é revestido exteriormente por estes fragmentos em camadas de diferentes espessuras, que variam entre 1cm e 4cm. Esta variação é resultado das espessuras de chapas normalmente comercializadas.

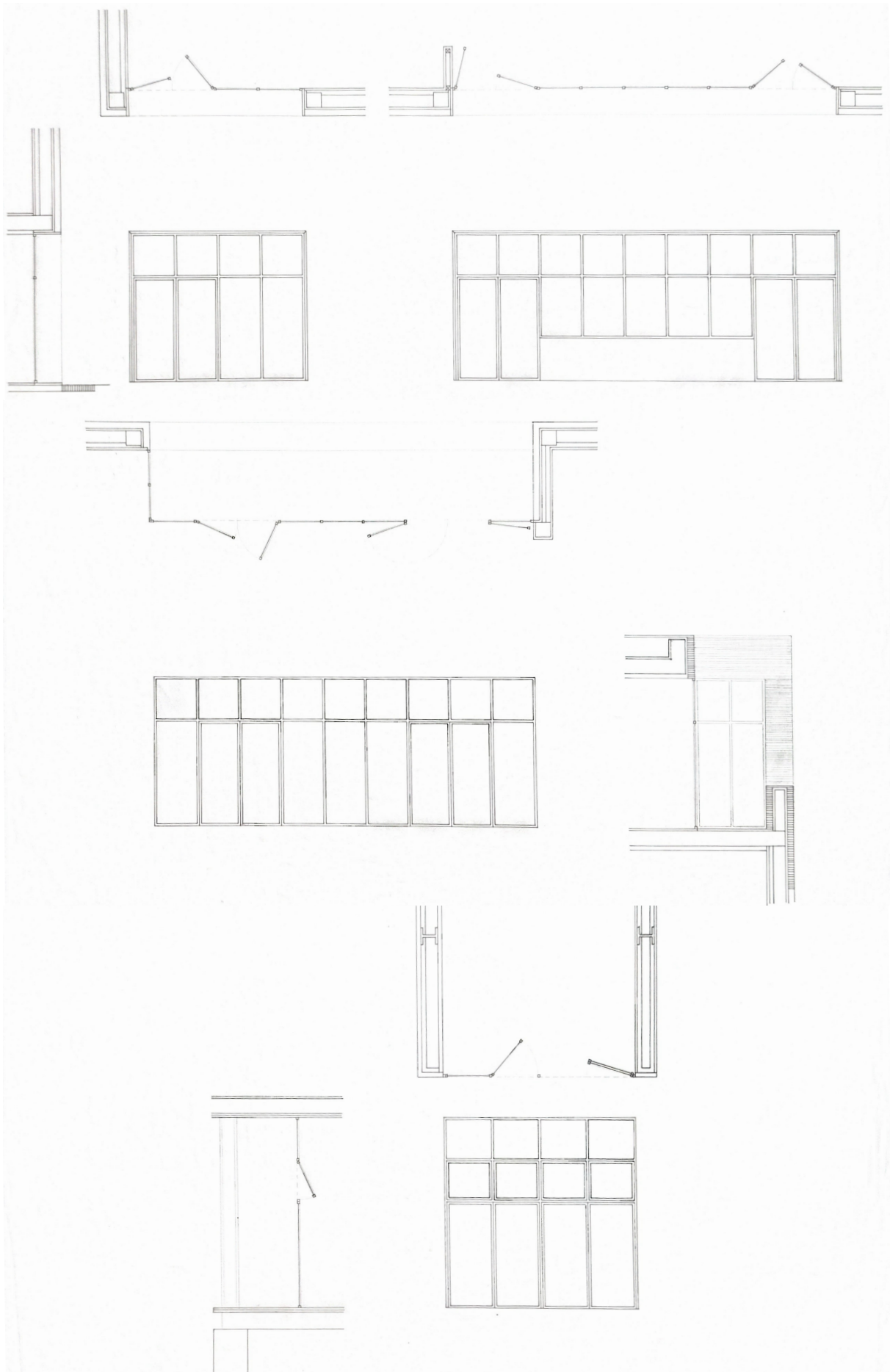
O conjunto destes fragmentos de mármore é compreendido enquanto unidade material.

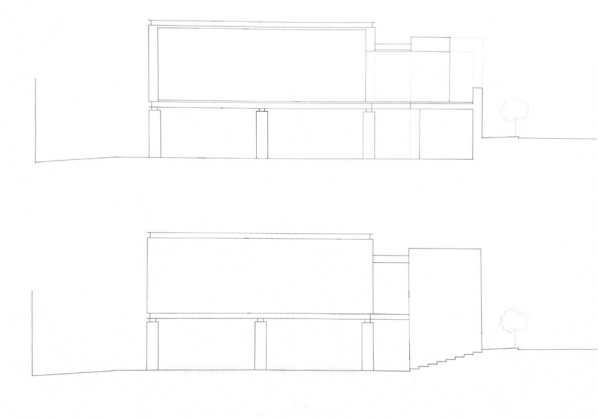
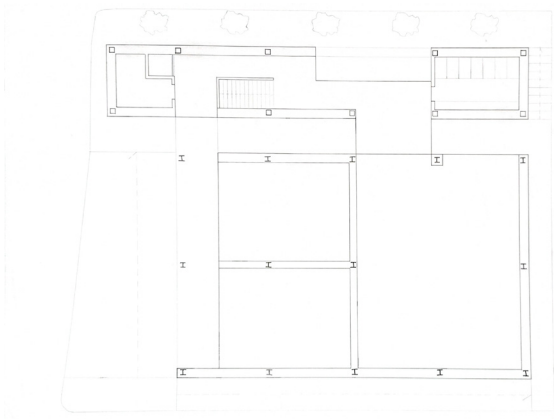
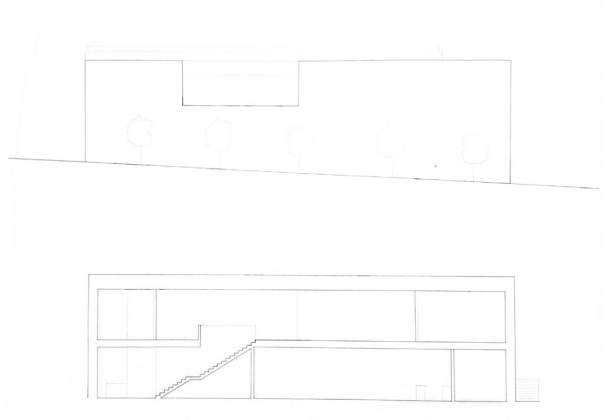
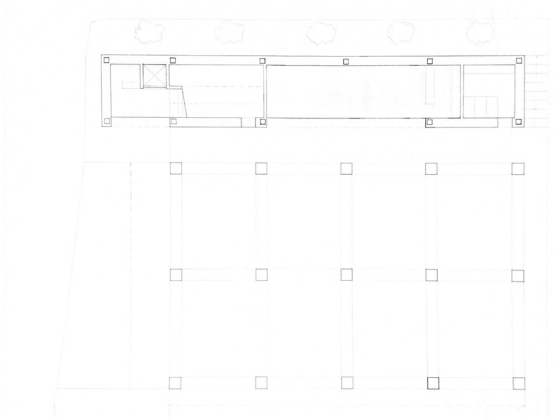


Em contraste com a textura e rigidez do mármore, a caixilharia dos vãos é em madeira. O conjunto de vãos tem a altura correspondente ao pé direito de cada espaço e a sua proporção resulta da intenção de abrir de forma direcionada os diferentes espaços a Vila Viçosa.

Figura 122 - Esquisso - estudo da métrica dos vãos e da relação com a praça

Figura 123 - Desenhos rigorosos dos vãos com detalhes construtivos





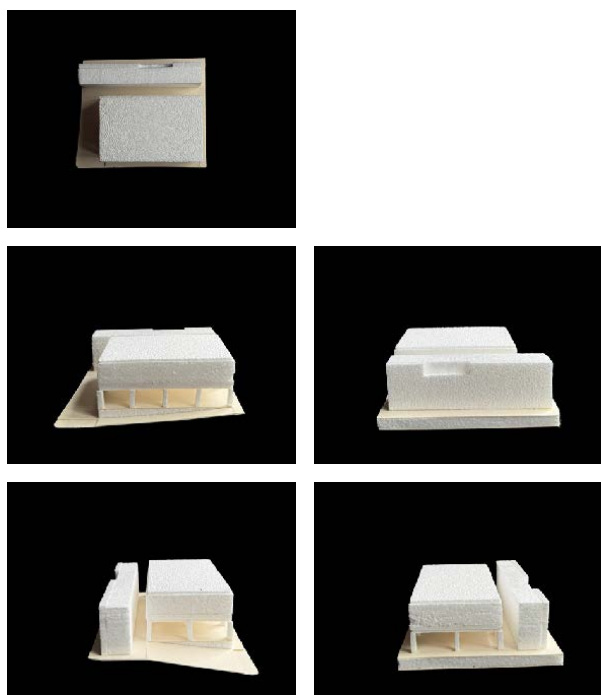
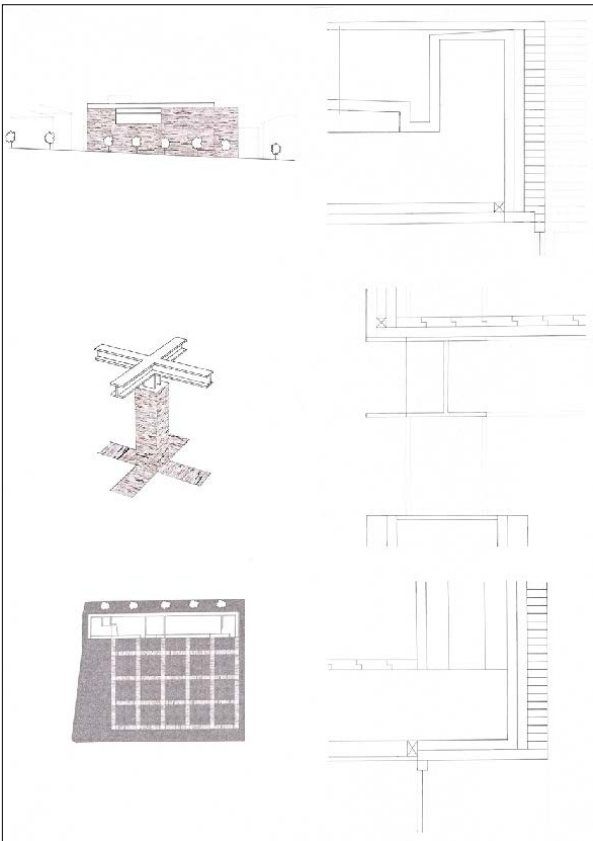
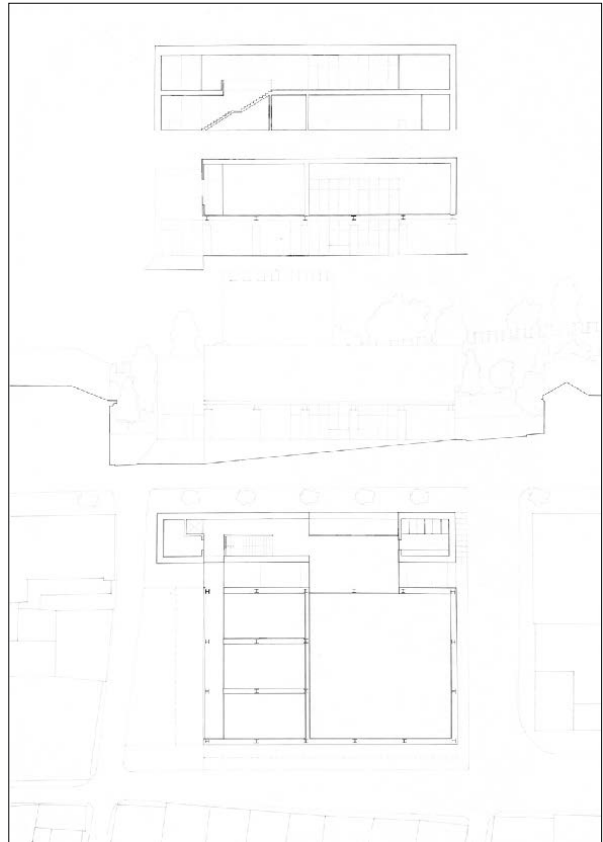
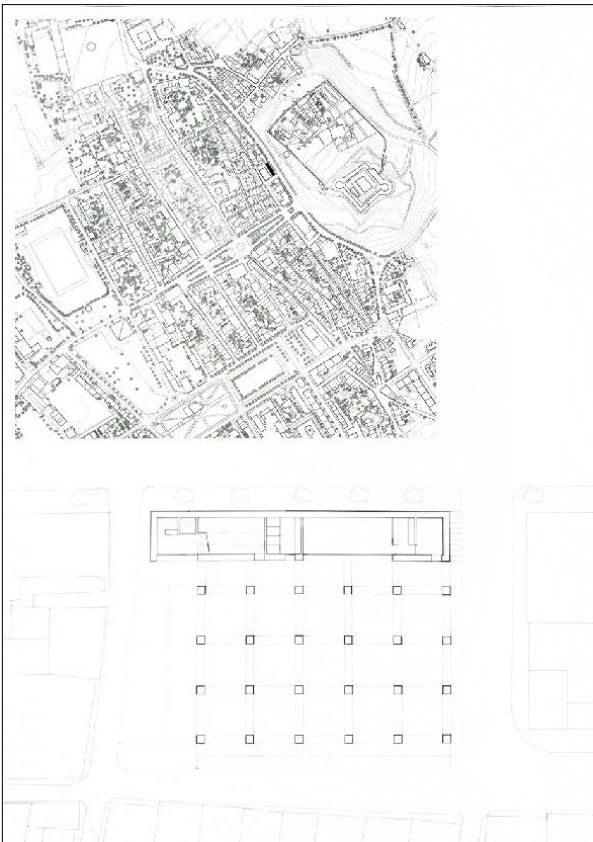


Figura 124 - Desenhos rigorosos da proposta de uma grelha alternativa que redimensiona os espaços

Figura 125 - Maquete de estudo, 1:200



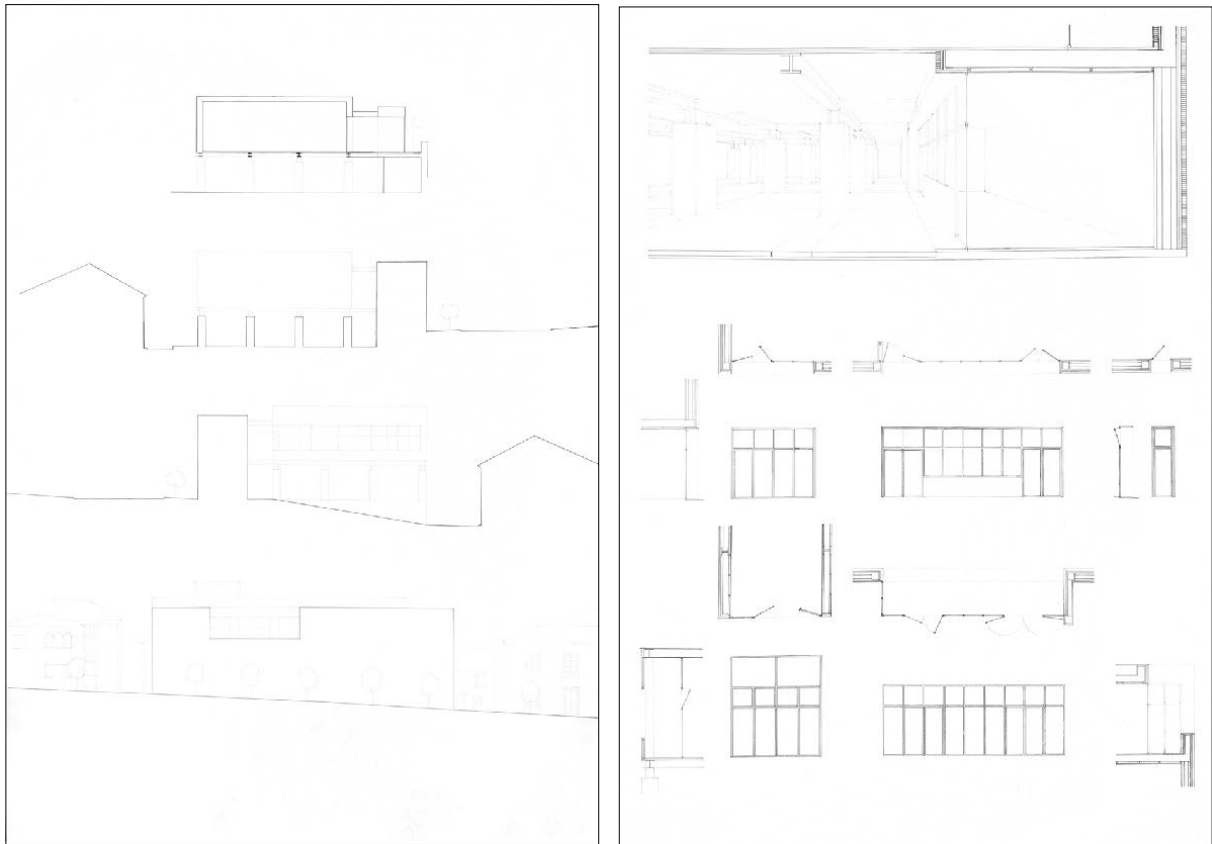


Figura 126 - Painéis - Ponto de situação, 28 de julho de 2025

Figura 127 - Maquete de trabalho, 1:200

Uma Casa do Povo em Vila Viçosa: Uma Praça Coberta entre Terreiros

2.2. Proposta final

A proposta final para uma Casa do Povo em Vila Viçosa reúne os temas abordados e estudados anteriormente. Nesta fase final do projeto, o estudo do detalhe assume um papel fundamental, procurando-se, através do desenho, chegar a uma síntese e clarificar o conceito.

«(...) eu diria que o detalhe é definido à partida. É definido à partida um conceito que depois informa o detalhe. (...) que há uma coisa fundamental que é haver um conceito. Deve haver uma ideia de partida porque esse é o único património que vocês têm para constantemente irem fazendo perguntas.» (Francisco Aires Mateus, Entrevista realizada em setembro de 2025)

O conceito: Uma Praça Coberta entre Terreiros.

O chão da Praça é desenhado por forma a moldar-se à topografia do terreno e a tirar partido da diferença de cotas. O pavimento, em calçada de desperdício de pedra mármore, oferece um carácter público em continuidade com os pavimentos em torno do local de intervenção. Sobre esta base assenta um edifício que a resguarda, revestido integralmente com desperdício de mármore, e pilares em blocos maciços reaproveitados das escombreyras, qualificando a Praça como uma sala hipóstila exterior.

Em contraste com este mundo em mármore, um outro corpo que se assume de carácter abstrato pousa sobre os pilares de pedra uma maciça. A transição entre os dois materiais é feita através da estrutura metálica que é assumida e delimita o volume que cobre a praça desenhando o seu teto.

Cada espaço tem uma relação individual distinta com a envolvente e com a Praça. No piso da praça, o café abre-se para a “sala hipóstila exterior”. O salão nobre estabelece uma relação visual com a encosta do Castelo, a muralha e a Torre de Menagem enquanto as oficinas olham sobre a malha urbana de Vila Viçosa.

A materialidade dos vãos – madeira de pinho pintado – contrasta com a textura, temperatura e variação cromática da fachada em mármore. O seu desenho cria uma escala humana e relaciona-se com os rodapés, cuja materialidade se vai transformando, conforme as características dos diferentes espaços: madeira de pinho aparente no café e espaços de circulação, pedra mármore na receção, instalações sanitárias e espaços exteriores e alumínio nas oficinas e no salão. Os pavimentos das oficinas, do salão e do café são em madeira de pinho aparente, o que traz a esta casa do povo um carácter mais íntimo e na receção é em mármore, dando continuidade ao pavimento exterior.

A cobertura é tida em conta enquanto um "quinto alçado" uma vez que o local de intervenção é visível da muralha. As coberturas dos dois volumes assumem materialidades distintas – zinco e mármore - reforçando-se, assim, o contraste entre eles.

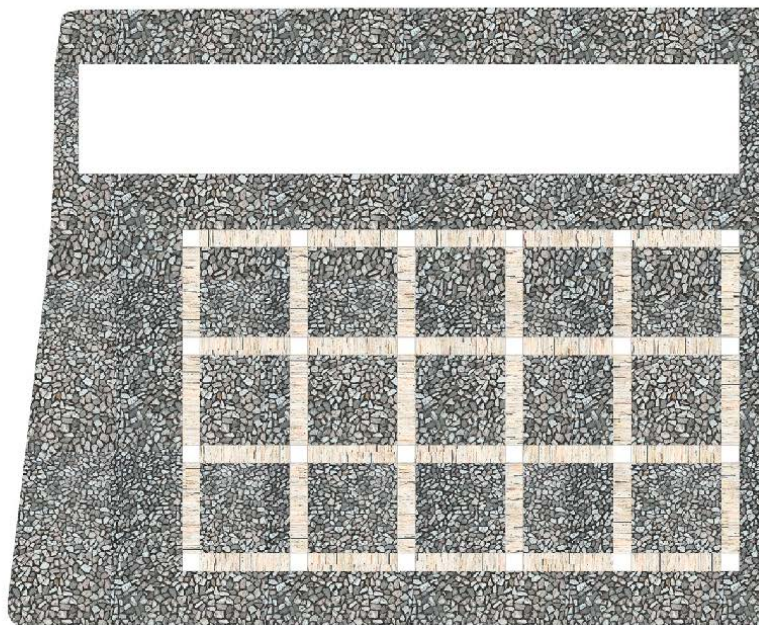
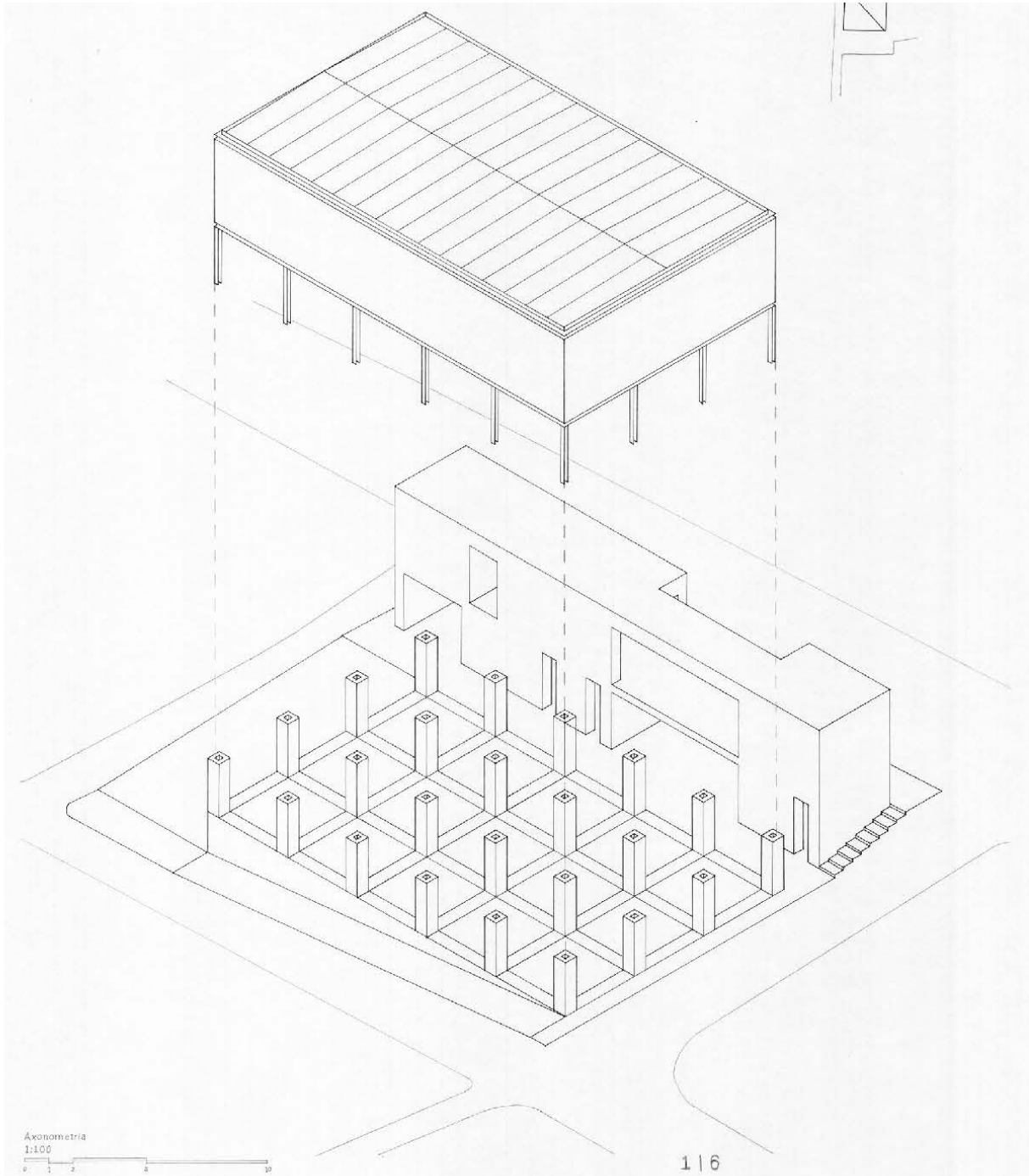
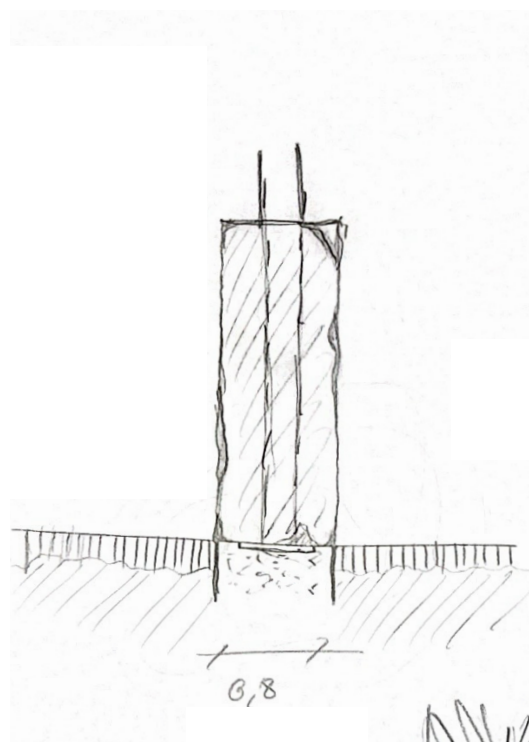
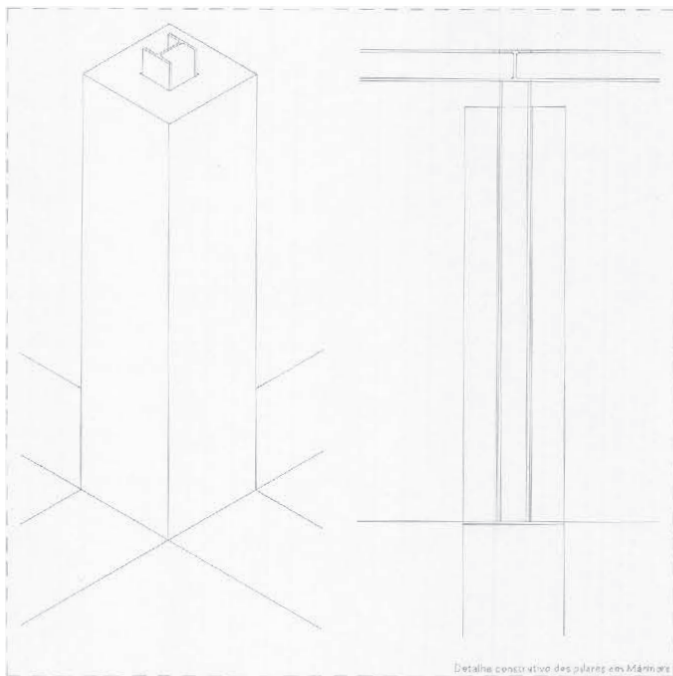
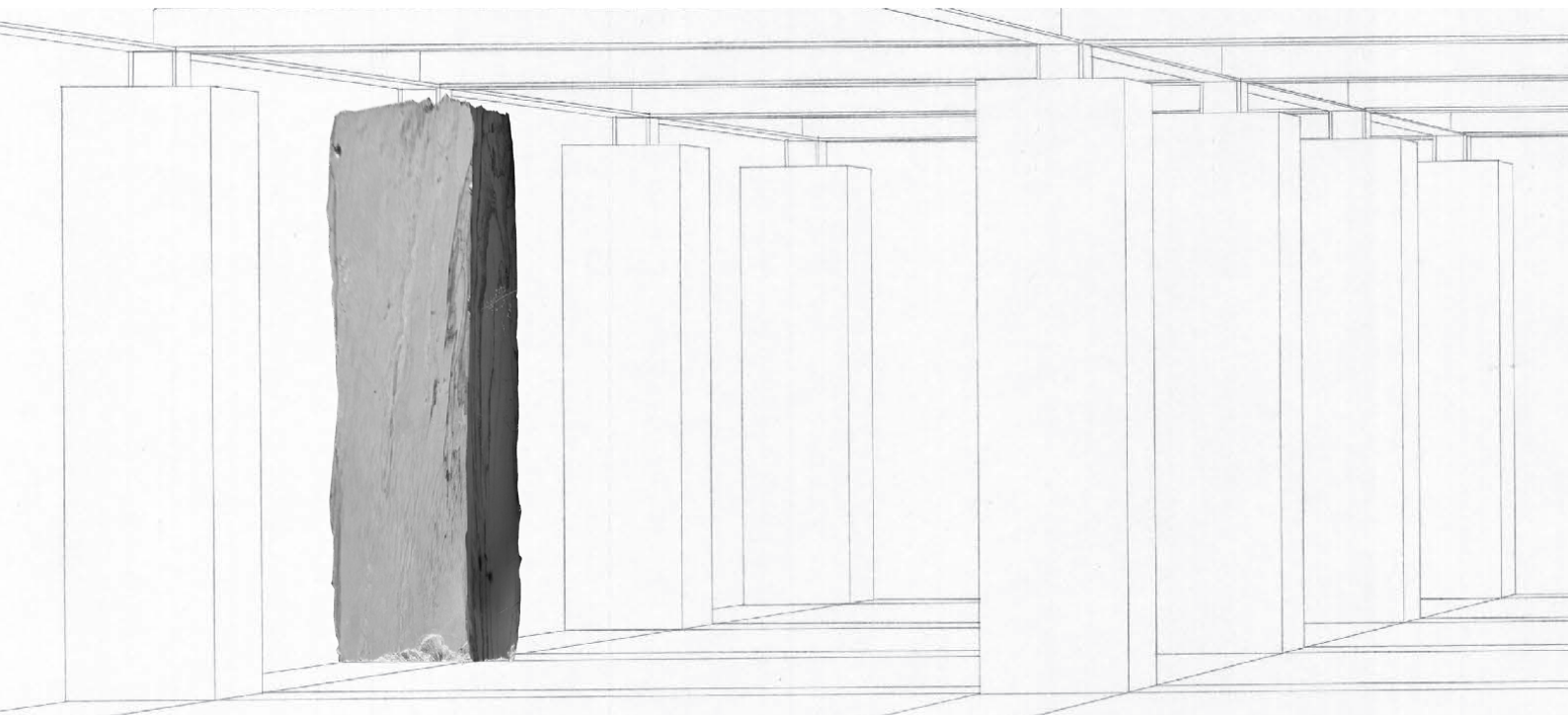


Figura 128 - Colagem do pavimento em calçada da praça com marcação da métrica dos pilares em mármore
Figura 129 - Axonometria do conceito do projeto





«A imperfeição da pedra transforma-se em possibilidade e não em defeito, levando-nos a questionar a noção de beleza e dando não só uma segunda possibilidade a formas e materiais que de outro modo seriam praticamente entulho.»

Francisco Aires Mateus, "Scarti", Galeria Appleton, 2022

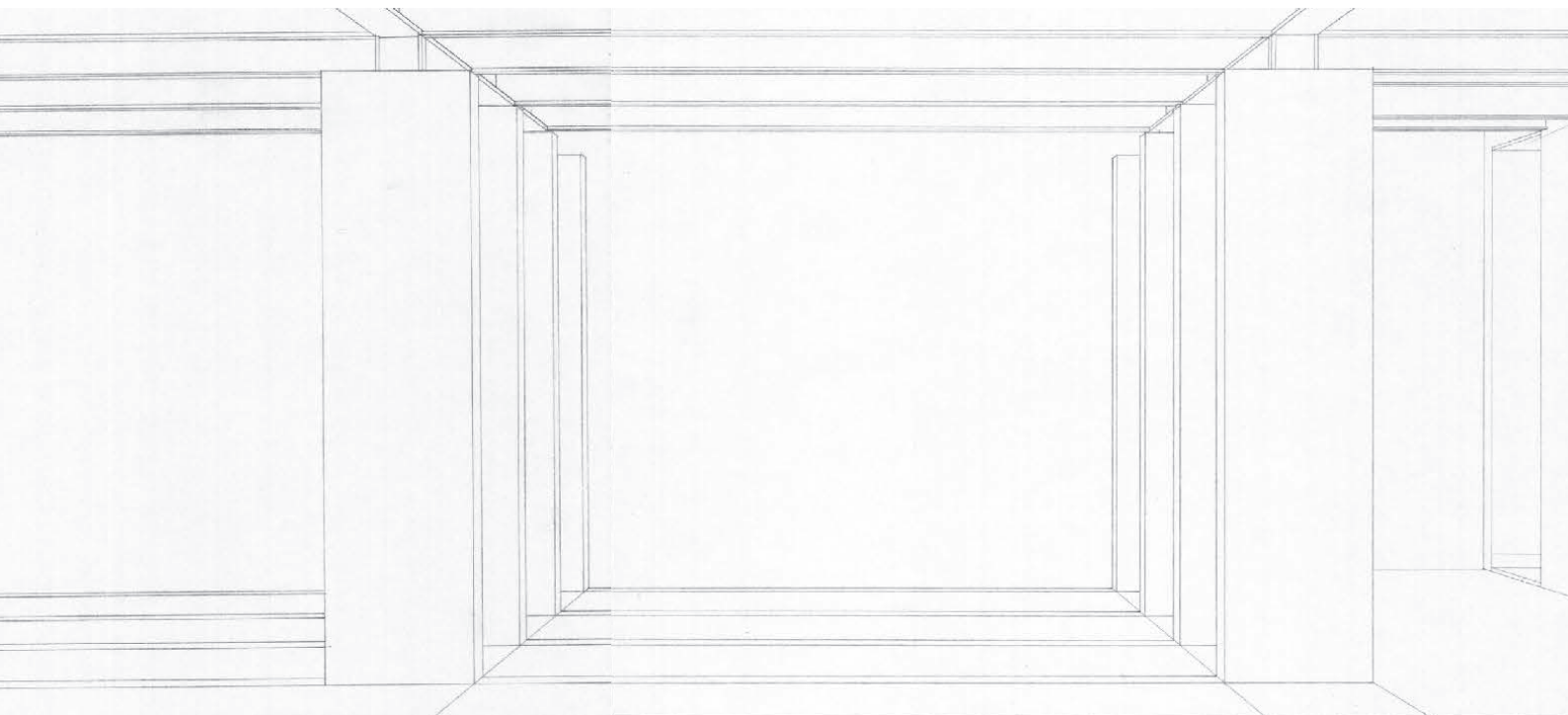


Figura 130 - Perspetiva da praça, presença dos pilares no espaço

Figura 131- Desenho rigoroso e esquisso do método construtivo dos pilares

Figura 132 - Desperdício de blocos de mármore em escombreira, Vila Viçosa

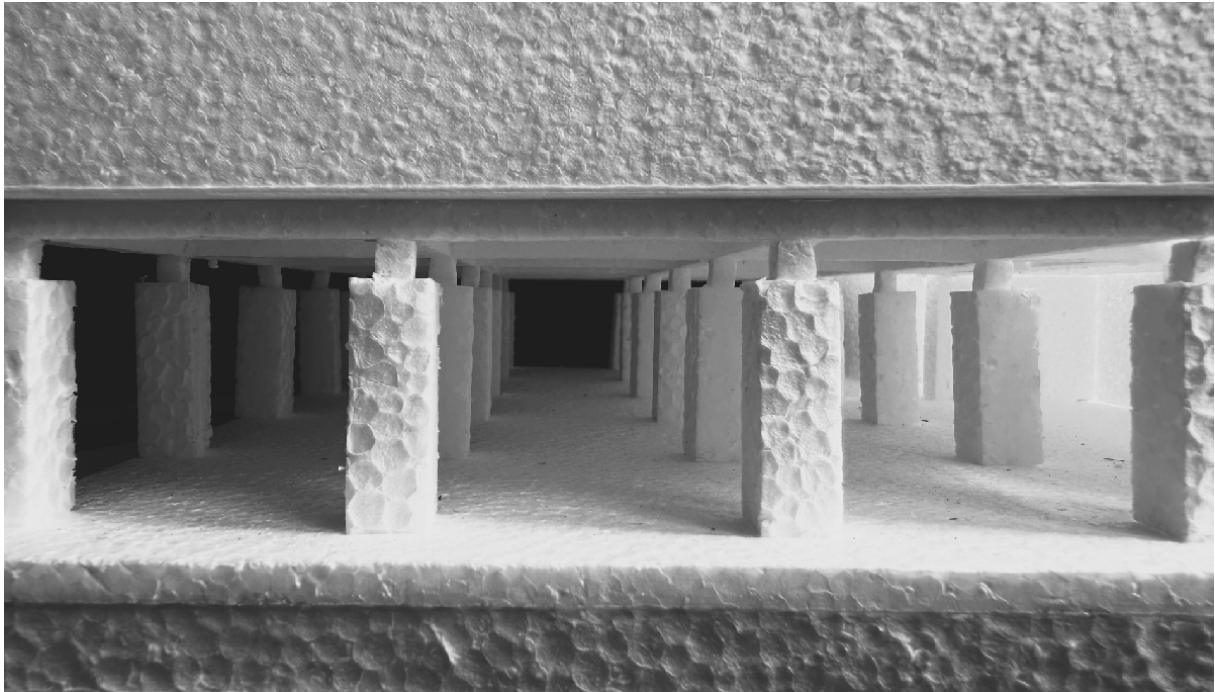
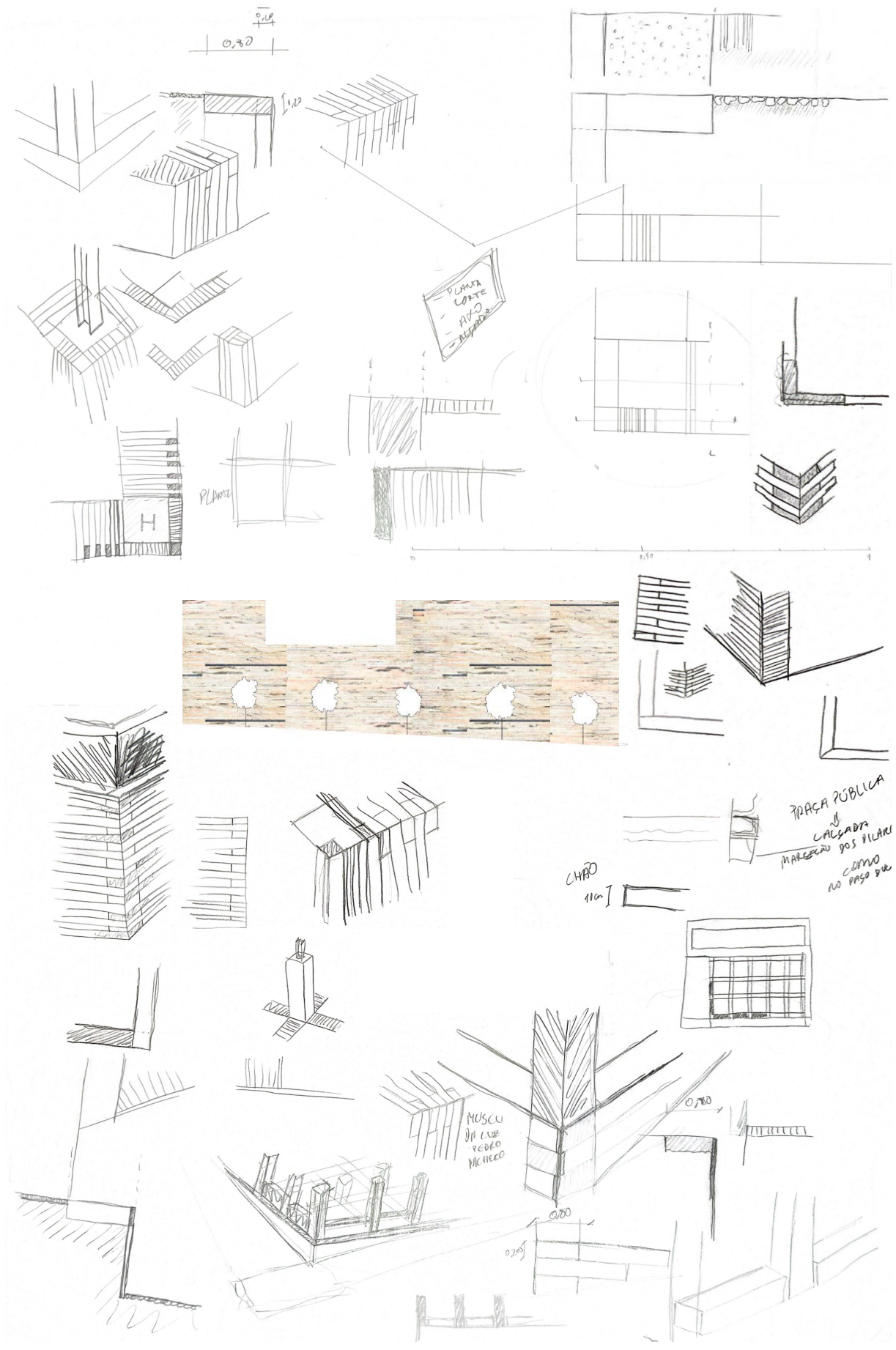


Figura 133 - Maquete de estudo - "praça hipostila"

Figura 134 - Sala hipostila da Mesquita-Catedral de Córdoba





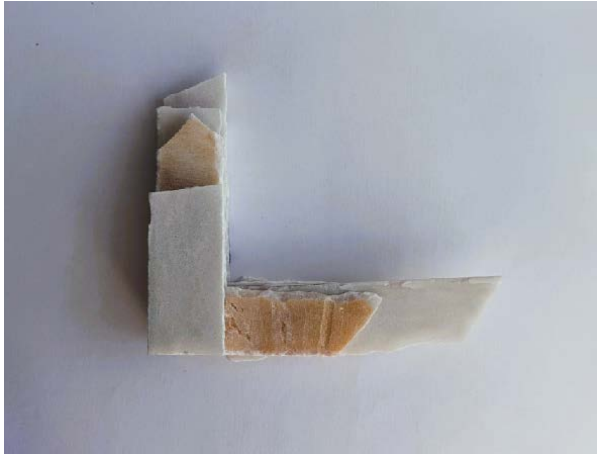


Figura 135 - Esquisso - estudo da estereotomia do revestimento em mármore

Figura 136 - Colagem da fachada revestida a desperdício de mármore

Figura 137 - Maquete de estudo em desperdício de mármore para os cantos do edifício e textura do revestimento

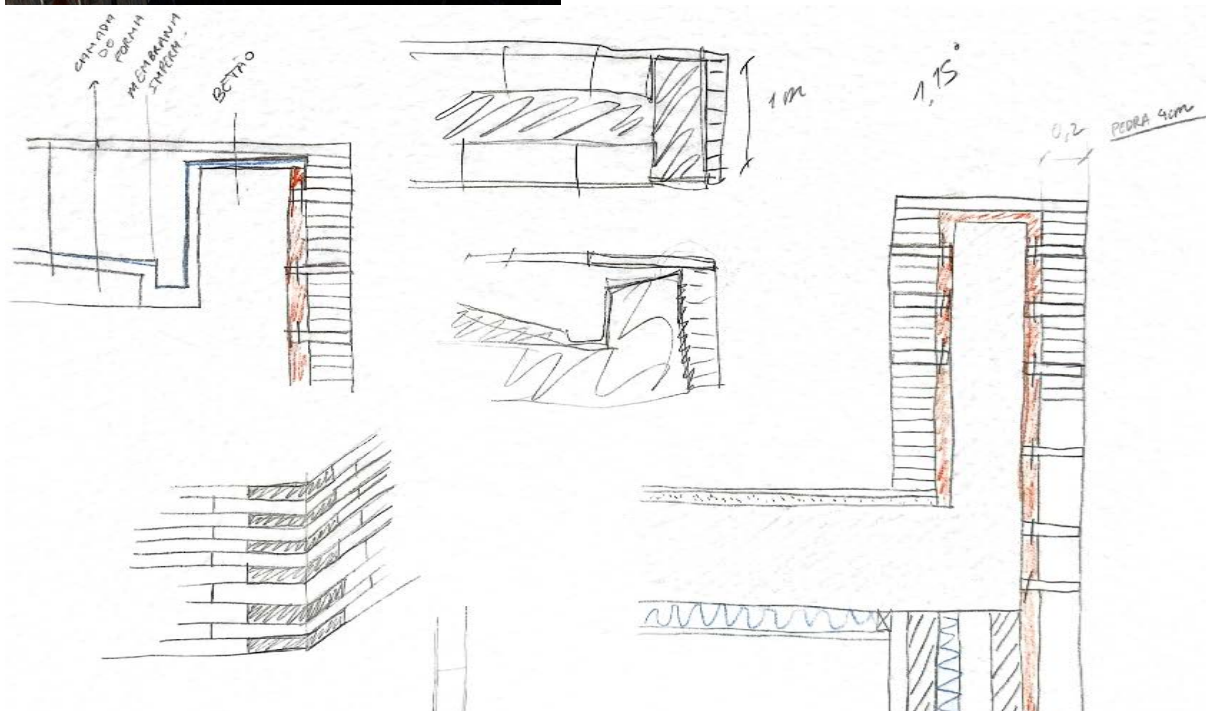
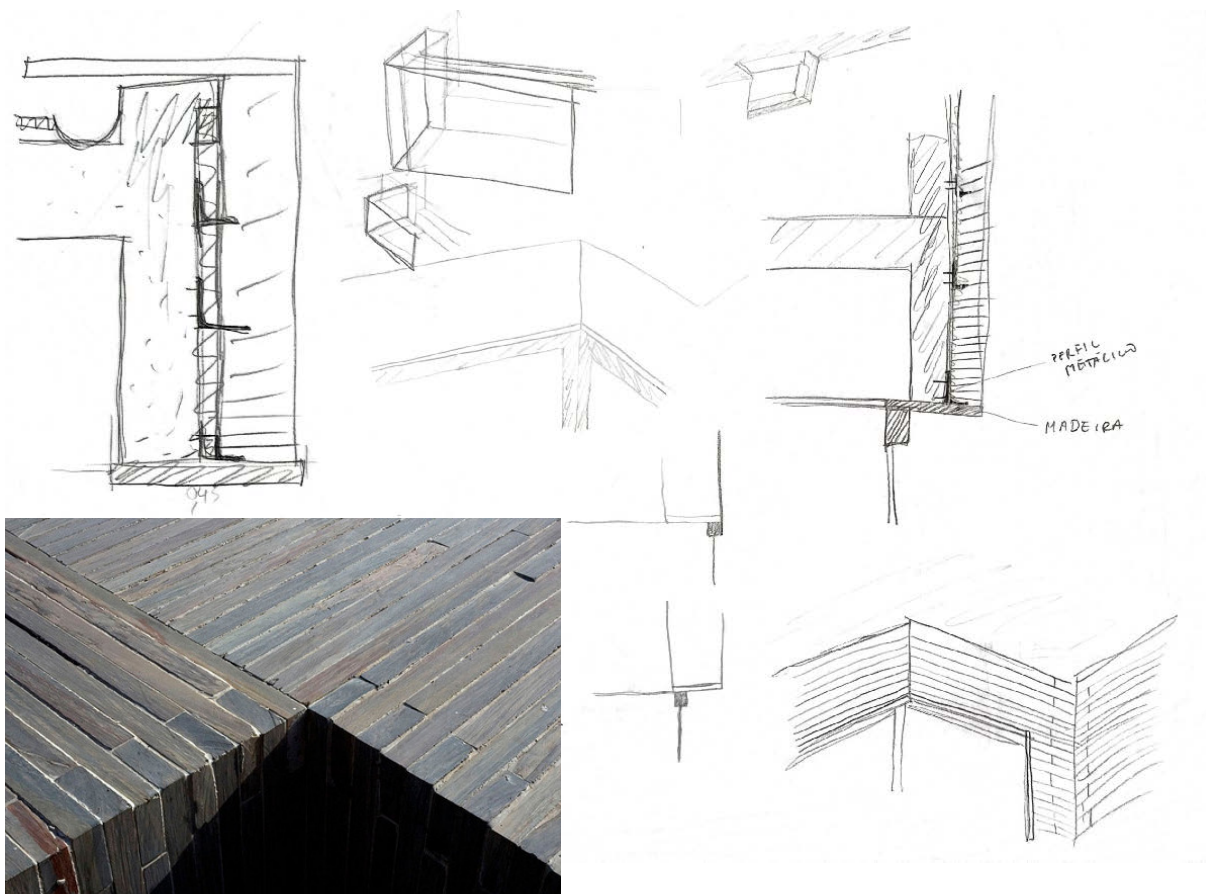
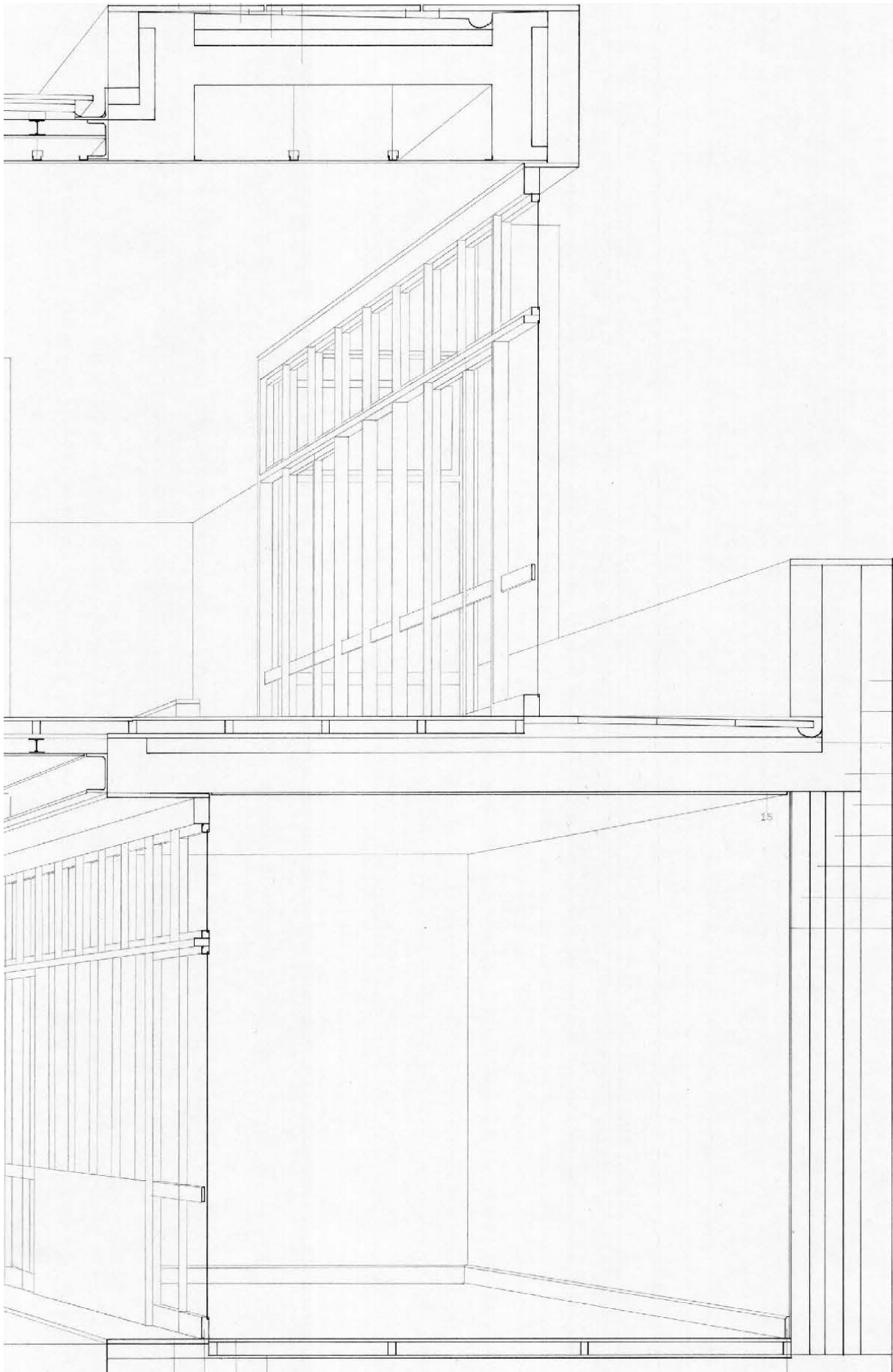
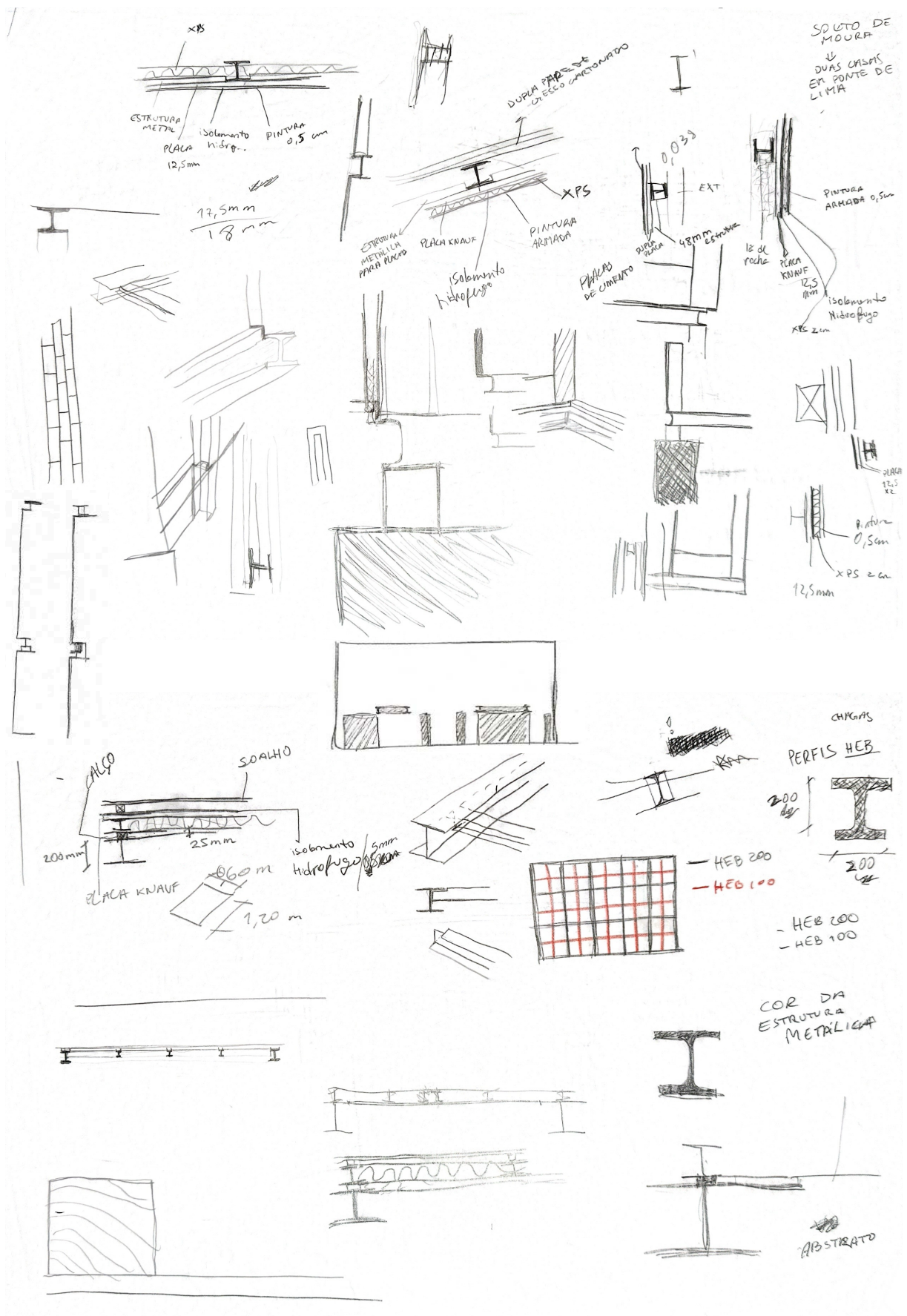


Figura 138 - Esquisso - estudo para o revestimento em pedra mármore

Figura 139 - Pormenor de revestimento do Museu da Luz no Alentejo, Pedro Pacheco e Marie Clément

Figura 140 - Corte construtivo perspectivado





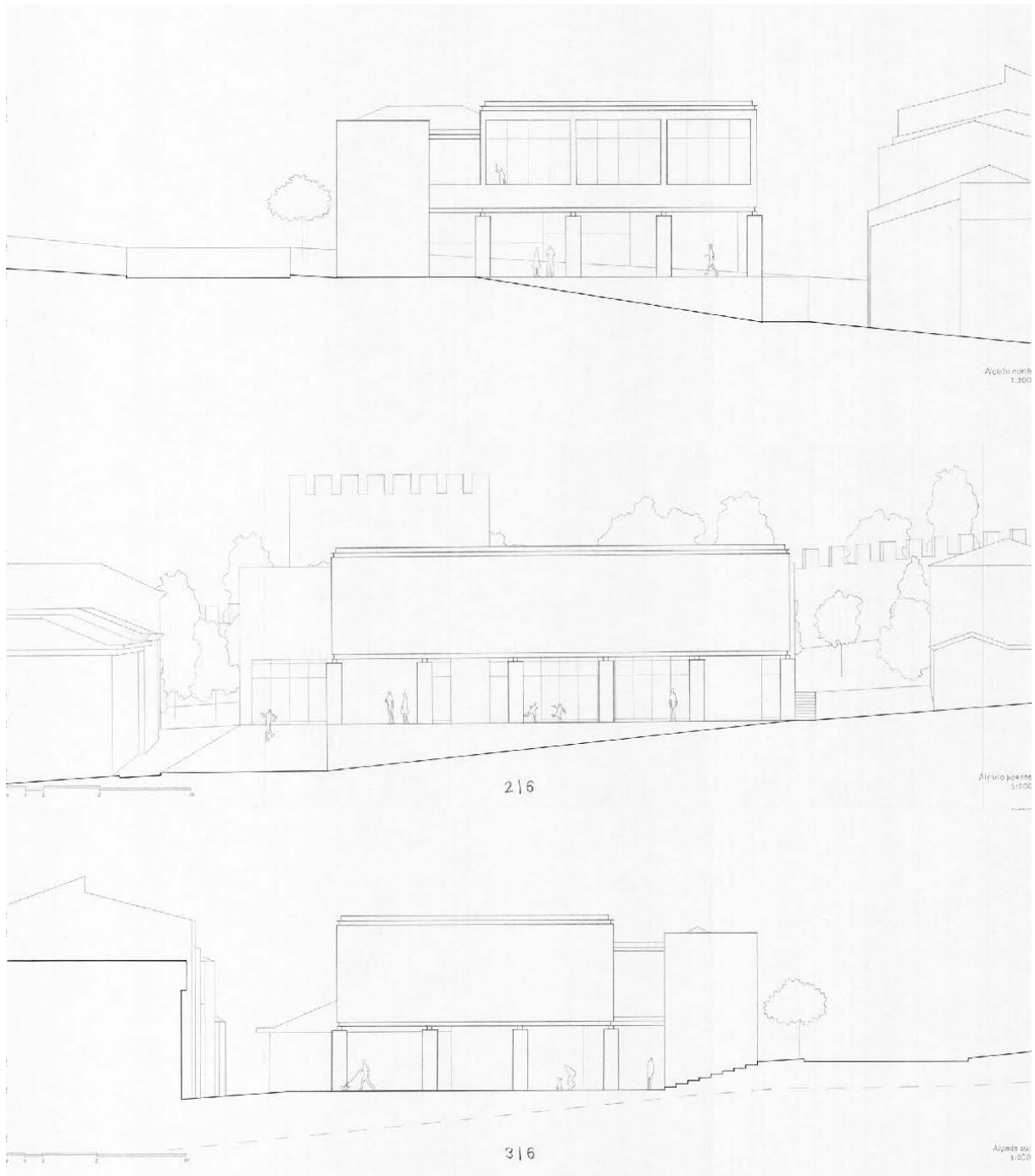


Figura 141 - Esquisso - estudo para o detalhe da estrutura metálica que faz a transição entre os pilares e o volume abstrato
Figura 142 - Alçados da proposta final

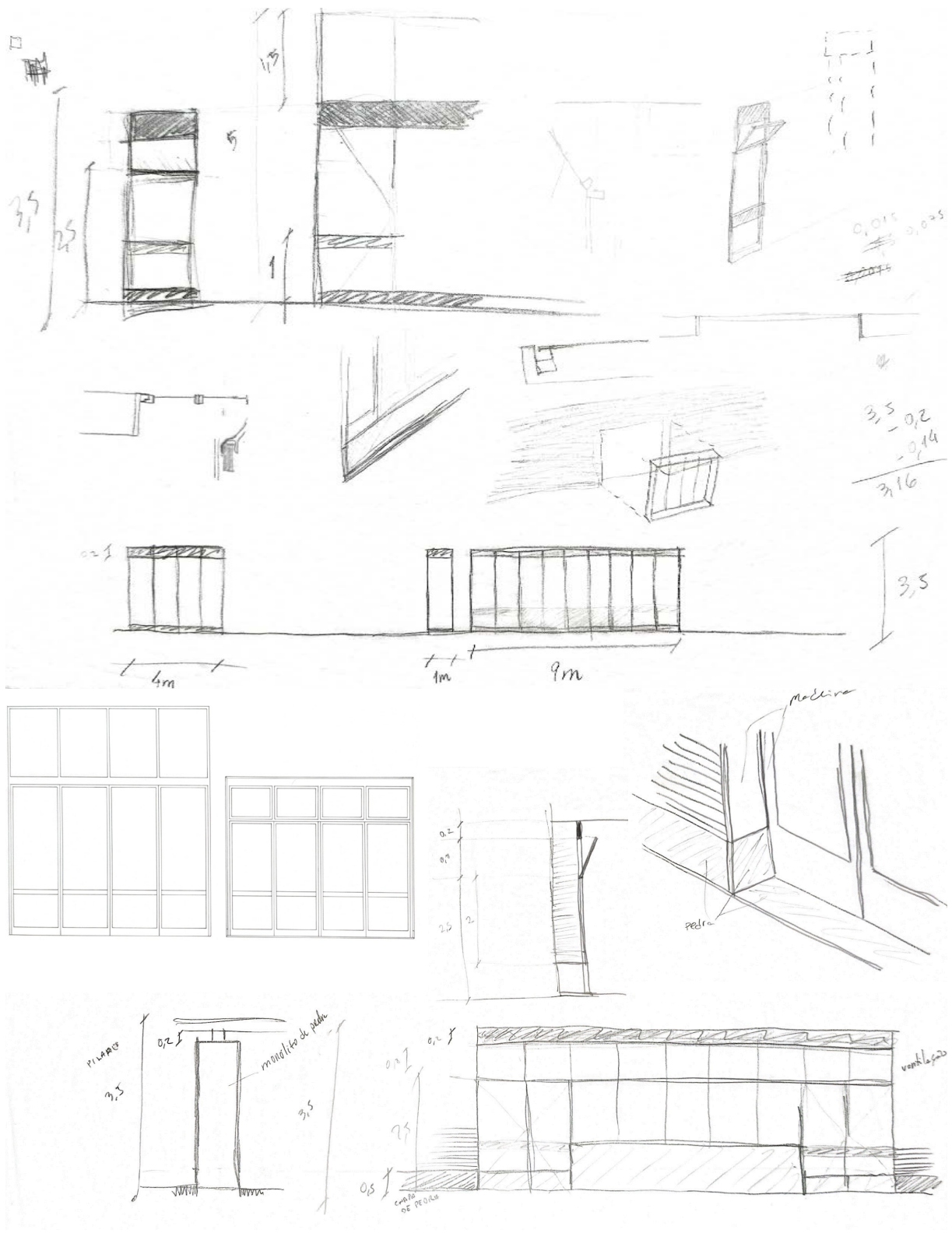
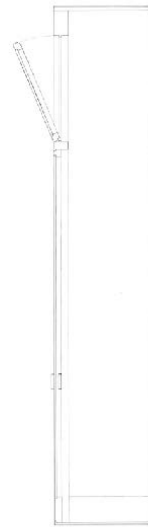
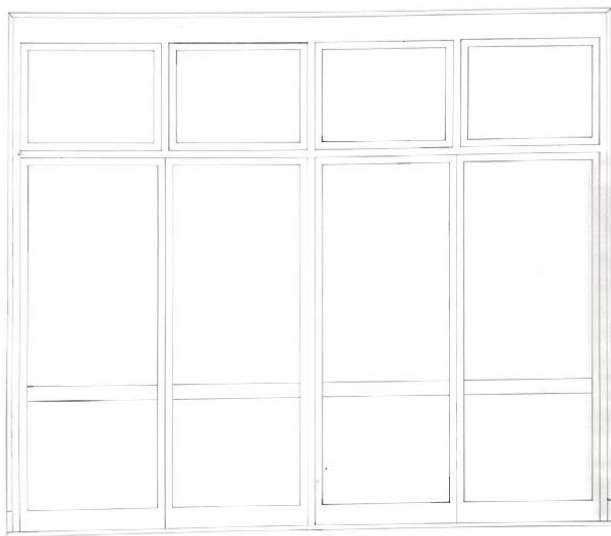
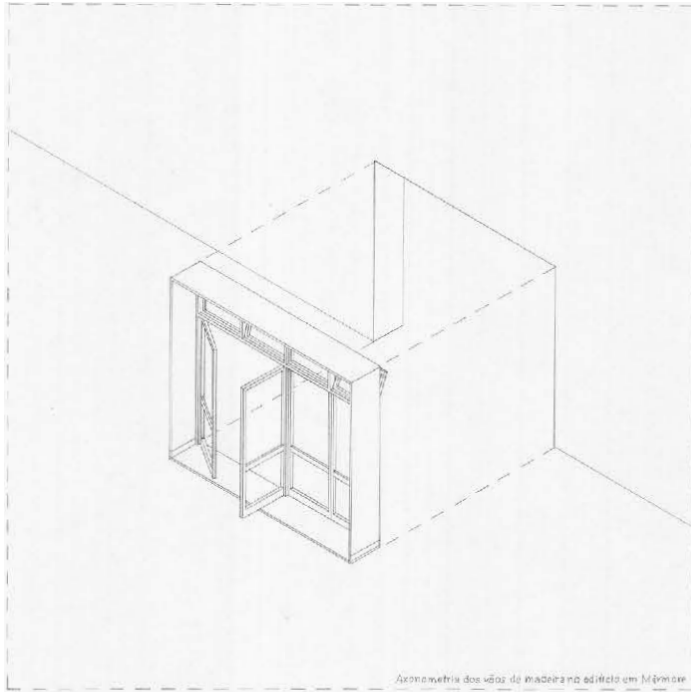
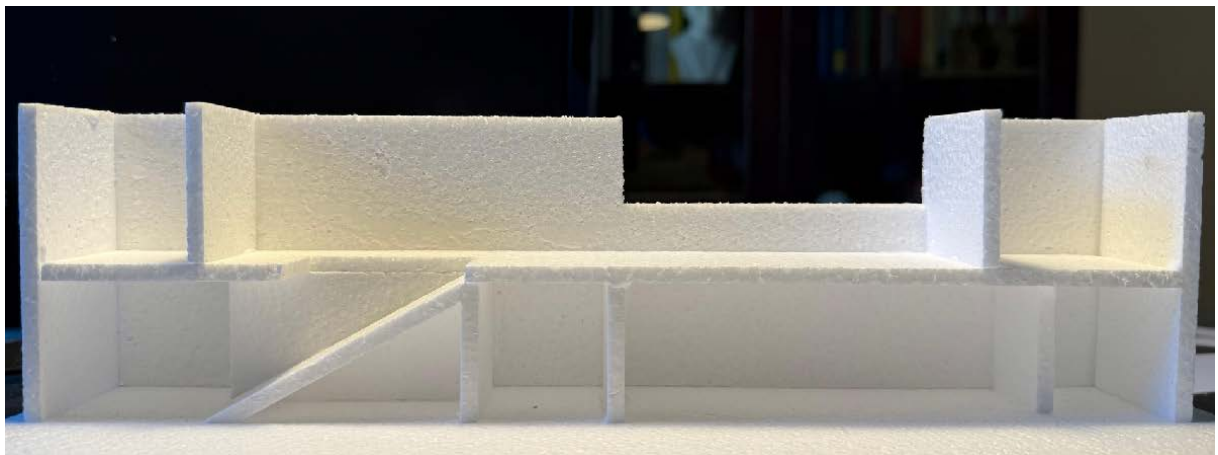
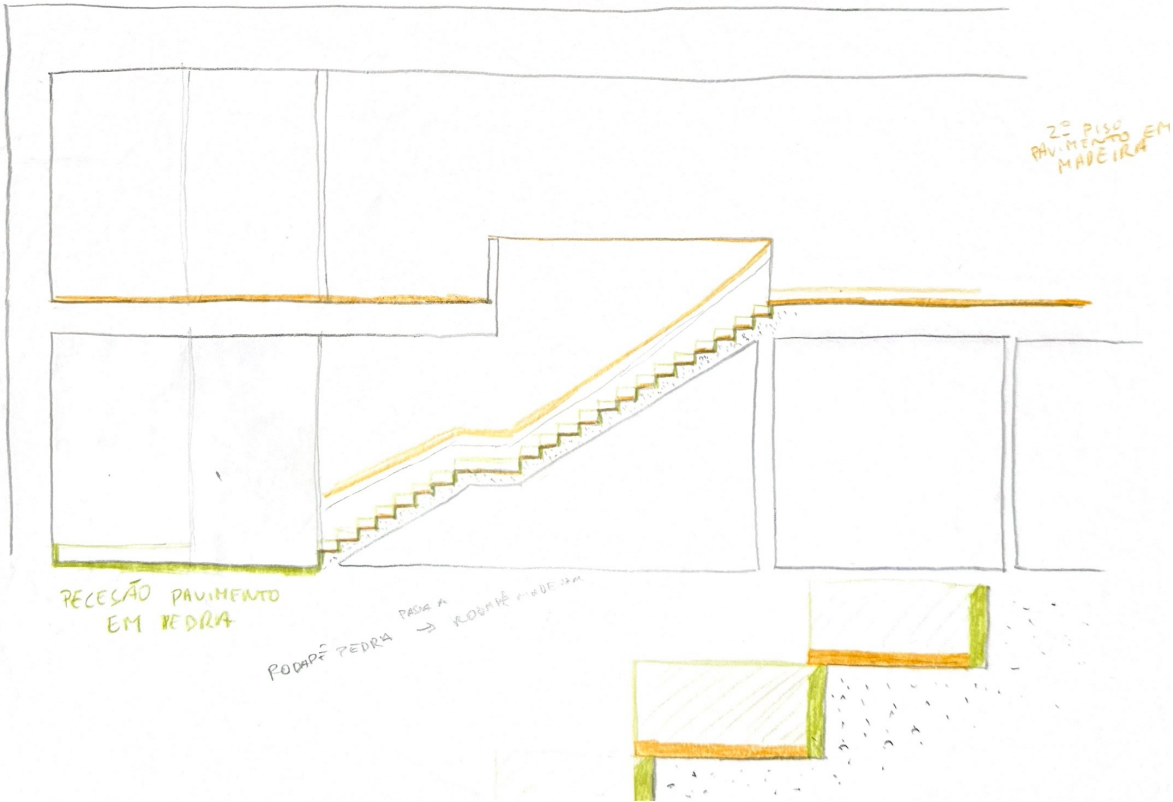
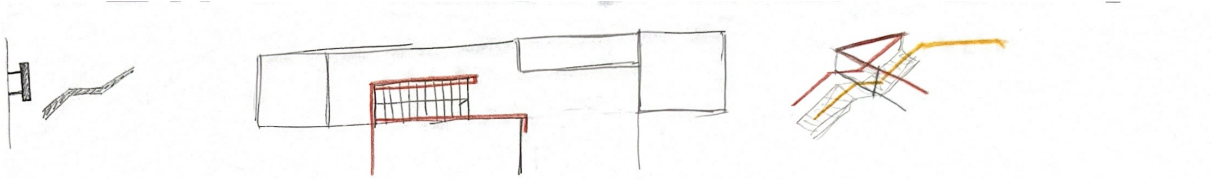
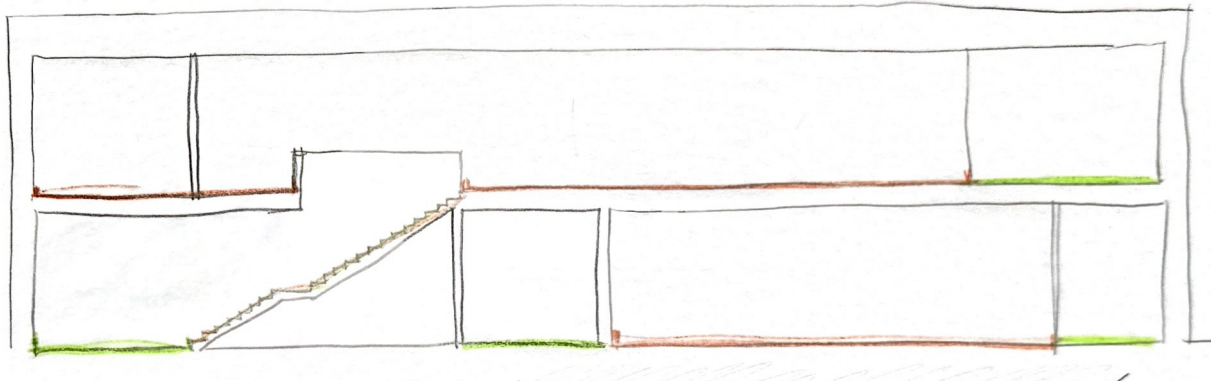


Figura 143 - Esquisso - estudo para a métrica e desenho dos vãos

Figura 144 - Axonometria do conceito dos vãos que encaixam no edifício contrastando com o mármore

Figura 145 - Desenhos rigorosos do vão da recepção





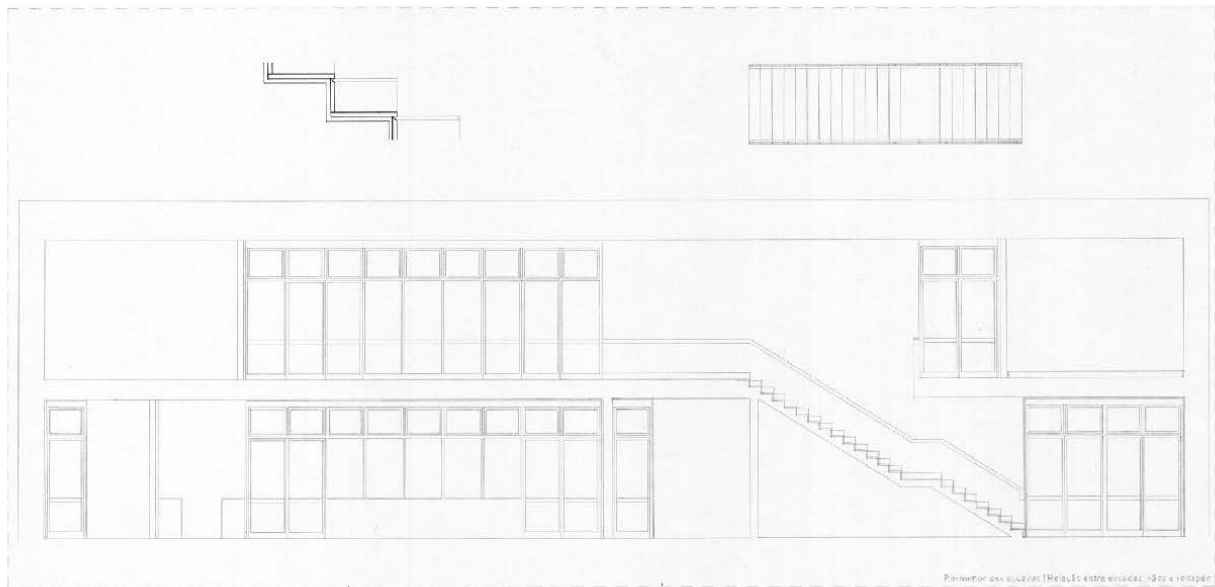


Figura 146 - Esquisso - estudo das escadas e rodapés

Figura 147 - Maquete de trabalho - relação entre pisos

Figura 148 - Desenhos rigorosos da escada

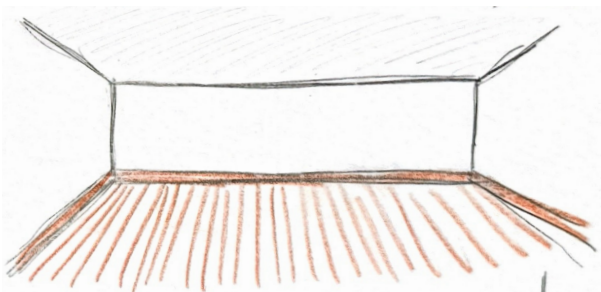
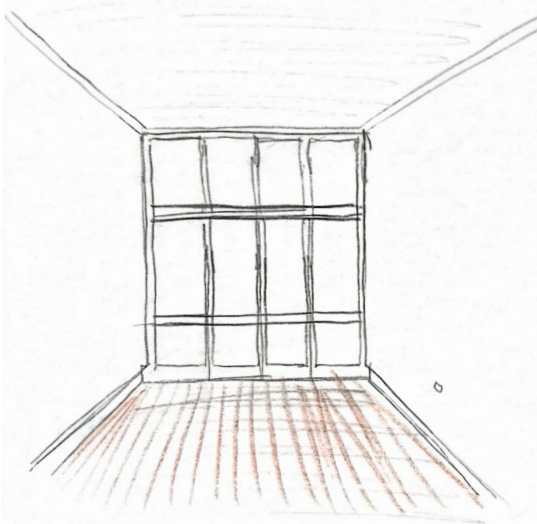
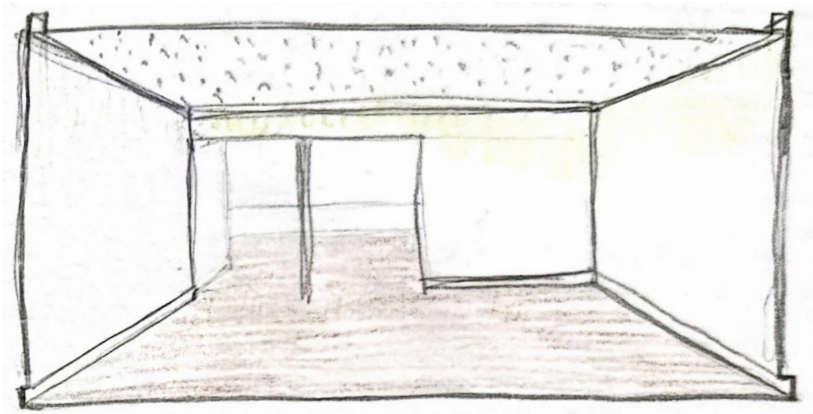
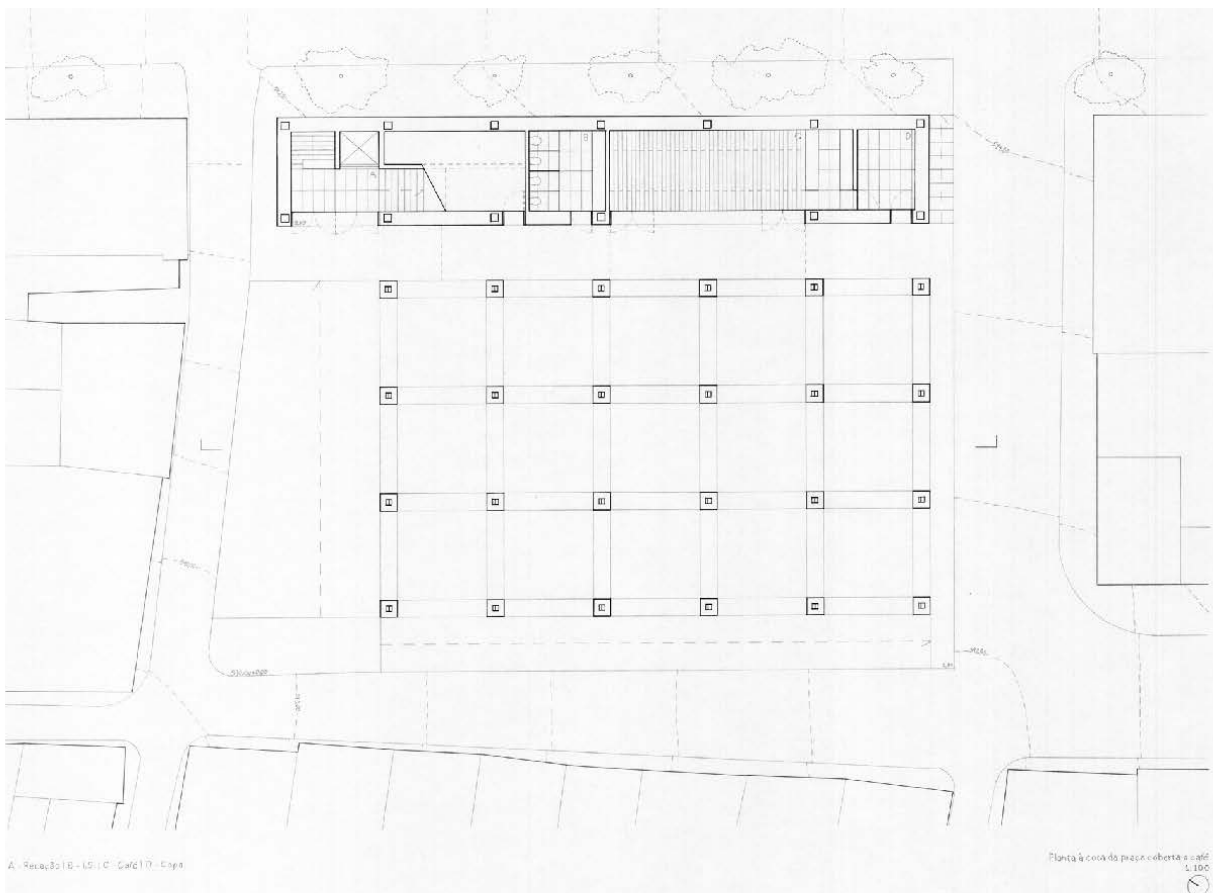
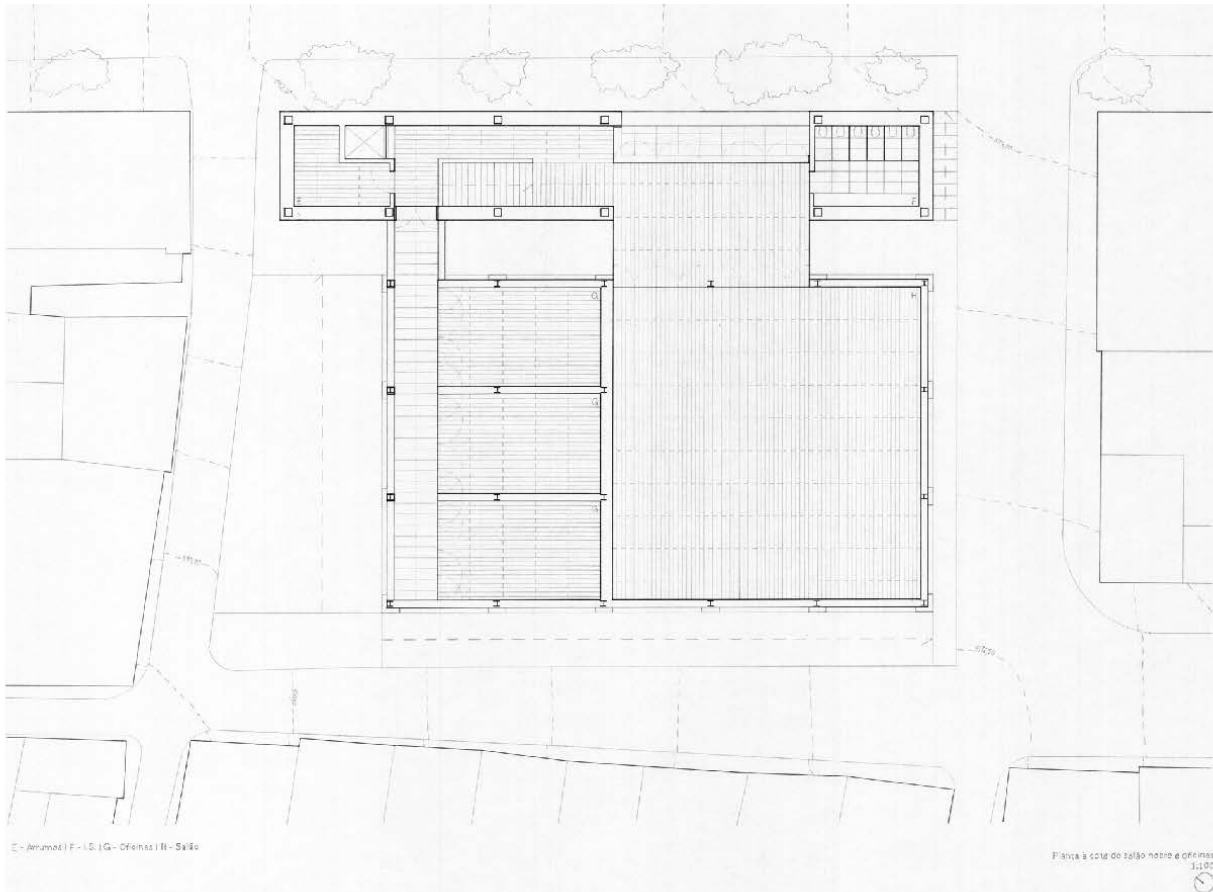
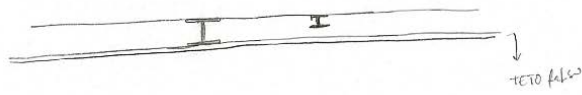
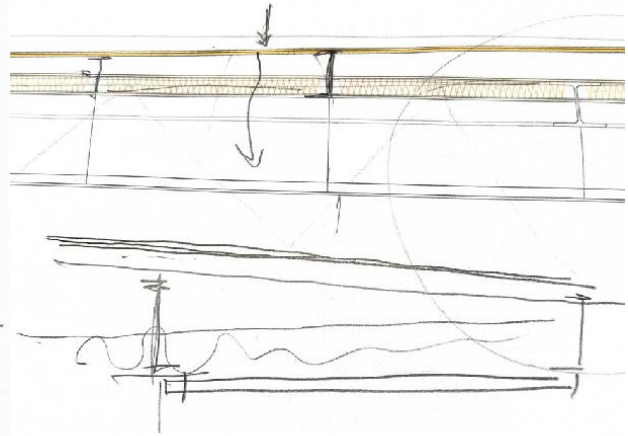
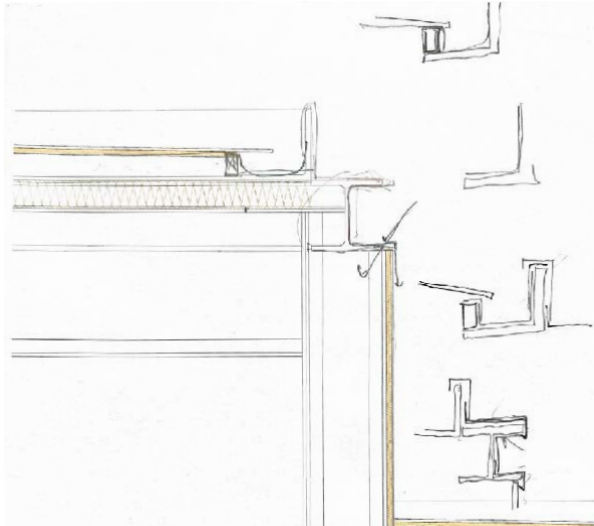


Figura 149 - Esquisso - perspectivas interiores do salão, oficinas e café

Figura 150 - Planta do piso da praça e planta do piso do salão e das oficinas com estereotomia dos pavimentos





CANTONEIRA METALICA

POSO ZINCO

CHAPA ZINCO

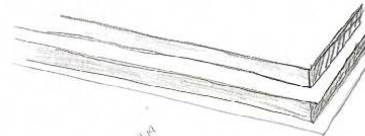
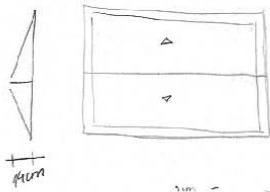
ESTRUTURA INTERMEDIA

XPS

TELA INFERIOR

PLACAS KNAUF

CAMADA DE PONTA INCLINADA



ESTRUTURA

↓

AO GALVANIZADA

↑

ZINCO DE ZINCO PARA PROTEÇÃO

↑

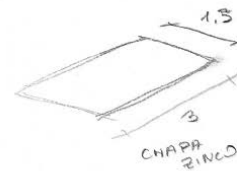
COLO ZINCO NATURAL

100mm

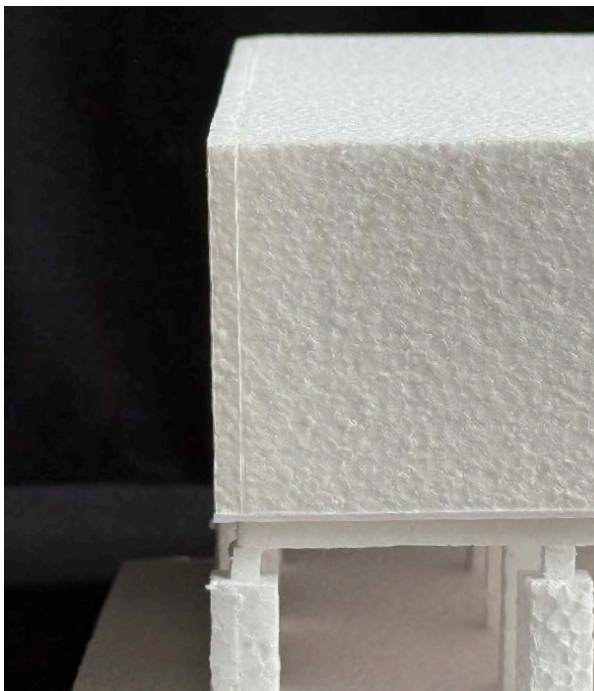


CANTONEIRA

25mm



CHAPA ZINCO



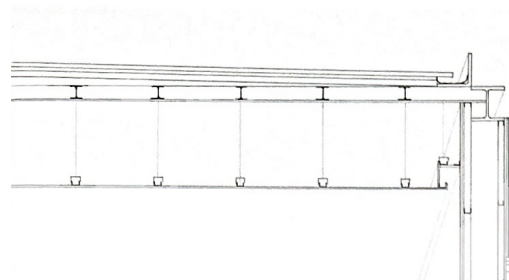
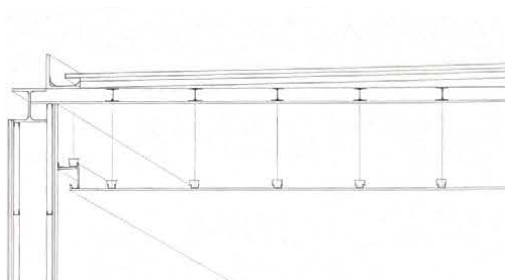
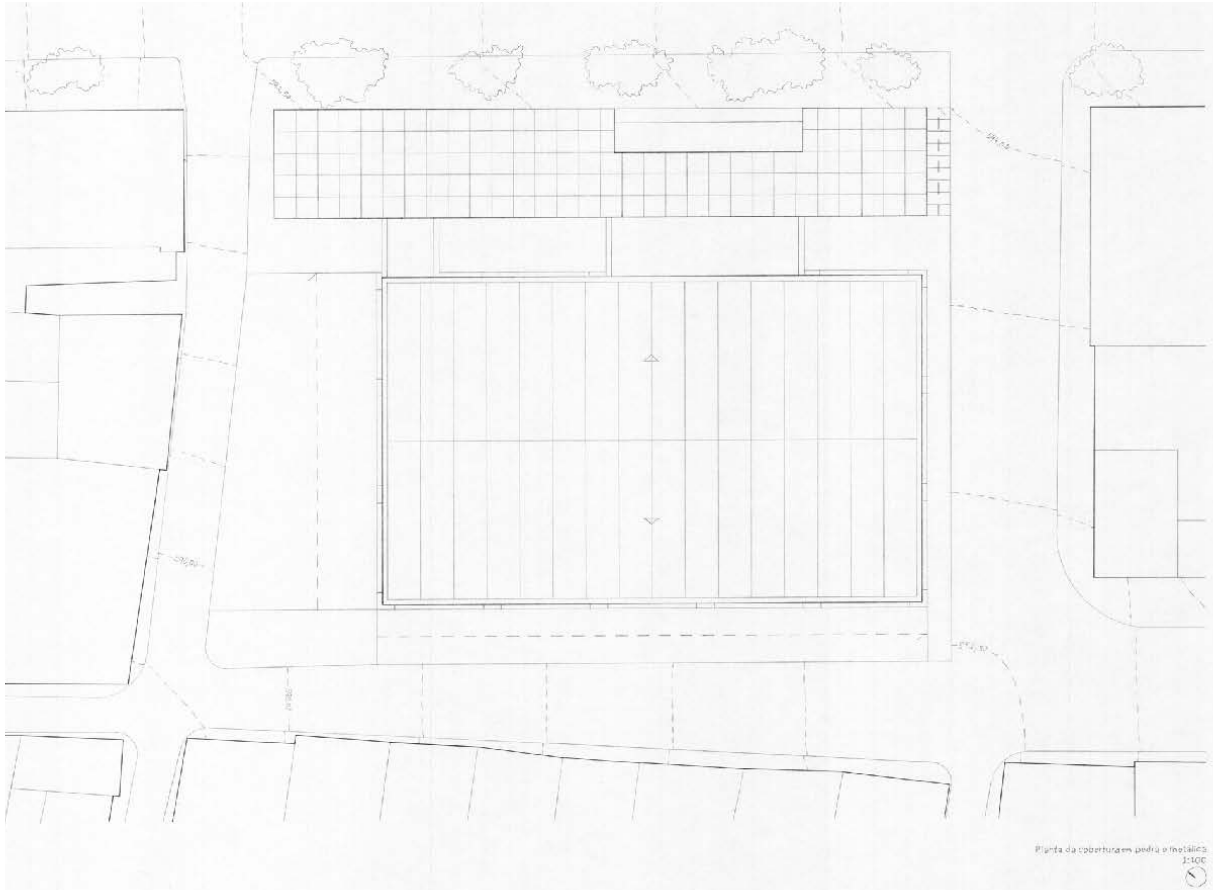


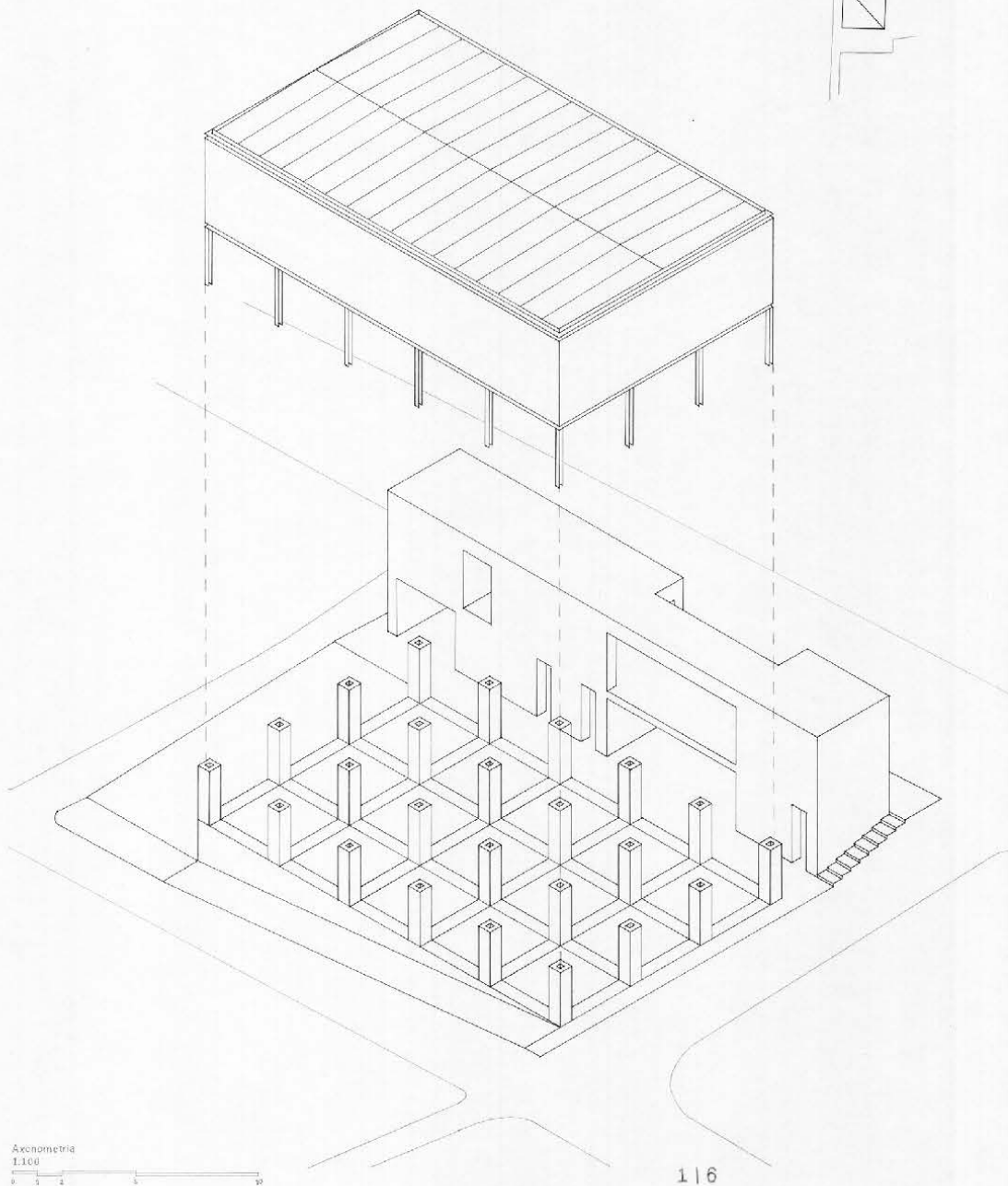
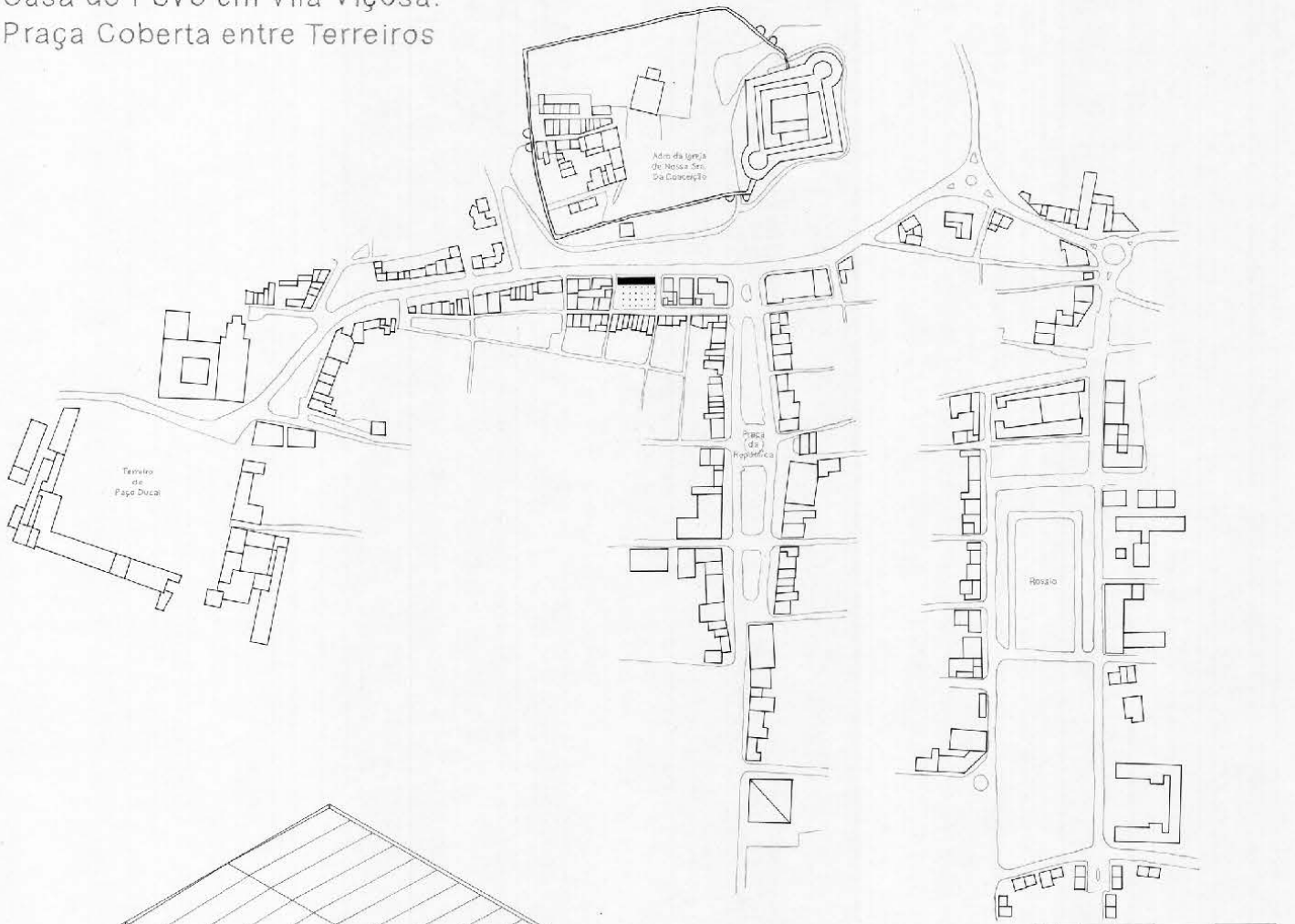
Figura 151 - Esquisso - estudo da cobertura metálica

Figura 152 - Maquete de estudo para a cobertura metálica

Figura 153 - Planta de cobertura

Figura 154 - Corte construtivo da cobertura metálica

Uma Casa do Povo em Vila Viçosa: Uma Praça Coberta entre Terreiros



Mercedo na Praça da República, anos 20

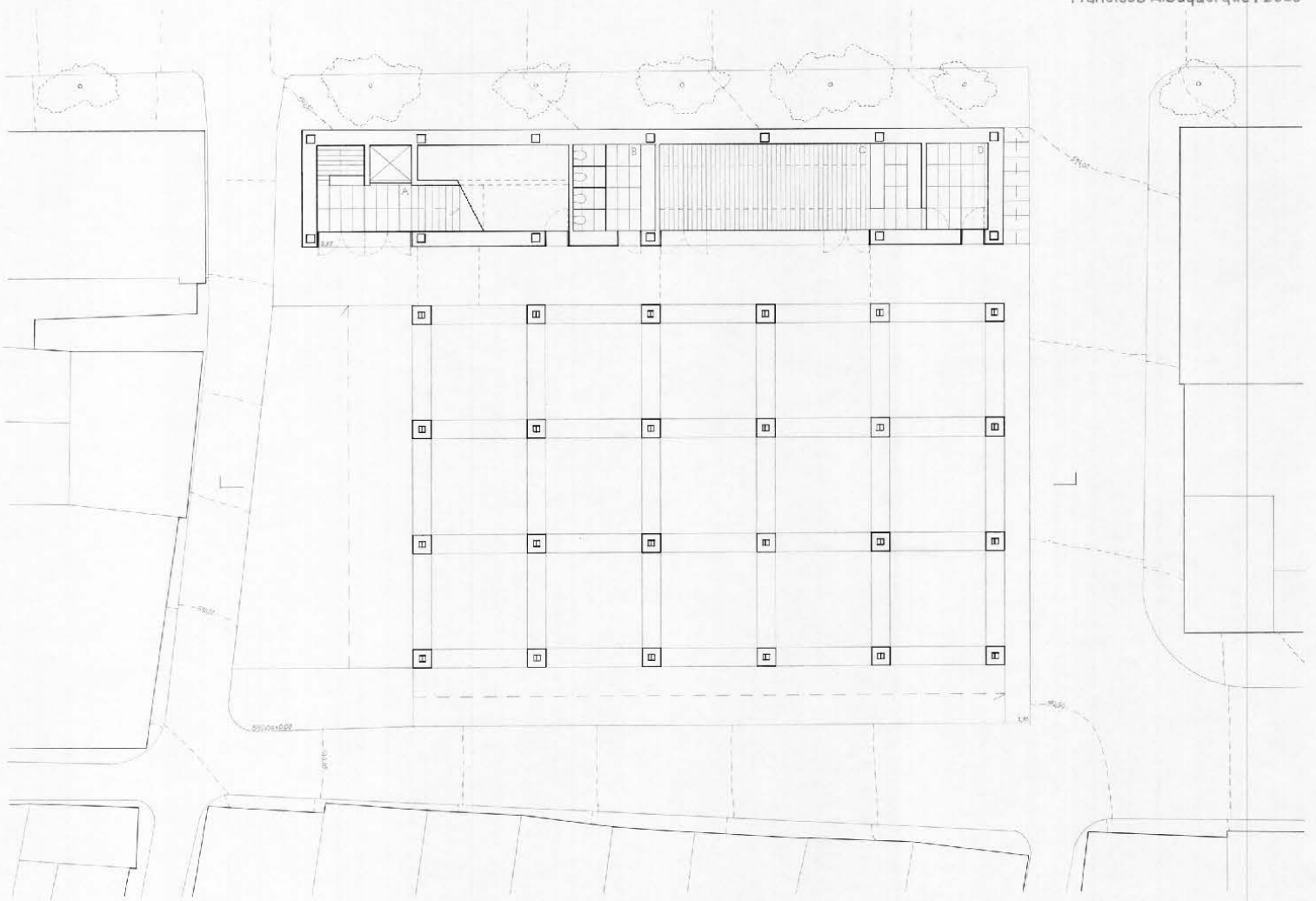


Sala hipóstila da Mesquita-Catedral de Córdoba



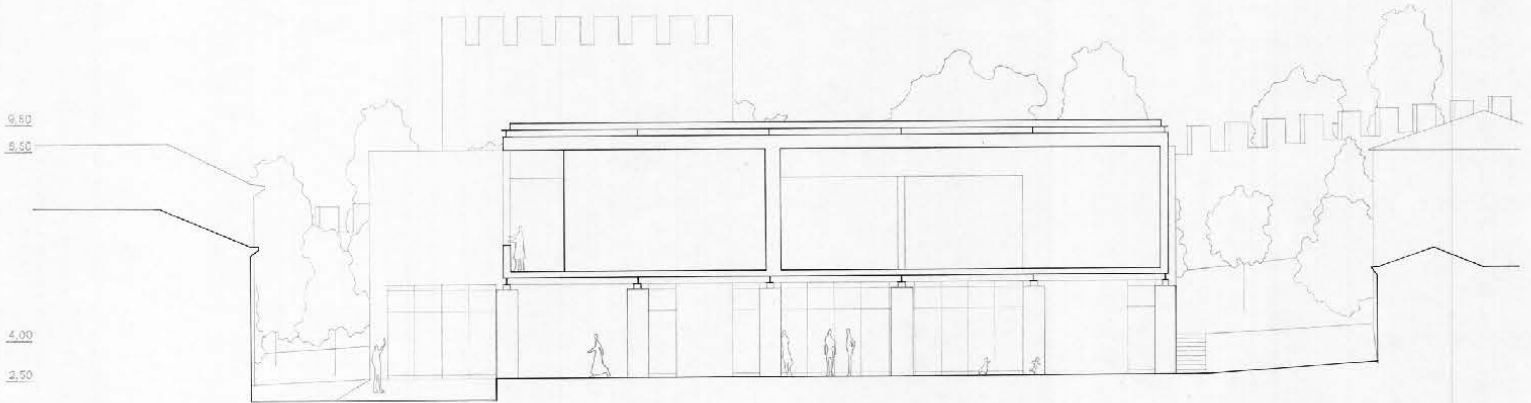
Bloco de Mármore em Escumbreira, Vila Viçosa





A - Recepção | B - I.S. | C - Café | D - Copa

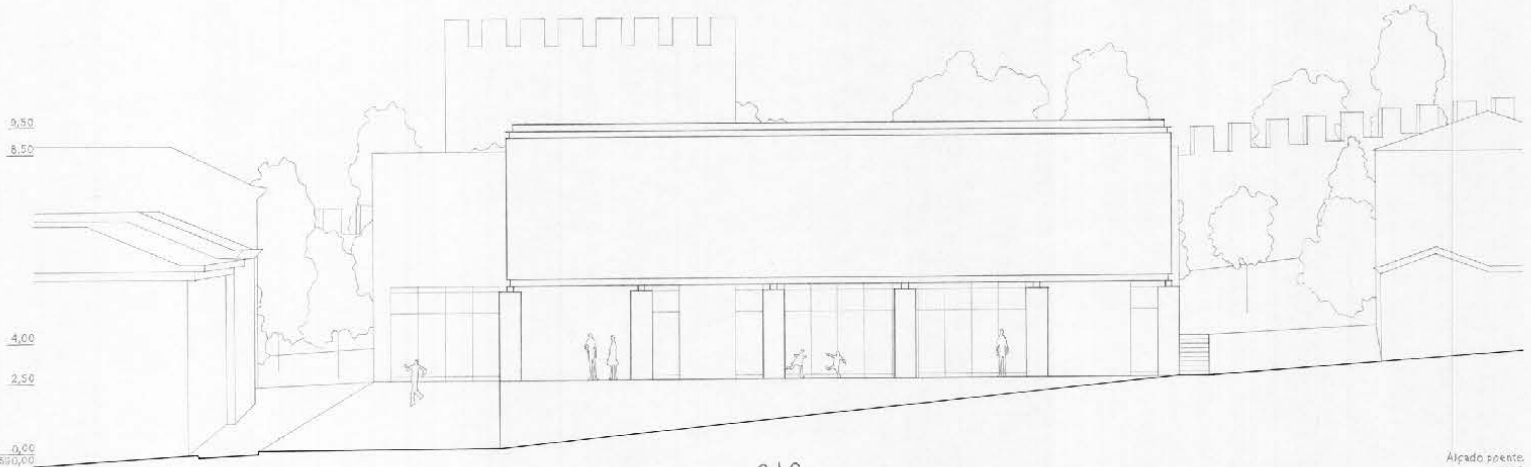
Planta à cota da praça coberta e café
4.100



9.50
5.50
4.00
2.50

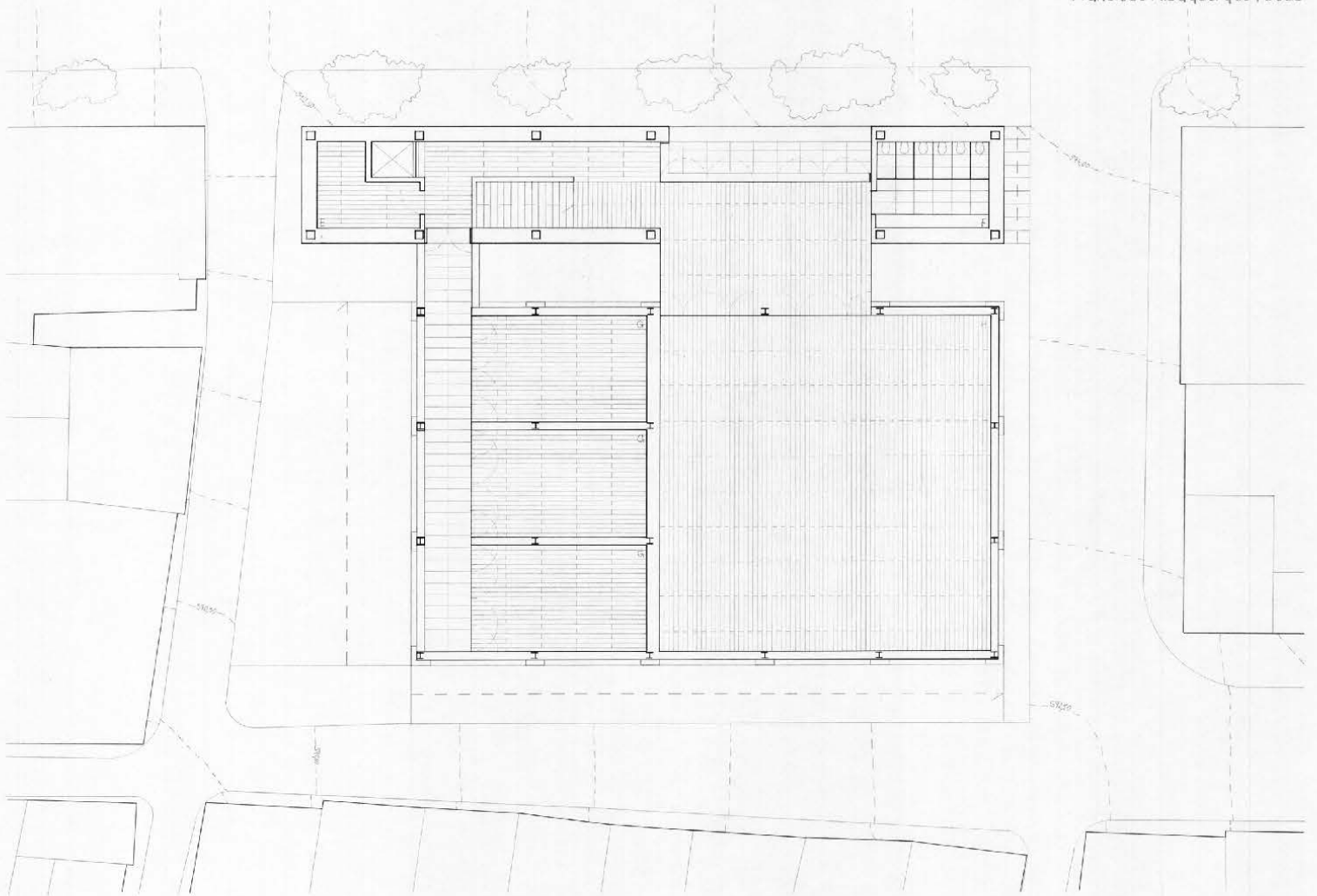
0.00
590,00

Corte pela praça coberta, zólio o atelier
1:200



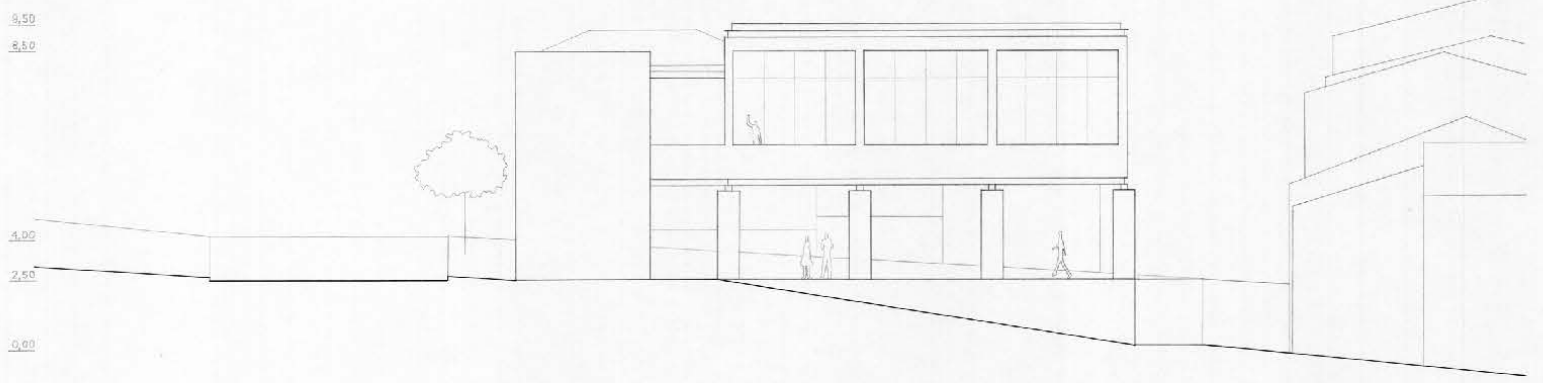
9.50
8.50
4.00
2.50

0.00
590,00

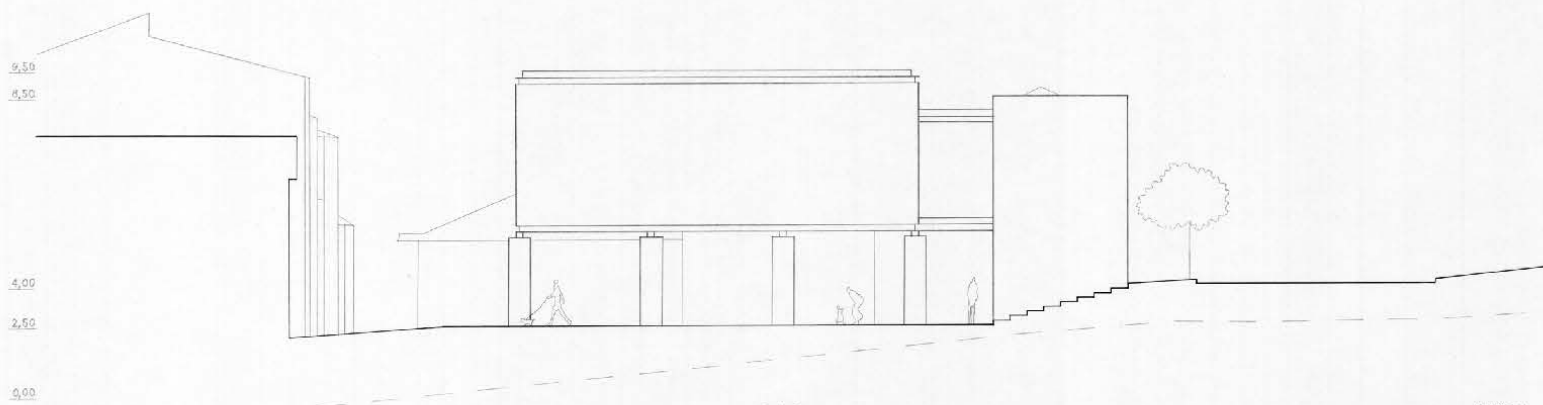


E - Arrumos | F - I.S. | G - Oficinas | H - Sala

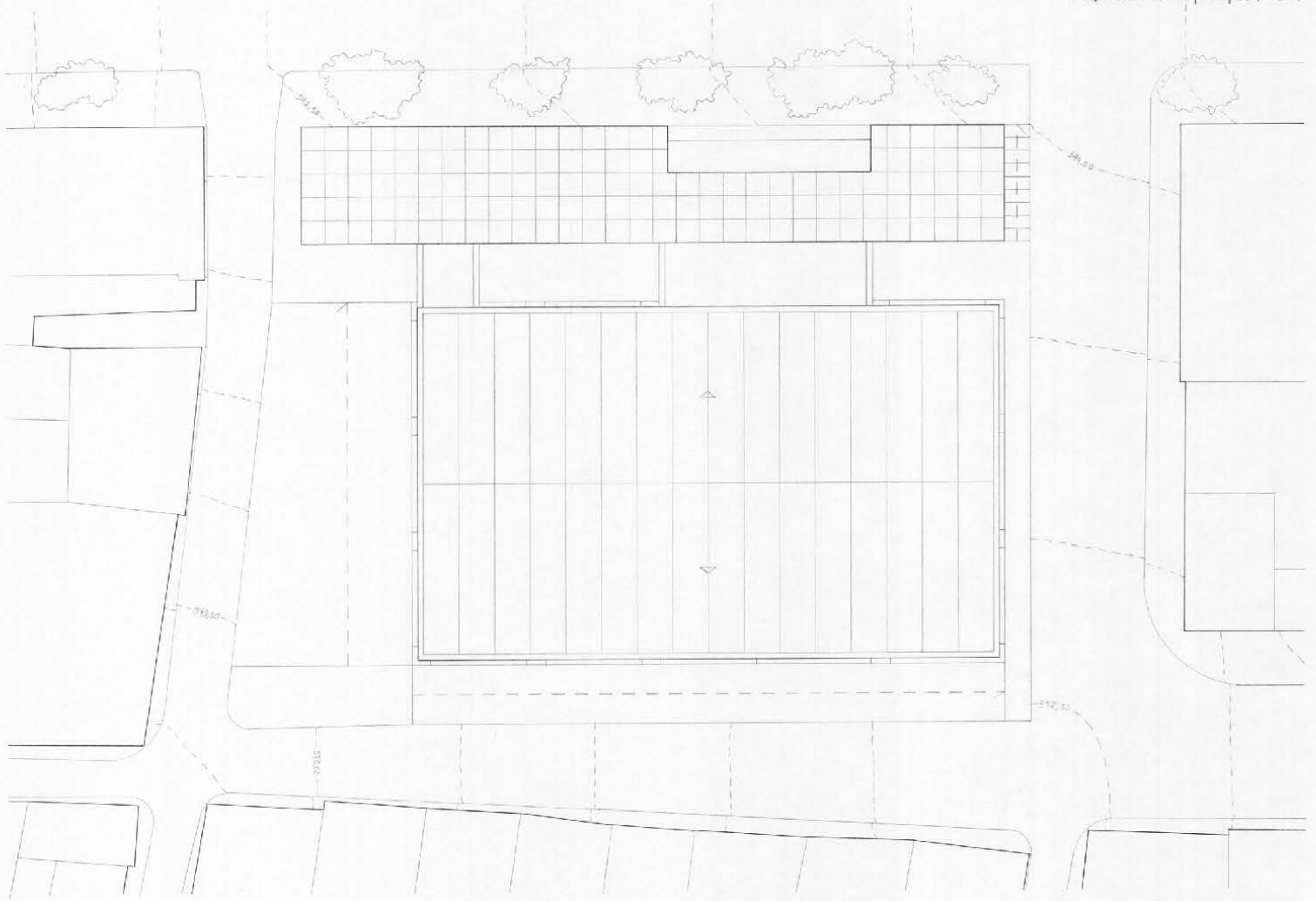
Planta à cota do salão nobre e oficinas
3:100



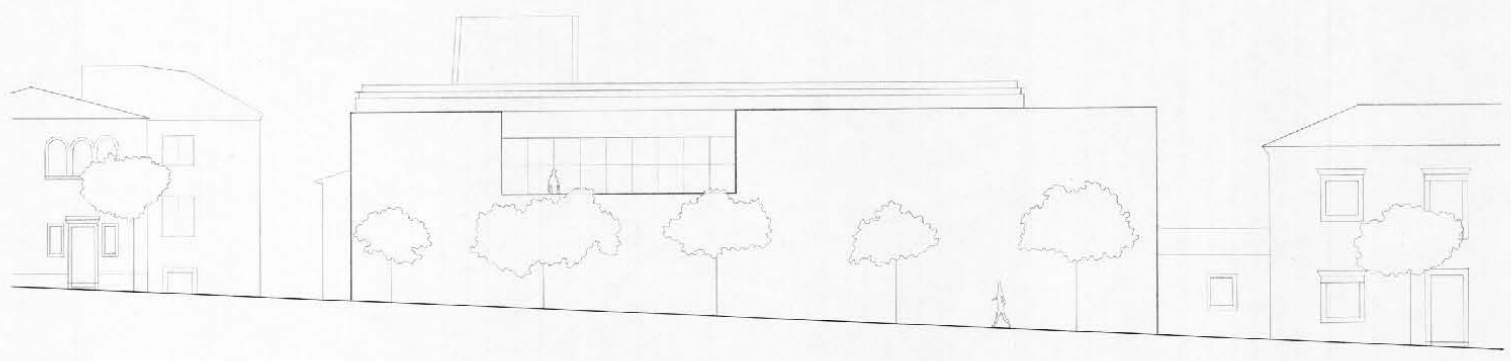
Alçado norte
1:100



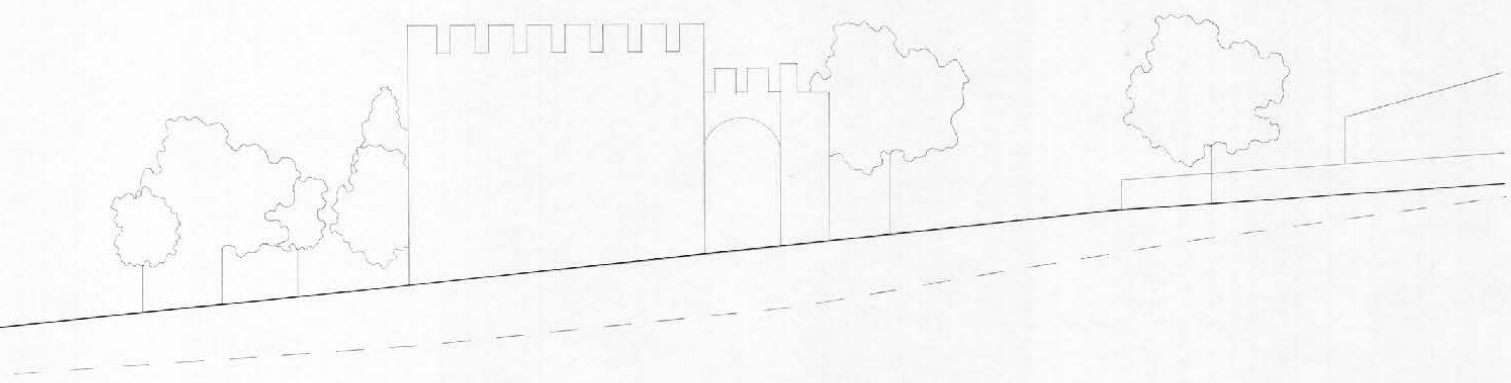
Alçado sul
1:100

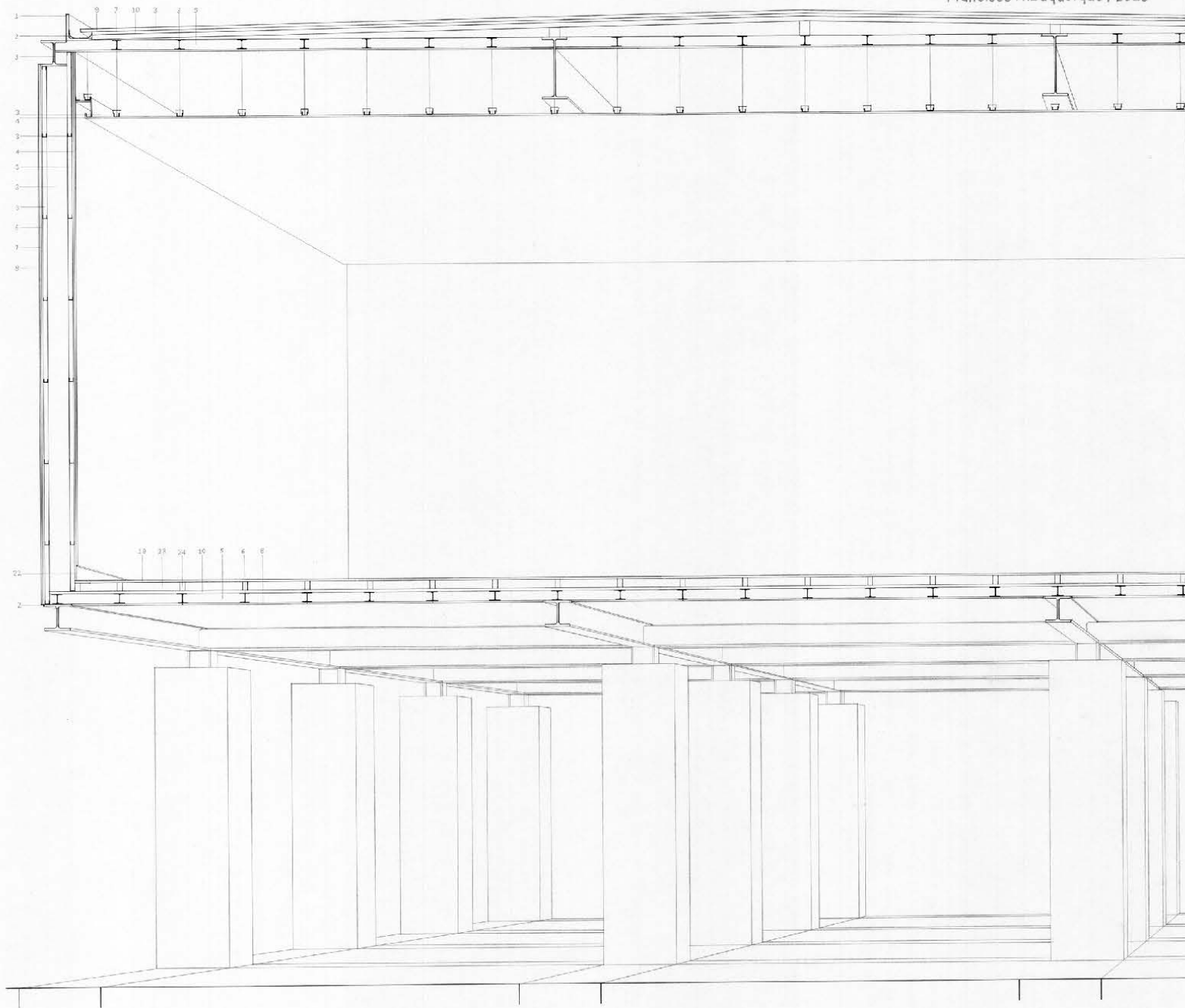


Planta de cobertura em pedra e trevética
1:100

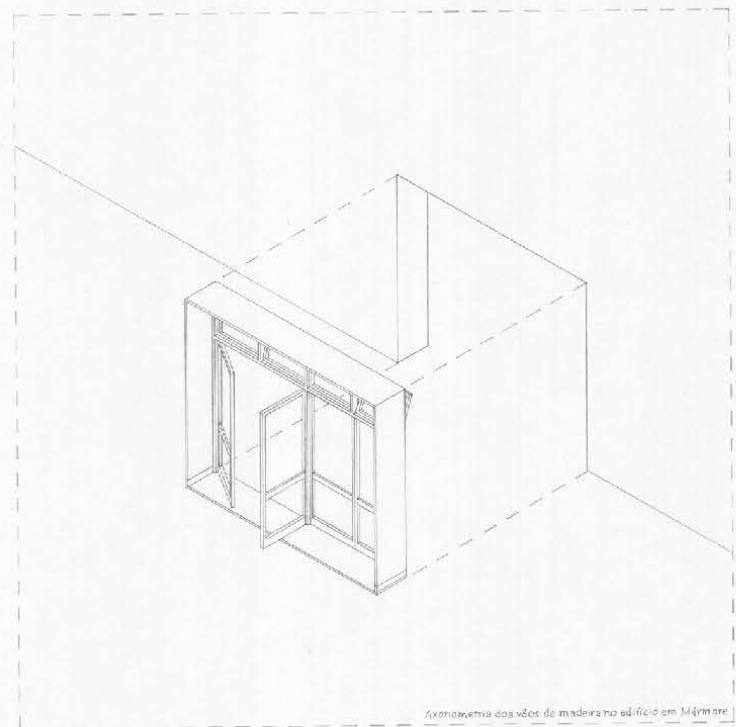
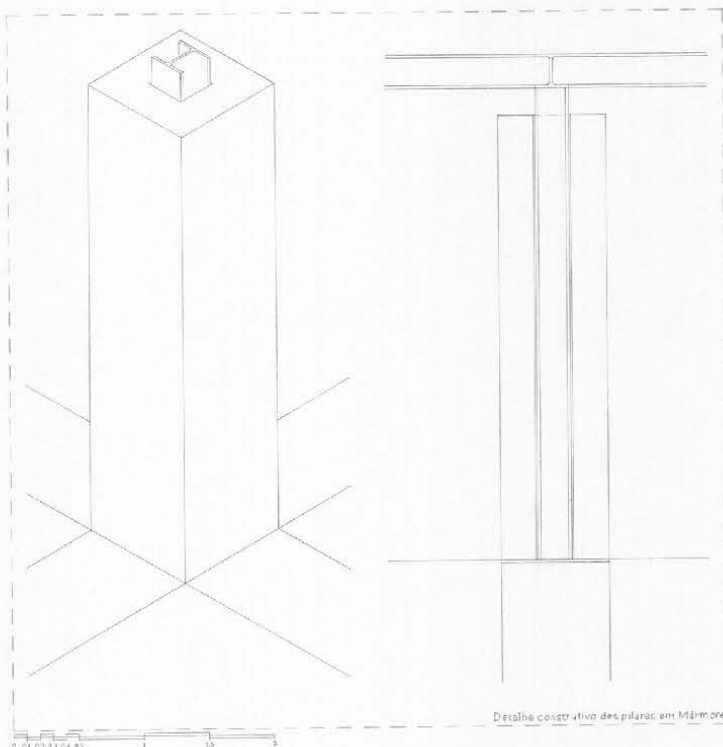


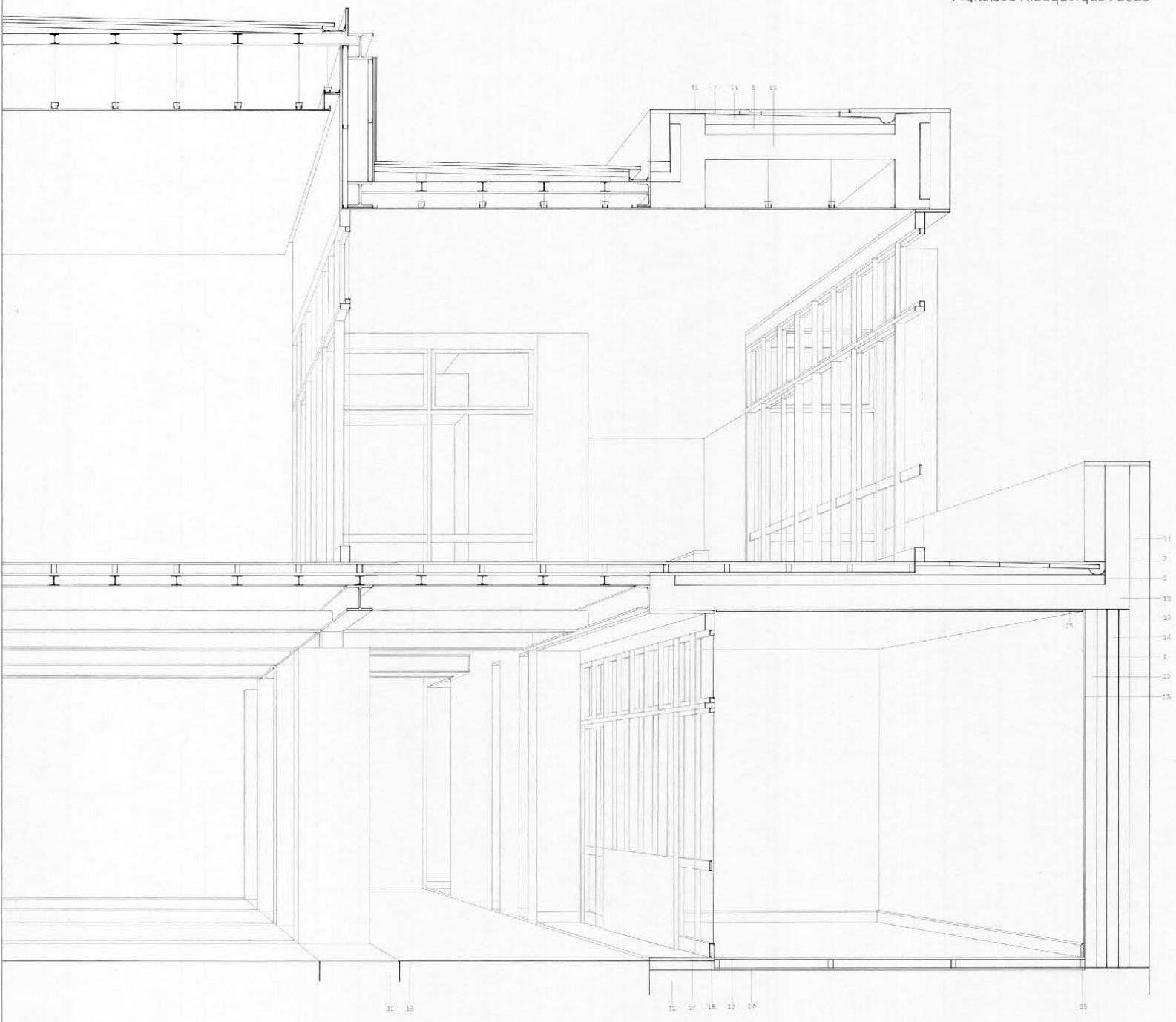
Alçado máximo
1:100



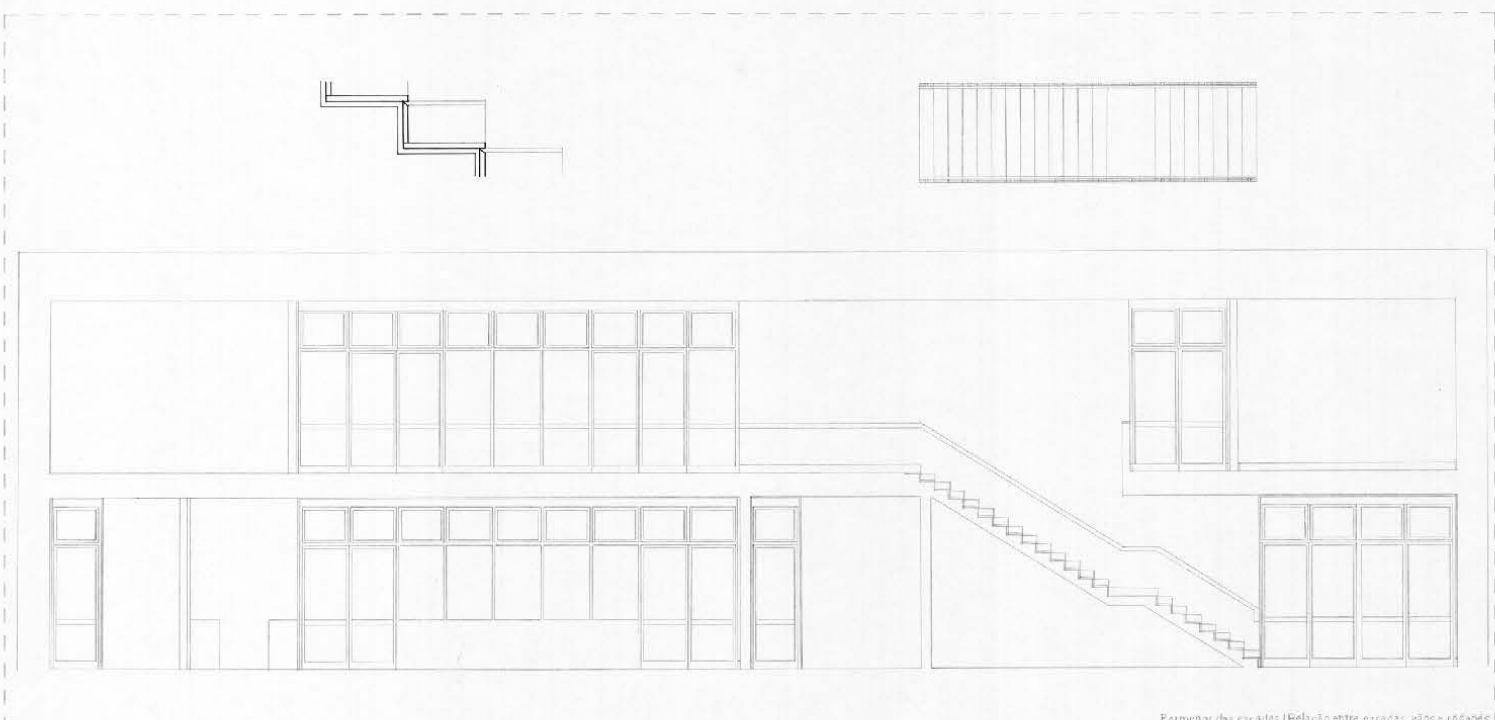


1 - rufo em zinco; 2 - cantoneira metálica; 3 - estrutura metálica; 4 - placas de gesso cartonado; 5 - isolamento térmico; 6 - placas de cimento; 7 - sistema impermeabilizante; 8 - reboco armado; 9 - chapas de zinco; 20 - L emplacado de madeira; 11 - despedaçado de mármore; 12 - betão; 13 - alvenaria de tijolo; 14 - caixa de ar; 15 - reboco interior; 16 - calçada; 17 - pedras mármore; 18 - caixa-linha de madeira pintada; 19 - trabalho em madeira de pinho aparente; 20 - betão de regularização; 21 - cumada de terra; 22 - rodapé em alumínio; 23 - absorvedor acústico, granulado de cortiça; 24 - estrutura de madeira; 25 - rodapé em madeira de pinho aparente;





Corte construtivo perpendicular | relação de café com apraca e de salão com o custeio



Fermejo das escadas | Relação entre escadas, vão e vãos

«Essa era outra coisa que, quando me formei, dizíamos sempre: “a primeira ideia é que é melhor”. Mas não. Obviamente, a última é que é a melhor.»

Francisco Aires Mateus, Entrevista realizada em setembro de 2025

Créditos de Imagens

Figura 1- Blocos de pedra mármore nas escombreyras.

Fonte: Fotografia de Francisco Albuquerque, Vila Viçosa, 2025.

Figura 2- Cromeleque dos Almendres, Évora.

Fonte: FRANKLIN, Stuart. Stone neolithic megaliths at the Cromleque dos Almendres and nearby [em linha]. Magnum Photos, 2018. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://www.magnumphotos.com/theory-and-practice/stuart-franklin-landscape-as-metaphor/>».

Figura 3 e 4- Pinturas rupestres, Foz Côa.

Fonte: GUIMARÃES, Pedro. [s.d.] [em linha] National Geographic Portugal.[Consult. 2025]. Disponível em: «https://www.nationalgeographic.pt/historia/ha-30000-anos-vale-coa-trezentos-seculos-monumentalizacao-paisagem_4392#google_vignette».

Figura 5- Pirâmide de Djoser, Sacará, Egito.

Fonte: WESTON, Richard - Materials, Form and Architecture. Londres: Laurence King Publishing Ltd, 2008. ISBN: 978-1-85669-555-8. P.22.

Figura 6- Mármore de Carrara na Fontana di Trevi, Roma, Itália.

Fonte: WESTON, Richard - Materials, Form and Architecture. Londres: Laurence King Publishing Ltd, 2008. ISBN: 978-1-85669-555-8. P.25.

Figura 7- Pormenor da obra “Madonna of the Cave”, de Leonardo da Vinci, onde surge o trabalho em pedra.

Fonte: WESTON, Richard - Materials, Form and Architecture. Londres: Laurence King Publishing Ltd, 2008. P.25. ISBN: 978-1-85669-555-8.

Figura 8- Teatro Romano, Mérida, Espanha.

Fonte: Fotografia de Maria do Mar Rafael, Mérida, 2022.

Figura 9- Templo Diana, Évora, Portugal.

Fonte: Fotografia de Mafalda Melancia, Évora, 2022.

Figura 10- Carta geológica simplificada de Portugal Continental.

Fonte: Turismo de Mérida, [s.d.] [em linha] [Consult. 2025]. Disponível em: <<https://turismomerida.org/o-que-ver/teatro-romano-pt/>>.

Figura 11- Corte da pedra na fábrica.

Fonte: Fotografia de Maria do Mar Rafael, Vila Viçosa, 2024.

Figura 12- Pedreira em Vila Viçosa.

Fonte: Fotografia de Maria do Mar Rafael, Vila Viçosa, 2025.

Figura 13- Ortofotomapa representativo do Triângulo do Mármore.

Fonte:Google Earth Pro [imagem de satélite], 2025.

Figura 14- Vista aérea com a igreja de Nossa Sra. da Conceição, Castelo, Muralha e Torre de Menagem ao fundo.

Fonte: PASTOR, Artur, [em linha]. Arquivo municipal de Lisboa. Vila Viçosa: 1950 [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/x-arqweb/Result.aspx?id=1457536&type=PCD>».

Figura 15- Vila Viçosa, ao fundo o Terreiro do Paço, à direita o Mosteiro de Santo Agostinho, 1942.

Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.95.

Figura 16- Aqueduto do Convento de Nossa Senhora da Esperança, autor desconhecido, 1953.

Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.148.

Figura 17- Vila Viçosa, intramuros, Final do Século XIV. Planta redesenhada pelo grupo.

Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.15.

Figura 18- Vila Viçosa, Nicolau de Langres,1661.

Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.15.

Figura 19- Vila Viçosa, início da expansão extramuros, primeira metade do século XV. Planta redesenhada pelo grupo.

Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.15.

Figura 20- Vila Viçosa, início da expansão extramuros, primeira Metade do Século XV. Planta redesenhada pelo grupo.

Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.15.

Figura 21-Vila Viçosa, continuação da expansão extramuros, século XV.

Planta redesenhada pelo grupo.

Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.15.

Figura 22- Vila Viçosa, desenvolvimento urbano quinhentista. Planta redesenhada pelo grupo.

Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. P.16. ISSN: 0872-8747.

Figura 23 - Vila Viçosa, as obras de fortificação seiscentistas.
Planta redesenhada pelo grupo.
Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.18.

Figura 24- Vila Viçosa, Nicolau de Langres, 1661.
Fonte: LANGRES, Nicolau. Desenhos e plantas de todas as praças do Reyno de Portugal Pello Tenente General [em linha]. 1665. P.89. [Consult. 2025] Disponível em: «<https://purl.pt/15387>».

Figura 25 - Desenho de Vila Viçosa, 1668-1669.
Fonte: RIVERO, Angel Sanchez. Viaje de Cosme de Medicis por España y Portugal (1668-1669) [em linha]. Madrid, s.d. P. 46. [Consult. 2025] Disponível em: «<https://purl.pt/12926>».

Figura 26 - Mapa do caminho de ferro, 1913.
Fonte: Guia Oficial dos Caminhos de Ferro de Portugal [em linha]. Lisboa: Tipografia das Horas Românticas, 1913. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://purl.pt/276>».

Figura 27- Praça da República ,1930-1940.
Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747 P.33.

Figura 28- Praça da República ,1953.
Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.33.

Figura 29- Vila Viçosa, final do século XIX.
Planta redesenhada pelo grupo.
Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.21.

Figura 30- Vila Viçosa, século XX.
Planta redesenhada pelo grupo.
Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747. P.22.

Figura 31- Vila Viçosa, Paço Ducal, fachada principal em mármore.
Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. P.53. ISSN: 0872-8747.

Figura 32- Ortofotomapa de Vila Viçosa, 2025.
Fonte: Google Earth Pro [imagem de satélite], 2025.

Figura 33- O castelo, a Muralha e a Torre de Menagem avistados de cima, 1961.
Fonte: SEQUEIRA, Gustavo de Matos. O Castelo de Vila Viçosa. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança, 1961. P.27.

Figura 34- Fachada principal do Paço Ducal.
Fonte: Estúdio Mário Novais, Arquiteto Pardal Monteiro [Material Gráfico] [em linha]. 1938. Repositório da Fundação Calouste Gulbenkian. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?key=&doc=185165&img=61805>».

Figura 35- Planta do Paço Ducal.
Fonte: Monumentos. Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 6. Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1997. ISSN: 0872-8747. P.33.

Figura 36 - Vista para a Praça da República com ênfase na fachada principal da Igreja de S. Bartolomeu.
Fonte: Fotografia de Maria do Mar Rafael, Vila Viçosa, 2025.

Figura 37 - Fachada principal da Igreja dos Agostinhos.
Fonte: Estúdio Mário Novais [1927-1928], [em linha]. Repositório da Fundação Calouste Gulbenkian. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?key=&doc=181725&img=60429>».

Figura 38- Adro da Igreja de Nossa Senhora da Conceição.
Fonte: Fotografia de Maria do Mar Rafael, Vila Viçosa, 2025.

Figura 39 - Fachada do Convento voltado para o Terreiro do Paço.
Fonte: Estúdio Mário Novais, Arquiteto Pardal Monteiro [Material Gráfico], 1938, [em linha]. Repositório da Fundação Calouste Gulbenkian. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://baimages.gulbenkian.pt/images/winlibimg.aspx?key=&doc=185165&img=61806>».

Figura 40- Vista aérea da Casa de Francisco Barata dos Santos.
Fonte: Fundação Marques da Silva. Vila Viçosa: [s.d.] Fundação Marques da Silva. Vila Viçosa.

Figura 41, 42, 43, 44, 45- Alçados e Cortes da Casa de Francisco Barata dos Santos.
Fonte: PEREIRA, Matilde. Casa de Vila Viçosa (1959-1963): Ecos das memórias de Nuno Teotónio Pereira e casa de Vila Viçosa (1959-1963): Nuno Portas sobre Carlo Scarpa. Porto: Universidade do Porto, 2019. [Dissertação de Mestrado]P. 69.

Figura 46- Afloramento de mármore em Vila Viçosa.
Fonte: Fotografia de Maria do Mar Rafael, Vila Viçosa, 2025.

Figura 47- Soleira em mármore na Casa de Francisco Barata dos Santos.

Fonte: PEREIRA, Matilde. Casa de Vila Viçosa (1959-1963): Ecos das memórias de Nuno Teotónio Pereira e casa de vila viçosa (1959-1963): Nuno Portas sobre Carlo Scarpa. Porto: Universidade do Porto, 2019. [Dissertação de Mestrado] P. 92.

Figura 48- Adro da igreja de Nossa Sra. da Conceição revestido a mármore.

Fonte: Fotografia de Maria do Mar Rafael, Vila Viçosa, 2025.

Figura 49- Fotografia vista da muralha para o local de intervenção.

Fonte: Fotografia de Maria do Mar Rafael, Vila Viçosa, 2025.

Figura 50- Ortofotomapa de Vila Viçosa, 2025.

Fonte: Google Earth Pro [imagem de satélite], 2025.

Figuras 51, 52, 53, 54- Alçados do local de intervenção.

Fonte: Fotografia de Maria do Mar Rafael, Vila Viçosa, 2025.

Figuras 55 e 56 - Estádio Municipal de Braga, Eduardo Souto de Moura.

Fonte: Fotografias do autor, Braga, 2023.

Figuras 57 e 58 - Pavilhão de Barcelona, Mies Van Der Rohe.

Fonte: Fotografias do autor, Barcelona, 2024.

Figuras 59 e 60 - Villa Müller, Adolf Loos.

Fonte: SARNITZ, August. Adolf Loos. Koln: TASCHEN, 2024. pp. 73 e 74. ISBN 978-3-8365-4467-2.

Figura 61 - Primeiro esquisso de análise de Vila Viçosa, planta de localização - diagrama.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 62 - Mercado na Praça da República, anos 20.

Fonte: Mercado na Praça da República - anos 20. Vila Viçosa [Material Gráfico]. [em linha]. Arquivo fotográfico da Freguesia de Nossa Sra. da Conceição e de São Bartolomeu. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://conceicao-sbartolomeu.pt/ver_galeria_arquivo?page=1#gallery-13».

Figura 63 - Planta com identificação de alguns espaços públicos.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 64 - Esquisso - relação do lote com a envolvente.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 65 - Esquisso - a praça esculpida em pedra mármore.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 66 - Visita à pedreira, Vila Viçosa.

Fonte: Fotografia do autor, Vila Viçosa, 2025.

Figura 67 - Relação da muralha com um edifício habitacional, Vila Viçosa.

Fonte: Fotografia do autor, Vila Viçosa, 2025.

Figura 68 - Esquisso - relação do muro com os acessos.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 69 - Esquisso - relação do muro com o edifício.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 70 - Esquisso - grelha de organização de projeto.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 71 - Esquisso - primeira organização formal do programa.

Fonte: Desenho do autor.

Figuras 72 e 73 - Desenho de fachada sobre fotografia, vista da muralha do castelo.

Fonte: Desenho e fotografia do autor, Vila Viçosa, 2025.

Figura 74 - Esquisso - implantação do projeto com vias de acesso à praça.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 75 - Desenhos rigorosos da proposta.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 76 - Esquisso - relação entre a pedra mármore e o edifício.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 77 - Esquisso - estudo para resolver a diferença de cotas.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 78 - Painéis - Ponto de situação, 20 de janeiro de 2025.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 79 - Maquete de trabalho, 1:200.

Fonte: Fotografia do autor, 2025.

Figura 80 - Planta parcial do Mosteiro dos Jerónimos onde está assinalada a parede habitada pelas escadas e pelos confesionários.

Fonte: Planta Mosteiro de Belém. [Material Gráfico]. [em linha]. Sistema de Informação Para o Património Arquitectónico (SIPA). [Consult. 2025]. Disponível em: «http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=6543».

Figura 81 - Desenhos rigorosos da proposta.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 82 - Esquisso de trabalho.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 83 - Desenhos rigorosos da proposta.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 84 - Maquete de estudo da fachada.

Fonte: Fotografia do autor, 2025.

Figura 85 - Painéis - Ponto de situação, 21 de março de 2025.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 86 - Maquete de trabalho, 1:200.

Fonte: Fotografia do autor, 2025.

Figura 87 - Esquisso - estudo do sombreamento e detalhes construtivos.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 88 - Muro tipicamente Alentejano.

Fonte: George, Frederico; GOMES, António Azevedo; ANTUNES, Alfredo da Mata - *Arquitectura Popular em Portugal (Alentejo)*. In: *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol. II. 4ª. ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004. ISBN 972-97668-7-8.

Figura 89 - Desenhos rigorosos da proposta - aplicação de cobogó na fachada.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 90 - Esquisso - relação entre espaços em corte | salão no último piso.

Fonte: Desenho do autor.

Figuras 91 e 92 - Escombreira, Vila Viçosa | Desenho sobre fotografia - estrutura metálica sobre "muro" de mármore.

Fonte: Desenho e fotografia do autor, Vila Viçosa, 2025.

Figura 93 - Esquisso - tentativa de levar ao extremo a ideia de um "muro" em pedra mármore que resolve todo o programa.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 94 - Painéis - Ponto de situação, 16 de maio de 2025.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 95 - Maquete de trabalho, 1:200.

Fonte: Fotografia do autor, 2025.

Figura 96 - Esquisso - praça coberta, relações entre espaços.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 97 - Maquetes de estudo da volumetria.

Fonte: Fotografia do autor, 2025.

Figura 98 - Esquisso - discussão em turma do estudo da volumetria.

Fonte: Desenho feito pelo Professor José Neves em aula, 2025.

Figura 99 - Esquisso - uma praça ampla em sombra.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 100 - Desenhos da proposta.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 101 - Esquisso - estudo do afastamento do volume superior relativamente ao edifício e à envolvente urbana.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 102 - Esquisso - relação visual através de uma varanda entre as oficinas e a envolvente.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 103 - Convento do Loios e Convento de S. Bento de Castres, Évora.

Fonte: George, Frederico; GOMES, António Azevedo; ANTUNES, Alfredo da Mata - *Arquitectura Popular em Portugal (Alentejo)*. In: *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol. II. 4ª. ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004. ISBN 972-97668-7-8.

Figura 104 - Plantas da proposta.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 105 - Maquete de trabalho, 1:200.

Fonte: Fotografia do autor, 2025.

Figura 106 - *Lo profundo es el aire*, 1996, Eduardo Chillida | *Espacio para el espíritu*, 1995, Eduardo Chillida.

Fonte: Fotografia do autor, Bilbao, 2025.

Figura 107 - Cortes e alçados da proposta.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 108 - Esquisso - estudo da expressão dos pilares na praça e da volumetria do corpo que a cobre.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 109 - Stones Venue, Associates Architecture.

Fonte: GALEAZZI, Nicolò. [Material gráfico]. [Em linha]. Afasia Archzine. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://afasiaarchzine.com/2025/02/stones-venue-brescia-associates-architecture/associates-architecture-stones-venue-brescia-nicolo-galeazzi-afasia-8/>».

Figura 110 - Painéis - Ponto de situação, 20 de junho de 2025.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 111 - Maquete de trabalho, 1:200.

Fonte: Fotografia do autor, 2025.

Figura 112 - Esquisso - estudo para a transição através da estrutura metálica, entre os pilares e o volume de caráter abstrato.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 113 - Pilares do Mercado do Bairro Padre Cruz, REDO Architects.

Fonte: Fotografia do autor, Lisboa, 2025.

Figura 114 - Maquete de estudo da estrutura metálica sobre os pilares.

Fonte: Fotografia do autor, 2025.

Figura 115 - Pilares sobredimensionados que sustentam elemento natural, Barbacena.

Fonte: George, Frederico; GOMES, António Azevedo; ANTUNES, Alfredo da Mata - Arquitectura Popular em Portugal (Alentejo). In: Arquitectura Popular em Portugal. Vol. II. 4ª. ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004. ISBN 972-97668-7-8.

Figura 116 - Exposição "Scarti" sobre o desperdício da pedra, Francisco Aires Mateus, Galeria Appleton.

Fonte: LOPES, Bruno. [Material Gráfico]. [Em linha]. Lisboa, 2022. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://appleton.pt/francisco-aires-mateus/?lang=pt-pt>».

Figura 117 - Desperdício de mármore em fábrica, Vila Viçosa.

Fonte: Fotografia do autor, Vila Viçosa, 2025.

Figura 118 - Chapas de mármore partidas e com imperfeições.

Fonte: Fotografia do autor, Vila Viçosa, 2025.

Figura 119 - Pavimento de rua com desperdício de mármore | Mint Street, Londres, Michael Anastassiades.

Fonte: REEV, Ed. [Material gráfico]. [Em linha]. Primeira Pedra, Londres, 2018. [Consult. 2025]. Disponível em: «<http://www.primeirapedra.com/projects/mint-street/>».

Figura 120 - Colagem sobre fotografia do Paço Ducal, marcação da métrica dos pilares na praça.

Fonte: Desenho e fotografia do autor, Vila Viçosa, 2025.

Figura 121 - Alçado revestido a mármore.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 122 - Esquisso - estudo da métrica dos vãos e da relação com a praça.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 123 - Desenhos rigorosos dos vãos com detalhes construtivos.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 124 - Desenhos rigorosos da proposta de uma grelha alternativa que redimensiona os espaços.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 125 - Maquete de estudo, 1:200.

Fonte: Fotografia do autor, 2025.

Figura 126 - Painéis - Ponto de situação, 28 de julho de 2025.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 127 - Maquete de trabalho, 1:200.

Fonte: Fotografia do autor, 2025.

Figura 128 - Colagem do pavimento em calçada da praça com marcação da métrica dos pilares em mármore.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 129 - Axonometria do conceito do projeto.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 130 - Perspetiva da praça, presença dos pilares no espaço.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 131 - Desenho rigoroso e esquisso do método construtivo dos pilares.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 132 - Desperdício de blocos de mármore em escombreira, Vila Viçosa.

Fonte: Fotografia do autor, Vila Viçosa, 2025.

Figura 133 - Maquete de estudo - “praça hipostila”.

Fonte: Fotografia do autor, 2025.

Figura 134 - Sala hipostila da Mesquita-Catedral de Córdoba.

Fonte: CUMPLIDO, Manuel Nieto. La Mezquita-Catedral de CORDOBA, 7ª ed. EDITORIAL ESCUDO DE ORO, S.A.. ISBN 84-378-1673-4.

Figura 135 - Esquisso - estudo da estereotomia do revestimento em mármore.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 136 - Colagem da fachada revestida a desperdício de mármore.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 137 - Maquete de estudo em desperdício de mármore para os cantos do edifício e textura do revestimento.

Fonte: Fotografia do autor, 2025.

Figura 138 - Esquisso - estudo para o revestimento em pedra mármore.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 139 - Pormenor de revestimento do Museu da Luz no Alentejo, Pedro Pacheco e Marie Clément.

Fonte: Museu da Luz [Material Gráfico]. [Em linha]. Archdaily, Luz, 2003. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://www.archdaily.com.br/br/803334/museu-da-luz-pedro-pacheco-plus-marie-clement/50103ce828ba0d42220013ac-museum-of-luz-pedro-pacheco-marie-clement-image>».

Figura 140 - Corte construtivo perspetivado.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 141 - Esquisso - estudo para o detalhe da estrutura metálica que faz a transição entre os pilares e o volume abstrato.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 142 - Alçados da proposta final.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 143 - Esquisso - estudo para a métrica e desenho dos vãos.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 144 - Axonometria do conceito dos vãos que encaixam no edifício contrastando com o mármore.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 145 - Desenhos rigorosos do vão da receção.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 146 - Esquisso - estudo das escadas e rodapés.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 147 - Maquete de trabalho - relação entre pisos.

Fonte: Fotografia do autor, 2025.

Figura 148 - Desenhos rigorosos da escada.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 149 - Esquisso - perspetivas interiores do salão, oficinas e café.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 150 - Planta do piso da praça e planta do piso do salão e das oficinas com estereotomia dos pavimentos.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 151 - Esquisso - estudo da cobertura metálica.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 152 - Maquete de estudo para a cobertura metálica.

Fonte: Fotografia do autor, 2025.

Figura 153 - Planta de cobertura.

Fonte: Desenho do autor.

Figura 154 - Corte construtivo da cobertura metálica.

Fonte: Desenho do autor.

Figuras 155, 156, 157, 158, 159 e 160 - Painéis da Proposta Final.

Fonte: Desenho do autor.

Bibliografia

- ACADEMIA PORTUGUESA DA HISTÓRIA (Org.); MENDONÇA, Manuela (Coord.). **Primeiras Jornadas de História de Vila Viçosa: Actas**. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2005.
- Câmara Municipal de Vila Viçosa. Brochura Turística. Vila Viçosa: 2025. [Consult. 2025] Disponível em: «<https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2025/10/Brochura-Vila-Vicosa-web.pdf>».
- Câmara Municipal de Vila Viçosa. **Callipole: Revista de Cultura, n.º 12**. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2004.
- CARNEIRO, André [et al.]. **Vila ducal renascentista – Vol. III: Estudos históricos** [em linha]. Vila Viçosa: Câmara Municipal de Vila Viçosa, 2020. [Consult. 2025] Disponível em: «https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2020/12/VOLUME-III-%E2%80%93-VILA-VICOSA-VILA-DUCAL-RENASCENTISTA-%E2%80%93-Estudios-Historicos_Portugues_compressed.pdf».
- CARNEIRO, André. **A exploração romana do mármore no anticlinal de Estremoz: extração, consumo e organização** [em linha]. Vila Viçosa: Calipolle, nº21, 2014. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://www.marmore-cechap.pt/uploads/media/data_items/0001/05/e8ee895f2a83726245f8499f294dd6a41ed417b8.pdf»
- CARNEIRO, André. **Um primeiro olhar sobre o povoamento romano no concelho de Vila Viçosa** [em linha]. Vila Viçosa: Calipolle, nº21, 2014. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/13119/1/ACarneiro_Callipole.pdf».
- Casa Florbela Espanca. **Da história e do património de Vila Viçosa** [em linha]. [s.l.]: [s.d.]. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://www.casaflorbelaespanca.com/historia-e-patrimonio>».
- CUMPLIDO, Manuel Nieto. **La Mezquita-Catedral de CORDOBA**, 7ª ed.EDITORIAL ESCUDO DE ORO, S.A.. ISBN 84-378-1673-4.
- EENBERGEN, Dominika Joanna van. **Paredes Habitáveis: Arquitectura e Espaço, a Propósito da Análise da Habitação Contemporânea**. Coimbra: Departamento de Arquitectura - FCTUC, 2016. [Dissertação de Mestrado].
- ESPANCA, Joaquim José da Rocha. **Memórias de Vila Viçosa: Cadernos Culturais de Vila Viçosa Nº1** [em linha]. Vila Viçosa: Gráfica Calipolense, 1983. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2022/06/Memorias-de-Vila-Vicosa_N-1.pdf».
- ESPANCA, Joaquim José da Rocha. **Memórias de Vila Viçosa: Cadernos Culturais de Vila Viçosa Nº2** [em linha]. Vila Viçosa: Gráfica Calipolense, 1983. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://www.cm-vilavicoso.pt/wp-content/uploads/2022/06/Memorias-de-Vila-Vicosa_N-2.pdf».
- GALEAZZI, Nicolò. [Material gráfico]. [Em linha]. Afasia Archzine. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://afasiaarchzine.com/2025/02/stones-venue-brescia-associates-architecture/associates-architecture-stones-venue-brescia-nicolo-galeazzi-afasia-8/>».
- George, Frederico; GOMES, António Azevedo; ANTUNES, Alfredo da Mata - **Arquitectura Popular em Portugal (Alentejo)**. In: *Arquitectura Popular em Portugal*. Vol. II. 4ª. ed. Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2004. ISBN 972-97668-7-8.
- Guia Oficial dos Caminhos de Ferro de Portugal** [em linha]. Lisboa: Tipografia das Horas Românticas, 1913. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://purl.pt/276>».
- HALL, Edward T.. **A Dimensão Oculta**. Lisboa: Relógio D'Água, 1986.
- LOPES, Bruno. [Material Gráfico]. [Em linha]. Lisboa, 2022. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://appleton.pt/francisco-aires-mateus/?lang=pt-pt>».
- LOPES, Filipe. **Contribuição para o estudo do aproveitamento e deposição de estêreis de mármore do Alentejo**. Lisboa: Técnico Lisboa, 2023. [Dissertação de Mestrado]
- MARTINS, Rúben. **Rota do Património Industrial do Anticlinal de Estremoz** [em linha]. Évora. Paper. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/7941/1/Paper%20106-Patrim%C3%B3nio%20Estremoz.pdf>».
- Mercado na Praça da República - anos 20. Vila Viçosa [Material Gráfico]. [em linha]. Arquivo fotográfico da Freguesia de Nossa Sra. da Conceição e de São Bartolomeu. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://conceicao-sbartolomeu.pt/ver_galeria_arquivo?page=1#gallery-13».
- Monumentos. **Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 27**. Lisboa: Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, 2007. ISSN: 0872-8747.
- Monumentos. **Revista semestral de edifícios e monumentos, n.º 6**. Lisboa: Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, 1997. ISSN: 0872-8747.
- MOREIRAS, Paulo. **Viagens da Nossa Pedra – mil e uma histórias sobre a pedra portuguesa**. Leiria: Assimagra, 2018. ISBN: 978-989-99802-1-1.
- MOURA, A. Casal [et al.]. **Mármore e calcários ornamentais de Portugal**. A. Casal Moura(INETI), 2007. ISBN: 978-972-676-204-1
- MOURINHA, Nuno; MOREIRA, Noel. **Arqueologia 3.0 – II. Comunicação, Divulgação e Socialização da Arqueologia** [em linha]. Vila Viçosa: Fundação da Casa de Bragança, 2019. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/31521/1/Mourinha%20%26%20Moreira%20%282019%29.pdf>». ISBN: 978-972-9195-53-2.
- Município de Vila Viçosa. **Igreja e Convento das Chagas** [em linha]. 2020. [Consult.

2025] Disponível em: «<https://www.cm-vilaviciosa.pt/locais/%E2%80%8B%E2%80%8Bigreja-e-convento-das-chagas/>».

Município de Vila Viçosa. **Igreja e Convento dos Agostinhos** [em linha]. 2020. [Consult. 2025] Disponível em: «<https://www.cm-vilaviciosa.pt/locais/igreja-e-convento-dos-agostinhos/>».

Município de Vila Viçosa. **Santuário de Nossa Sra. da Conceição** [em linha]. 2020. [Consult. 2025] Disponível em: «<https://www.cm-vilaviciosa.pt/locais/santuario-de-nossa-sra-da-conceicao/>».

Museu da Luz [Material Gráfico]. [Em linha]. Archdaily, Luz, 2003. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://www.archdaily.com.br/br/803334/museu-da-luz-pedro-pacheco-plus-marie-clement/50103ce828ba0d42220013ac-museum-of-luz-pedro-pacheco-marie-clement-image>».

NUNES, Castro; NOÉ, Paula. **Casa Professa de São João Evangelista / Igreja Paroquial de São Bartolomeu de Vila Viçosa / Igreja de São Bartolomeu**, IPA.4372 [em linha]. SIPA- Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. [Consult. 2025] Disponível em: «http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4372».

NUNES, Castro; NOÉ, Paula. **Castelo de Vila Viçosa / Castelo e cerca urbana de Vila Viçosa**, IPA.3927 [em linha]. SIPA- Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. [Consult. 2025] Disponível em: «http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=3927».

PEREIRA, Matilde. **Casa de Vila Viçosa (1959-1963): Ecos das memórias de Nuno Teotónio Pereira e casa de vila viçosa (1959-1963): Nuno Portas sobre Carlo Scarpa**. Porto: Universidade do Porto, 2019. [Dissertação de Mestrado]

Planta Mosteiro de Belém. [Material Gráfico]. [em linha]. Sistema de Informação Para o Património Arquitectónico (SIPA). [Consult. 2025]. Disponível em: «http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=6543».

REEV, Ed. [Material gráfico]. [Em linha]. Primeira Pedra, Londres, 2018. [Consult. 2025]. Disponível em: «<http://www.primeirapedra.com/projects/mint-street/>».

VIEIRA, Eduarda; CORDEIRO, José Manuel Lopes. **Património, Museus e Turismo Industrial: uma oportunidade para o século XXI** [em linha]. CITAR, Escola das Artes, UCP, APPI, 2017. [Consult. 2025]. Disponível em: «https://www.marmore-cechap.pt/uploads/media/data_items/0001/05/4f82707d1bef81424bf74d479ac2b0c6fc5cbf9a.pdf». ISBN: 978-989-20-7252-4.

WESTON, Richard - **Materials, Form and Architecture**. Londres: Laurence King Publishing Ltd, 2008. ISBN: 978-1-85669-555-8.

Apêndice

Figura 1 - Exposição "Scarti" sobre o desperdício da pedra, Francisco Aires Mateus, Galeria Appleton

Entrevista ao Arquiteto Francisco Aires Mateus

Setembro, 2025

No âmbito do Projeto Final de Arquitetura, do Mestrado Integrado em Arquitetura, do ISCTE (Instituto Universitário de Lisboa) estamos a desenvolver, na turma orientada pelo Arquiteto José Neves, um trabalho centrado na noção de “A Arquitetura Detalhada”, a pretexto do programa para uma Casa do Povo, num sítio específico, em Portugal, e da utilização de um material local como material dominante do projeto.

No meu caso, o sítio é Vila Viçosa e o material é a pedra.

Neste contexto, foi-nos proposto que cada um de nós escolhesse livremente um/a Arquiteto/a ou Atelier cuja prática e reflexão constituísse uma referência central para o nosso trabalho enquanto estudantes de arquitetura, por forma a desenvolvermos um curto diálogo, em forma de entrevista, que pudesse decorrer em paralelo com a finalização do trabalho e vir a integrar o documento final a publicar no âmbito da nossa escola.

No meu caso, escolhi o arquiteto Francisco Aires Mateus, não só pelo interesse que tenho na vossa obra construída e pela forma como abordam a questão material dos vossos projetos, mas também pelo interesse que a exposição “Scarti”, realizada na galeria Appleton, me despertou.

1. A Exposição “Scarti” e o “entulho” da pedra

Em 2023, o arquiteto Francisco Aires Mateus, realizou a exposição “Scarti”, na galeria Appleton, em que homenageou o trabalho de João Cutileiro e focou o seu trabalho no desperdício da pedra, utilizando resíduos da extração do mármore das pedreiras.

Nessa ocasião, escreveu:

“Como cicatrizes, as pedreiras são a face visível do consumo exagerado dos recursos naturais, produzindo enormes quantidades de restos.”

Neste momento em que a consciência da utilização dos recursos naturais não pode deixar de ter um papel central na prática da arquitetura, que vantagens reais considera que existem na utilização desses resíduos? Quais as possibilidades reais que considera que poderão oferecer para um projeto?



Começaria por explicar este partido que tomei a partir de uma esculturazinha do Escultor João Cutileiro, que quando foi colega da minha mãe em Belas Artes lhe ofereceu esta peça que pertencia a um conjunto de peças que tinha começado a fazer, de pequenas dimensões, para recuperar exatamente os resíduos das pedreiras e, portanto, transformar aquilo que em teoria é um desperdício e que é um esbanjamento de recursos numa oportunidade artística. Isso interessou-me bastante na medida em que, sendo uma escultura relativamente simples, é muito bonita e muito sugestiva e, correspondia a uma transformação de uma sobra que de outra maneira seria uma coisa estranha largada pela natureza, no meio de escombros. São montanhas e montanhas de desperdícios e, portanto, transformar isso numa oportunidade pareceu-me muito interessante, ainda para mais, numa altura em que se discute precisamente a sustentabilidade. Estas coisas todas, quanto a mim, discutem-se de uma forma um bocadinho paralela, mas isso é um outro assunto. Se nós conseguíssemos, a partir dos desperdícios que temos, produzir artefactos, fazer arquitetura, qualquer que fosse a dimensão artística daquilo que produzíssemos, os desperdícios deixariam de existir como desperdícios ou seriam reduzidos a quase nada. Na verdade, digo sempre a brincar que as duas coisas totalmente utilizadas são a cortiça e o porco. Não sobra nada, nada, nada. Usa-se a cortiça de melhor qualidade para as rolhas de maior qualidade, depois é triturada e faz-se toda a espécie de aglomerados, tecidos, pavimentos. Depois, quando já não sobra nada, ainda é tudo queimado e faz-se o aglomerado negro de cortiça. Não sobra rigorosamente nada. Há uma pequena parte que fica queimada, mas é mesmo residual. Serão eventualmente uns bocadinhos de casca que estão agarrados, mas a cortiça em si é totalmente reciclável. Do porco, todos sabemos que qualquer pé de porco ainda é comido, portanto também não sobra nada. E se na arquitetura conseguíssemos ter um ciclo de produção deste tipo? Seria extraordinário. É o que me faz um bocadinho de confusão, por exemplo, nas construções em madeira. Embora eu goste e ache um material lindíssimo - por exemplo, a minha casa tem um invólucro que praticamente estava cá todo, em alvenaria, mas depois é uma caixa toda em madeira metida lá dentro - extrapolar isso para edifícios em altura, todos em madeira, com dimensões absolutamente absurdas... Tenho as maiores dúvidas. Mas, enfim, este é também um discurso paralelo.

Na mesma ocasião, afirmou também:

“A imperfeição da pedra transforma-se em possibilidade e não em defeito, levando-nos a questionar a noção de beleza e dando não só uma segunda possibilidade a formas e materiais que de outro modo seriam praticamente entulho.”

Os resíduos das pedreiras são caracterizados por essa imperfeição ou irregularidade, em todos os aspetos – dimensionais, formais, geométricos. Como acha que se poderá tirar partido das características únicas de cada um dos fragmentos que constituem esse “entulho”, num projeto de arquitetura, que, por definição, tenderá sempre para uma síntese?

Especificamente, em relação a um projeto de arquitetura não tinha refletido muito sobre isso, porque na exposição a arquitetura entrava, como uma alusão ao espaço, não tanto, digamos, como uma arquitetura-arquitetura. No entanto, estou cada vez mais interessado na pedra, porque interessa-nos - conhecendo a nossa arquitetura, isso é mais ou menos evidente - a mono-materialidade. É sempre disso que andamos à procura, e como vivemos num país relativamente pobre, normalmente é tudo branco, porque é o que é possível construir. O

pladur é muito mais barato que tudo o resto e, portanto, é um bocadinho por aí. A pedra é um material riquíssimo é um material intemporal na arquitetura, seja por adição, seja por extração. Há exemplos lindíssimos de escavações por subtração. As pessoas refugiavam-se em grutas na pré-história. Depois, há um momento na história, em que essa escavação deixa de ser exclusivamente para proteção ou para abrigo e começa a tentar fazer formas. Começa a aparecer o sentido em que a arquitetura é feita por subtração.

Há uma igreja lindíssima em Matera, Itália. É uma igreja pequena, terá uns 15m por 5m, ou talvez, nem tanto. Tem 4 pilares e estes pilares têm capitéis e base e um altar esculpido. Tudo é em negativo. Tudo é o vazio que é escavado e não o contrário. Este ato revela uma consciência arquitetónica em relação ao trabalho que se pode fazer com a pedra. Nós estamos sempre habituados ao contrário, não é? Vamos acumulando pedras e com isso fazemos espaços, monumentos, pirâmides... No Egito estão as coisas mais extraordinárias que se possa imaginar.

Lembro-me também de uma parede lindíssima na Grécia, que era uma parede toda feita a partir de bocados de pedra, mas completamente desconexos: uma mó, um bocado de uma coluna, um fragmento de um capitel, um lintel de pedra. Brescia também tem um edifício desses, lindíssimo, mas há um bocadinho por toda a Itália. Na altura em que se começou a roubar as pedras dos monumentos da arquitetura romana para construir, ao longo da Idade Média, foram-se fazendo n coisas, destruindo o que estava lá, sem a consciência que só se ganha muito mais tarde de ruína e de património. Usava-se o material que estava ali ao lado. Já estava ali cortadinho, certinho com arestas e tudo, portanto era só transportar.

Isto para dizer que a pedra para mim é recurso cheio de possibilidades. Nunca usei fragmentos de pedra, mas estou a pensar fazê-lo o quanto antes. Tenho um projeto em curso que provavelmente não vai ser em mármore, mas a ideia é o completar de uma ruína que está relativamente disforme e à qual é preciso dar um sentido de forma, até porque está numa zona do Algarve em que não posso demolir e vou, portanto, trabalhar a partir daquilo que é uma ruína com pedra. É uma pedra ligeiramente rosada, muito bonita e, portanto, aí sim, vou utilizar pedra com formas irregulares. É uma coisa fascinante.

Há um filme muito bonito de um artista britânico, que se chama Andy Goldsworthy e que trabalha imenso com a natureza e com a passagem do tempo. É um artista que faz instalações que são peças enormes em dois tipos de barro, com tempos de secagem diferentes. O tempo vai passando e à medida que as peças vão secando, reagindo ao tempo, produzem uns efeitos extraordinários. Faz, também, umas instalações com folhas que vão serpenteando pelos riachos e são umas coisas lindíssimas. Também tem outras coisas feitas com lama e terra à volta das raízes das árvores.

Quando vi este filme não sabia que ele fazia imensos muros em pedra. Fazia-os sempre ali ao pé da terra dele. Chamava os senhores que toda a vida fizeram muros, e eles montavam-lhe o muro com o maior à vontade, com umas pedras todas irregulares e o muro podia ter o comprimento que tivesse que ficava sempre impecável. Entretanto, ele foi convidado para fazer um trabalho nos Estados Unidos. Foi para os Estados Unidos todo contente e pensou: "Ah, então aquilo não é tão fácil? Vou eu próprio fazer", e no filme explica que não conseguiu fazer sequer dois metros lineares de muro porque não conseguia encaixar as pedras. Na tradição, estas pedras são todas encaixadas de uma maneira que a parede fica texturada, mas aparentemente lisa, se virmos um bocadinho mais de longe, e fica perfeitamente estável, porque cada pedra vai entalando a outra. Mas aquilo são muitos anos, de experiência que vai

sendo passada de geração em geração, e isso também é um trabalho extraordinário. Gostava muito de aproveitar esta oportunidade para fazer paredes em pedra.

2, A pedra nos projetos do atelier Aires Mateus

Esta procura de uma síntese parece-me particularmente evidente e estimulante no vosso trabalho. Em praticamente todos os projetos do vosso atelier, é visível uma opção por um material predominante que corresponde quase sempre a uma estrutura aparentemente maciça – mesmo que esse material corresponda, na realidade, a um revestimento –, da qual são subtraídas formas para construir espaços.

No Museu des Augustins, em Toulouse, tal como no Centro de Artes de Sines, o material exterior predominante é a pedra.

Qual foi a importância do contexto destes projetos – histórico, cultural e geográfico – para a escolha deste material?

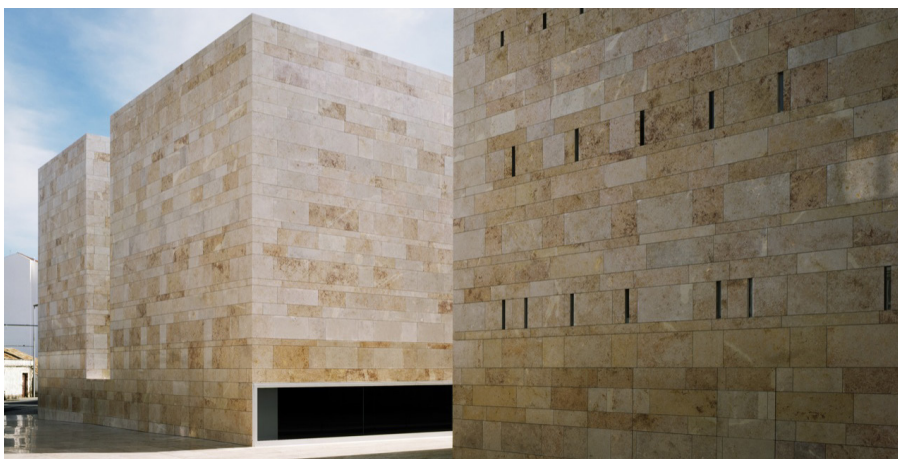


Figura 2 - Museu des Augustins, Toulouse - Aires Mateus

Figura 3 - Centro de Artes, Sines - Aires Mateus

Tem uma certa graça ires buscar estes dois exemplos porque ambos se referem um bocadinho à ideia de porta. Passo a explicar, primeiro Sines, que é mais antigo.

Em Sines, o desafio que nos foi lançado pela Câmara, como primeiro gesto, foi descobrir um lugar para fazer um centro de artes. Centro de artes este que iria congregar um arquivo, que começou por ser um arquivo municipal e depois passou a ser uma coisa mais específica ligada ao espólio artístico, um teatro, que é do grupo de teatro de Sines (eles são absolutamente extraordinários, eu já vi algumas peças e são maravilhosas) e o centro de artes propriamente dito, com espaços de exposição variados e uma biblioteca. A biblioteca era, de todos os espaços, aquela que tinha um programa mais específico. e, e o projeto teve de ser seguido em colaboração com a Torre do Tombo, que é quem congrega, ou congregava, essa valência. Com tudo isto concentrado num edifício, pareceu-nos importante tentar reanimar um bocadinho o centro histórico, que tem um tecido de grande qualidade e o castelo onde se faz todos os anos o Festival Músicas do Mundo, que é uma coisa absolutamente maravilhosa. Já em relação aos edifícios, há muita coisa absolutamente desgraçada como os revestimentos horríveis, as marquises... São coisas que vão destruindo os edifícios, um bocadinho de cada vez, o conjunto começa a ficar bastante frágil e nunca houve uma intervenção de fundo para resolver estas questões. Escolhemos então um lote que era composto por dois terrenos atravessados pela antiga estrada de acesso ao centro histórico, que é mais ou menos perpendicular ao mar. Aliás, estas coincidências são extraordinárias. Descobrimos num mapa de Sines, que é atribuído ao Vasco da Gama, estes dois terrenos marcados a vermelho. Nunca fui fazer uma investigação para a Torre do Tombo para tentarmos ver o que aquilo era, mas graficamente o mapa era lindíssimo. Está assente num papel meio amarelado, todo desenhado a preto, com um barco em cima e estes dois lotes a vermelho. O edifício acaba assim por ser uma espécie de porta de entrada no centro histórico. Tem uma forma mais ou menos de “U” com dois pisos enterrados e estes dois corpos que são completamente cegos, a não ser quando se relacionam com a rua interior. Tem a ver com a ideia que nós já estávamos a perseguir há algum tempo de “como é que nós conseguimos dar a um edifício um carácter eminentemente público?”

Eu, por acaso, tinha ido a Londres e a Igreja St Martin in the Fields, que fica ao lado da National Gallery tem uma programação de música bastante boa e uma coisa absolutamente única, que eu saiba, que é terem os ensaios à hora de almoço e abertos ao público. O facto de os fazerem à hora de almoço é precisamente para que as pessoas possam ver os ensaios quando não estão a trabalhar. Portanto, nitidamente, não é uma coisa feita para turistas. Apanhei aquilo completamente ao acaso e estive a ver um concerto. Foi uma coisa absolutamente maravilhosa porque nós estamos habituados a que o concerto comece, tocam-se as músicas e acaba sem que ninguém pare a meio. Ali são oportunidades únicas de ver o lado dos ensaios, a maneira como aquilo é corrigido, a relação muito aberta com o maestro, porque estão todos na mesma posição, enquanto num concerto, o maestro está ali a dizer como é que é. Ali não. Estão todos a ensaiar.

Essa ideia transportada para a arquitetura levou-nos a fazer aquele piso todo envidraçado e assim as pessoas podem passar e não só ver quem está na biblioteca, a ler ou a ver um vídeo, como também ver os ensaios da companhia de teatro. Por outro lado, durante alguns espetáculos, também se pode abrir as cortinas do teatro, e pode-se estar sentado a ver o mar lá ao fundo e ao mesmo tempo a peça. O ar monolítico que o edifício tem serve, por um lado, para dar este peso que têm as portas de entrada nos castelos e nos centros medievais e, por outro lado, para produzir um contraste suficientemente forte com o envidraçado, de modo a

fazer notar essa transparência. Isto, porque quando passamos na rua vemos transversalmente o edifício todo, desde o arquivo às exposições, em vez de um cartaz a dizer que há uma exposição de não sei quem. Vemos as peças lá ao fundo ou lá em baixo. Esse sentido de comunicação pareceu-nos muito importante do ponto de vista cultural. De certa maneira, a rua já é o átrio do edifício e é aí que se cruzam estas ideias do edifício, cidade, praça, tudo ao mesmo tempo. Tudo se concentra na rua.

A escolha da pedra é um bocadinho a “pedra não pedra”. O Lioz e o Mármore são as pedras, digamos, mais normais. Mas o mármore não é dali e o Lioz também não é dali, mas na zona, ainda assim, há muito mais pedra calcária do que pedra cristalina. Os mármore começam a aparecer muito mais para o interior, já quase em Espanha. Portanto, pareceu-nos que era a pedra indicada para Sines, embora não haja muita pedra naquela zona, mas há alguma. Por exemplo, Santiago do Cacém tem vários edifícios de pedra calcária.

Em Augustins, a questão é um bocadinho diferente. Toulouse é uma cidade lindíssima e o convento des Augustins é um edifício que começou a ser feito no século XV e depois foi andando. Já no fim do século XIX, teve uma remodelação bastante grande, feita pelo Viollet-le-Duc, depois de ter tido umas sucessivas alterações, principalmente no princípio do século XIX, quando começaram a abrir uma série de ruas. Nessa altura destruíram algumas partes do convento inicial, que era medieval, e uma das coisas que foi destruída foi a Capela Ecce Homo, que estava precisamente onde está agora este novo corpo de entrada. Depois dessa destruição toda, ainda se fez este corpo muito grande do Viollet-le-Duc, que é perpendicular à nossa intervenção e esse corpo veio fechar o claustro, embora deste lado da Capela Ecce Homo tenha ficado só o muro do antigo claustro que era um muro fininho. Este era o espaço que havia para fazer a nova entrada no museu, que tinha também como grande requisito do concurso fazer um acesso para o claustro que é o ponto de entrada do museu, mas que fosse - como é que se diz agora? - acessível. Portanto, o problema a resolver era: como é que se descia um metro e qualquer coisa? Não tinha muito mais requisitos. Era os balcões de entrada, a tradicional bookshop – que, entretanto, foi alterada e já não existe - um espaço para dar umas aulas, e um pequeno arrumo. É um programa muito simples.

O que tem uma certa graça em Toulouse é que é mais outro sítio onde não há pedra. Não há absolutamente nenhuma pedra, razão pela qual todos os edifícios tradicionais eram de tijolo e eram rebocados. A partir de determinada altura, foi-se picando os edifícios e recuperando o tijolo que estava por baixo e foi um trabalho de tal maneira impressionante que neste momento o centro histórico de Toulouse parece uma massa de argila gigante, em que foram abertas umas ruas. Parece uma mono matéria mesmo. É uma coisa maravilhosa, embora claro, com as suas variações, como sempre acontecia nestas ocasiões, mesmo quando não era com o tijolo, mas com taipa ou com outras coisas.

Também se vê isso na arquitetura popular portuguesa. Só os elementos de adorno dos elementos mais importantes é que eram em pedra: as entradas, a escada de acesso à igreja, o portal, uma coluna ou outra, um rebordo de janela, uns floreios quaisquer e isso era a pouca pedra que era utilizada. Normalmente vinha toda de barco e depois era usada só nos elementos decorativos e o convento é todo assim. Portanto, as pedras de cantaria fazem janelas ou portais, rosáceas, etc., e tudo o resto é em tijolo. Aquilo que nos pareceu foi que nesse mundo de tijolo, a pedra marca a exceção e nós quisemos desenhar uma espécie de novo portal de entrada no convento. Assim sendo, ele é também uma porta de acesso ao claustro e, por consequência, a todo o museu. Pareceu-nos que fazia muito sentido ser em pedra.

Acabámos por ganhar o concurso porque em vez de fazer as coisas habituais do elevador, ou da rampa, o que fizemos foi desenhar a praça em frente já a descer um bocadinho para se entrar no edifício e, portanto, não há deficientes nem não-deficientes, somos todos iguais. Tínhamos indicado, se não me engano, cinco tipos calcário, para depois termos margem para escolher e depois pedimos ao empreiteiro, que era um tipo extraordinário da pedra, amostras para então escolher.

Nestes casos, que papel desempenhou a pedra e as suas características específicas – formais, expressivas, construtivas – nas primeiras fases do projeto?

A ideia desde o concurso era fazer um edifício que fosse, o mais possível, uma espécie de lintel de entrada: um elemento que era uma pedra que tem lá dentro um espaço escavado, que está de viés em relação ao lancil de entrada e que depois gera esta forma. Esta ideia de um lancil que anuncia a entrada para o edifício, penso que ali só podia ser em pedra. Tentámos ainda, que o edifício fosse rigorosamente todo em pedra, mas não havia dinheiro para isso. As paredes perimetrais da frente do edifício são pedras de 15 cm de espessura, mas houve uma altura em que pusemos a possibilidade de fazer uma parede portante, estrutural. Depois havia uns problemas e teve de se optar por uma estrutura metálica, mas aquela parede de pedra tem uns apoios e não cai se tirarmos a estrutura que está atrás.

Já o espaço de entrada, é um barramento da cor da pedra, mas não é pedra, porque, estruturalmente, também se levantava o problema dos tetos. Era, de facto, muito caro e complicado suspender a pedra, principalmente nestas pedras tipo Lioz. Se fosse mármore era outra coisa. É muito mais rijo, muito mais duro. É fácil de grampear.

No caso do Centro de Artes a pedra só está no exterior. Tudo o resto é estuque.

Qual a importância do detalhe, no seu desenho, num caso e noutro?

A importância do detalhe é total. É absolutamente fundamental. Quanto menos detalhes vejo, mais detalhado foi o edifício. A ausência de detalhe também é um detalhe, ou seja, a tomada tem de lá estar, tudo isso tem de existir, mas como é que se esconde? O detalhe é eu não o ver.

A esse respeito é absolutamente extraordinário o Museu Kolumba do Zumthor, em Colónia, porque a pessoa entra lá e pensa: sim, isto é um museu. Mas não tem nada. Só tem umas paredes e um chão e depois a pessoa começa a ver melhor e há uns furinhos no teto. Nesses furinhos entra uma luz, mas só entra quando é preciso, senão, não entra. Depois, o ar-condicionado entra numa alheta entre o chão e a parede. É uma coisa absolutamente extraordinária. De facto, nos edifícios do Zumthor, a pessoa não vê nada. Só vê matéria e espaço e não vê rigorosamente mais nada.

É muito difícil. Quer dizer, é muito difícil porque é preciso ter o cliente certo ou é preciso que o cliente queira aprender. Nós conseguimos isso muitas vezes em alguns edifícios, como casas ou pequenas coisas privadas. Por exemplo, a capela que vou agora fazer no Alentejo, como é para mim e o terreno é meu, faço o que quiser. Tenho muitos clientes que são assim e o que querem é fazer o que eu achar que é para fazer e acabou, embora eu deteste aquela ideia de que o arquiteto é um sacrossanto. Tudo aquilo que eu não conseguir justificar é porque não é válido. Tudo é para discutir e tudo é para ser visto. Tudo é para ser decidido em conjunto porque só assim é que eu tenho a confiança das pessoas.

Isto para chegar a esta ideia do detalhe em que, de facto, o que eu gostava mesmo era de poder fazer arquitetura com o espírito da capela românica. É para ter luz? Então tenho uma rosácea e entra uma luz ou tenho uns furinhos na parede e entra uma luz. Não há candeeiros, não há interruptores, não há microfones, não há puxadores, não há nada. Há, quando muito, um varão para uma cortina, mas que já foi posto no século XIX porque fazia frio e de resto não há mais nada. Isso é que é lindíssimo. Nós andamos sempre a ver como é que conseguimos arranjar uma iluminação qualquer que seja o mais possível ausente de aparelhos de iluminação. Mas é difícil. Tem de haver interruptores e tem de haver umas coisas dessas. Quanto menos eu vejo à frente, mais está atrás.

Isso tem uma certa graça porque nós, no princípio da nossa carreira, tínhamos aquela ideia de que “eu primeiro decido o projeto e depois logo vou fazer uns detalhes”, mas depois surpreendíamos-nos sempre como é que o Siza conseguia não ter problemas. Como é que ele não tinha problemas com o rodapé? Como é que ele não tinha problemas com sei lá o quê? O que acontece é que o Siza não resolve isso quando tem de fazer o detalhe. O Siza resolve isso quando desenha a escada ou quando desenha o edifício. Quando define um conceito para o edifício, se isso estiver definido à partida, é muito mais fácil ter os detalhes controlados. É evidente que sobram sempre umas coisas que é preciso afinar, até porque às vezes há surpresas nas obras principalmente quando são remodelações, mas eu diria que o detalhe é definido à partida. É definido à partida um conceito que depois informa o detalhe. Por exemplo, se uma coisa é mono matérica, não tenho de voltar a dizer que é tudo em pedra. É tudo em pedra. Depois, como é que eu ponho a pedra? Tenho dinheiro para pôr blocos de pedra maciça de 1m por 1m? Talvez não, portanto, vou arranjar pedra colada a 45°.

Digo sempre aos meus alunos que há uma coisa fundamental que é haver um conceito. Deve haver uma ideia de partida porque esse é o único património que vocês têm para constantemente irem fazendo perguntas. Vamos lá ver se isto ainda está de acordo com aquilo que eu tinha definido para o projeto. E pode alterar, claro. O que eu tenho de ter é um conceito que seja forte. Se no processo descubro um conceito melhor, seria estúpido não mudar. Essa era outra coisa que quando me formei dizíamos sempre “a primeira ideia é que é melhor”. Mas não. Obviamente, a última é que é a melhor.

Créditos de Imagens

Figura 1 - Exposição “Scarti” sobre o desperdício da pedra, Francisco Aires Mateus, Galeria Appleton.

Fonte: LOPES, Bruno. [Material Gráfico]. [Em linha]. Lisboa, 2022. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://appleton.pt/francisco-aires-mateus/?lang=pt-pt>».

Figura 2 - Museu des Augustins, Toulouse - Aires Mateus

Fonte: MATEUS, Aires. [Material Gráfico]. [Em linha]. Lisboa. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://www.archdaily.com.br/br/907041/aires-mateus-projeta-ampliacao-do-museu-de-belas-artes-de-toulouse/5c0000ad08a5e5a892000085-aires-mateus-reveals-design-for-the-toulouse-fine-art-museum-image>».

Figura 3 - Centro de Artes, Sines - Aires Mateus

Fonte: MALHÃO, Daniel. Centro de Artes em Sines. [Material Gráfico]. [Em linha]. Archdaily, Sines, 2009. [Consult. 2025]. Disponível em: «<https://www.archdaily.com.br/br/01-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus/09-14>».

Anexos

A ARQUITECTURA DETALHADA

A arquitectura é a arte de organizar o espaço e expressa-se através da construção.

Auguste Perret

Tinha feito a casa e estava muito contente; o Kahn chegou e perguntou: «e de que é que se vai construir?» Eu fiquei muito irritado e respondi-lhe: «sei lá, não faço a mínima ideia, no meu país as coisas constroem-se com uns panos de tijolo e depois reboca-se tudo e pinta-se de branco.» «Aí é que você se engana; porque os materiais estão ao serviço do espaço. Se imagina um espaço íntimo, recolhido, com pequenos vãos, interiorizado, escuro, com pequenos orifícios praticados nas paredes, está a falar de tijolo; se imagina espaços maiores, com vãos maiores, com uma construtividade não tão aparente, mais escamoteada, com grandes aberturas, com muros mais ambíguos que tanto podem ser lâminas como grossas paredes, está a pensar em betão; se imagina uma coisa ténue, mais frágil, estará a pensar em madeira ou aço e finalmente, se pensa em qualquer coisa que não caiba neste reportório de materiais repertoriáveis, então está à beira de ter que inventar um novo material; o ser capaz de o inventar ou não, será o teste de validade do seu desejo, do espaço que você finalmente pretende.»

Manuel Vicente (entrevistado por Manuel Graça Dias)

Deus está nos detalhes.

Gustave Flaubert, Aby Warburg, Mies van der Rohe

INTRODUÇÃO

De todos os medos que comem a alma dos estudantes de arquitectura, um dois maiores é o medo da matéria e do detalhe.

Pegando na definição de Perret, a maioria dos melhores trabalhos de projecto feitos na escola ao longo do curso vão muito longe no que diz respeito à organização do espaço, mas raramente se expressam através de uma hipótese de construção – isto é, da constituição material e do detalhe.

As manchas e as cores que normalmente preenchem os desenhos de apresentação dos exercícios de projecto devem-se muito mais às facilidades oferecidas pelos meios do que ao resultado de um trabalho de projecto sobre a constituição material da arquitectura e da imaginação da experiência dela pelo corpo – digo aqui corpo, na sua inteireza: física, sensual, existencial, social, cultural, filosófica.

Como acontece, de resto, a todo o passo, na edificação corrente.

Pintam-se as superfícies de branco ou de cor de rosa, como se “pintam” de betão, de madeira ou de pedra, cada um destes materiais ditos, pensados e representados como se não distinguíssemos mais do que um animal quando vemos um cão, um gato ou um rato, nem sequer uma sua imitação.

O enunciado que se segue, parte do princípio de que o 5º ano talvez seja uma boa altura para desfazer esse bicho de sete cabeças.

A materialidade e o detalhe não são segredos misteriosos e inacessíveis.

O seu conhecimento e domínio assenta num trabalho contínuo, que se prolonga pela vida fora, de curiosidade, de observação, de estudo, de crítica, de risco, como não pode deixar de ser com todo o trabalho de arquitectura, sabendo que (como Álvaro Siza tão simples e evidentemente diz):

O arquitecto não pode saber de nada a fundo. O arquitecto é especialista em não ser especialista de coisa nenhuma.

1. TEMAS

A reflexão, o diálogo e todo o trabalho a desenvolver durante o ano, reconhecendo a arquitectura enquanto um ofício que pressupõe um tempo próprio, um conjunto de meios e uma ética, serão norteados pelos seguintes temas e oposições:

- O projecto de arquitectura enquanto andamento e sequência de procedimentos que tendem para uma materialização.

A única maneira de entender uma obra é experimentar fisicamente o lugar, e você não pode ter uma experiência de espaço fora do lugar e do espaço onde você está. (Richard Serra)

vs.

A arquitectura real apenas existe nos desenhos. O edifício real existe fora dos desenhos. (Peter Eisenman)

- O projecto de arquitectura enquanto confluência – vai e vem – do trabalho sobre as várias escalas do espaço construído: do território, da cidade, da casa, do corpo, da mão.

Idealmente, o projecto poderia ser descrito de duas maneiras opostas:

como um movimento de procura, linear ou em espiral, no curso do qual todos os passos de um projecto são trabalhados numa sequência lógica

vs.

como um trabalho simultâneo em todos os aspectos do projecto. (Christian Gänschirt)

- As circunstâncias e as condicionantes como dados e estímulos do projecto de arquitectura.

Limitations seem to have always been the best friends of architecture. (Frank Lloyd Wright)

vs.

Reclamo para os arquitectos os direitos e as liberdades que os pintores e os poetas têm há muito tempo. (Pancho Guedes)

- Os limites do projecto e do objecto projectado.

É possível assemelhar a cidade a um grande artefacto, uma obra de engenharia e de arquitectura, maior ou menor, mais ou menos complexa, que cresce no tempo. (Aldo Rossi)

vs.

Como é que nos relacionamos com as condições existentes quando sabemos que elas poderão deixar de existir em alguns anos? (Richard Rogers)

- A atenção minuciosa e o olhar crítico sobre a experiência quotidiana e a arquitectura, como formação de um tesouro pessoal e de um património comum.

O tempo linear é uma invenção do Ocidente, o tempo não é linear, é um maravilhoso emaranhado onde, a qualquer instante, podem ser escolhidos pontos e inventadas soluções, sem começo nem fim. (Lina Bo Bardi)

- O trabalho da arquitectura como administração de dúvidas.

2. MÉTODO

“O projecto de arquitectura pressupõe, por definição, a previsão e o plano de uma realidade que ainda não existe (do latim *projectus*: lançado para diante). Neste sentido, a escolha dos meios, técnicas e processos envolvidos no projecto, bem como os modos da sua utilização, foram desde sempre absolutamente determinantes. A disseminação do desenho assistido por computador assenta, para já e em grande medida, sobre uma aceitação implícita das convenções do desenho arquitectónico que herdámos, tendo estabelecido, entretanto um novo predomínio da representação perspéctica. Paradoxalmente, esta aceitação das técnicas de representação parece coincidir, neste momento, com uma dificuldade crescente em lidar com elas durante o acto de projectar, tal como a crença renovada na perspectiva cónica hiper-realista parece coincidir com uma atenção e uma curiosidade cada vez menores sobre a realidade sensível. A suposta rapidez que estes meios e instrumentos permitem, convidam, por outro lado, à eliminação dos processos de tentativa e erro associados ao projecto.”

Isto foi escrito há precisamente dez anos e penso que, mesmo tendo em conta os desenvolvimentos da chamada algoritmização também no campo da arquitectura, poderia ter sido escrito hoje.

Há momentos em que um passo atrás pode não só evitar a queda num precipício, mas pode permitir, também e sobretudo, andar em frente.

As aulas começarão com a apresentação do filme *Onde Jaz o Teu Sorriso?* (Pedro Costa, 2001) em que esta hipótese está presente de forma fulgurante, e que será um mote para todo o trabalho a realizar durante o ano

O trabalho de projecto assentará sobretudo sobre a prática do desenho arquitectónico à mão (não digital) e da maquete de trabalho, em várias escalas.

As aulas decorrerão com a discussão sistemática dos trabalhos em curso, entre o colectivo da turma, intercaladas por:

- visitas de estudo a obras de arquitectura, em construção e concluídas, ligando a observação e a experiência directa (não virtual) das obras à análise das suas representações gráficas;
- sessões com convidados exteriores à escola.

Com o desenvolvimento do projecto, cada aluno escolherá um/a Arquitecto/a, cuja prática e reflexão constituam uma referência central para o seu trabalho, enquanto estudante de arquitectura, por forma a desenvolver um diálogo, em forma de entrevista.

Mas, sobretudo, tal como acontece em todos os projectos: *o trabalho vai descobrir-se com o trabalho.*

3. PROGRAMA

Pressupõe-se, habitualmente, que um projecto no 5º ano deve ser uma espécie de corolário de um percurso progressivo, em termos de dimensão e complexidade programática, optando-se quase sempre por programas especiais, extensos, complexos, à escala da cidade ou do território.

Iremos, também relativamente a este hábito, caminhar no sentido inverso.

Cada aluno fará um projecto, cujo contexto e dimensão assentará sobre esta verdade enunciada por Alvar Aalto:

É mais fácil construir uma grande ópera ou um centro de uma cidade do que construir uma casa.

Setembro de 2024



José Neves